

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE



RE

PORTUGAL, Alpoim Alves  
*«A Jovem Doutora»*

REIS, Manuel Fernandes  
*Teresa de Lisieux.  
Uma Santa Jovem*



# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

## SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

*«A Jovem Doutora»* ..... 163

MANUEL FERNANDES DOS REIS

*Teresa de Lisieux. Uma Santa Jovem* ..... 165

---

NÚMERO 19

Julho - Setembro 1997

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

---

---

## Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

## Director

P. Alpoim Alves Portugal  
Centro de Espiritualidade  
4630 AVESSADAS

☎ 055.534207 – Fax 534289

## Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal  
P. Jeremias Carlos Vechina  
P. Manuel Fernandes dos Reis  
P. Mário da Glória Vaz  
P. Pedro Lourenço Ferreira

## Redacção e Administração

Edições Carmelo  
Rua de Angola, 6  
2780 PAÇO DE ARCOS

☎ – Fax 01.4433706

Assinatura Anual (1997) .....	2.850\$00
Espanha .....	Ptas 2.700
Estrangeiro .....	USA \$ 35
Número avulso .....	800\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

## «A JOVEM DOUTORA»

ALPOIM ALVES PORTUGAL

No passado dia 24 de Agosto, aniversário da Reforma realizada por Santa Teresa de Jesus, encontrando-se, o Santo Padre João Paulo II, em Paris, para a Jornada mundial da Juventude, teve ocasião de anunciar oficialmente que declarará, na Basílica de S. Pedro, em Roma, no próximo dia 19 de Outubro do presente ano de 1997, Dia mundial das Missões, Santa Teresa do Menino Jesus como Doutora da Igreja.

Segundo a carta circular do Pe. Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços de 24 de Agosto de 1997, «foi um espectáculo comovente ver como um milhão de jovens de todo o mundo aclamavam esta decisão do Papa: aplausos, gritos de júbilo, ondear de bandeiras, alegria estampada no rosto de cristãos de todas as raças, línguas e nações. Deus, mais uma vez, nos surpreende com esta nossa irmã, na qual se desfazem tantos esquemas da lógica humana, para afirmar a iniciativa divina que escolhe a quem quer e quando quer para realizar as suas obras e manifestar a grandeza do seu poder e da sua acção a quem se abre confiadamente ao seu amor misericordioso para cumprir a Sua vontade».

«O Papa, prossegue ainda a carta, ao terminar a Missa, depois de ter dado o anúncio, descreveu a pessoa e a doutrina da nossa irmã e os motivos para a declarar Doutora, após um “estudo atento” e muitas petições da Igreja universal. Invocou Teresa de Lisieux como jovem carmelita que viveu plenamente do amor de Deus oferecendo-se radicalmente ao seu

amor e sabendo praticar, na simplicidade da vida quotidiana, o amor fraterno. Ela, disse, imitou Jesus sentando-se à mesa dos pecadores, seus irmãos, para que eles fossem purificados pelo amor, porque estava animada do ardente desejo de ver todos os homens iluminados pela luz da fé. Ela, acrescentou o Santo Padre, descobriu que a sua vocação foi a de ser no coração da Igreja o amor e traçou o “pequeno caminho” das crianças que se abandonam a Deus com uma confiança audaz. O centro da sua mensagem é a sua atitude filial, proposta a todos os fiéis. “Os seus ensinamentos, verdadeira ciência do amor”, são a expressão luminosa do seu conhecimento sobre o mistério de Cristo e da sua experiência pessoal da graça. Ela ajuda os homens e mulheres de hoje, e ajudará os de amanhã, a perceber melhor os dons de Deus e a difundir a Boa Nova do amor infinito».

«O Papa chamou-lhe “carmelita e apóstolo, mestra de sabedoria espiritual para muitas pessoas consagradas e leigos, padroeira das Missões”. Acentuou que ela “ocupa um lugar de primeira ordem na Igreja e que a sua eminente doutrina merece ser recordada como das mais fecundas”. Terminou afirmando que quis dar o anúncio do Doutoramento de Teresa de Lisieux diante dos jovens porque ela, jovem santa tão presente no nosso tempo, tem uma mensagem particularmente apta para a juventude. Na escola do Evangelho, ela abre aos jovens o caminho para a maturidade cristã “encaminhando-os para uma generosidade infinita e convidando-os a ser no coração da Igreja os apóstolos e as testemunhas ardentes do amor de Cristo”. Com os jovens, invocou Teresa de Lisieux para que ela conduza os homens e mulheres do nosso tempo pelo caminho da Verdade e da Vida. E terminou o seu discurso com estas palavras: “com Teresa do Menino Jesus dirigamo-nos à Virgem Maria a quem ela louvou e invocou com filial confiança durante a sua vida”».

Santa Teresa do Menino Jesus reuniu, na verdade, as condições necessárias para merecer este título de Doutora da Igreja, ela que quis «ser o amor no coração da Igreja, sua mãe»: santidade canónica, doutrina eminente e declaração pontifícia.

Nós vamos continuar a acompanhar Santa Teresinha desde estas páginas da *Revista de Espiritualidade*. Neste número apresentamos este belo estudo sobre a *Jovem Santa, Teresa de Lisieux*: esta mulher jovem será um verdadeiro estímulo para tantos jovens do mundo inteiro que, nos umbrais do terceiro milénio, procuram «razões de viver».

# TERESA DE LISIEUX

## Uma Santa Jovem

MANUEL FERNANDES DOS REIS

«A 30 de Setembro de 1997 celebraremos o centenário da morte de santa Teresa de Lisieux. Sem dúvida que, na sua pátria, a sua figura chamará a atenção dos jovens peregrinos, porque Santa Teresinha é *uma santa jovem* que propõe hoje de novo este simples e sugestivo anúncio, cheio de estupor e de gratidão: Deus é Amor, cada pessoa é amada por Deus, que espera que cada um o acolha e o ame. Uma mensagem que vós, jovens de hoje, estais chamados a acolher e a gritar aos vossos coetâneos: “O homem é amado por Deus! Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem” (*Christifideles laici*, n. 34). Da juventude de Teresa do Menino Jesus brotou o seu entusiasmo pelo Senhor, a grande sensibilidade com que viveu o amor, a audácia, não ilusória dos seus grandes projectos. Com a atracção da sua santidade, confirma que Deus também concede aos jovens, com abundância, os tesouros da sua sabedoria. Recorrei com ela o caminho humilde e simples da maturidade cristã, na escola do Evangelho. Permaneci com ela no “coração” da Igreja, vivendo radicalmente a opção por Cristo».<sup>1</sup>

«Nada mais sou do que a própria fraqueza  
Tu bem sabes, meu Deus! não tenho virtudes...  
Mas também sabes que o único amigo que amo

---

<sup>1</sup>J. Paulo II, *L'Osservatore Romano*, ed. esp., n. 34, de 23 de Agosto de 1996, pp. 4-5.

Aquele que me encantou, és tu, Doce Jesus!...  
 Quando no meu coração jovem se acendeu este fogo  
 Que se chama o amor, tu vieste reclamá-lo...  
 E só tu, ó Jesus! pudestes contentar uma alma  
 Que tinha uma infinita ânsia de amar».<sup>2</sup>

«A vós, jovens, digo: *se sentirdes o chamamento do Senhor, não o recuseis! Entrai, antes, corajosamente nas grandes correntes de santidade, que foram iniciadas por santos e santas insignes* no seguimento de Cristo. Cultivai os anseios típicos da vossa idade, mas aderi prontamente ao projecto de Deus sobre vós, se *Ele vos convida a procurar a santidade na vida consagrada*. Admirai todas as obras de Deus no mundo, mas sabei fixar o olhar sobre aquelas realidades que jamais terão ocaso. O terceiro milénio aguarda a contribuição da fé e da inventiva de uma multidão de jovens consagrados, para que o mundo se torne mais sereno e capaz de acolher a Deus e, n'Ele, todos os seus filhos e filhas».<sup>3</sup>

## I

### «A flor que vai contar a sua história»

A «história da sua vida», que veio a ser conhecida como «*História de uma Alma*», é a história de uma jovem, nascida a 2 de Janeiro de 1873, em Alençon, que ela própria titula, aos 22 anos, em Janeiro de 1895, como «*História primaveril de uma pequena Flor branca escrita por ela mesma*».<sup>4</sup>

Na verdade, a sua é uma autêntica «história da salvação», onde não falta o chamamento de Deus, nem a resposta de fidelidade humana: «a graça de ser *chamada* tão jovem e de ser *fiel*».<sup>5</sup> É à luz deste chamamento gratuito de Jesus, que entende o mistério da sua própria vida, como resposta à vontade de Deus.

«Abrindo a seguir o Santo Evangelho, os meus olhos caíram sobre estas palavras: – “Tendo Jesus subido a um monte, chamou a

<sup>2</sup> P 53, 2. 5. Uma olhadela pelo vocabulário de Teresa dá-nos conta da estatística que se segue: o termo «jeune» (jovem / nova) aparece 56 vezes nos seus textos e o de «jeunesse» (juventude) surge 16 vezes (Cf. *Les Mots de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus. Concordance Générale*, Cerf, 1996).

<sup>3</sup> J. Paulo II, VC n. 106.

<sup>4</sup> Ms A, 2 rº.

<sup>5</sup> Ct 41.



Si os que *lhe aprouve*; e vieram a Ele” (S. Marcos, cap. III, v. 13). Eis todo o mistério da minha vocação, da minha vida inteira e sobretudo o mistério dos privilégios de Jesus para com a minha alma... Não chama aqueles que são dignos, mas aqueles que *lhe agrada* ou como diz S. Paulo: “Deus tem piedade de quem ele quer e faz misericórdia a quem quer fazer misericórdia”. (Ep. aos Rom. cap. IX, v. 15 e 16)».<sup>6</sup>

Vida escrita como «teologia», que «mostra a grandeza infinita de Deus», como «cristologia», que evidencia como «Nosso Senhor se ocupou tão particularmente da sua alma como se não houvesse outra».

«Não é, portanto, a minha vida propriamente dita que vou escrever, são os meus *pensamentos* acerca das graças que Deus se dignou conceder-me».<sup>7</sup>

Vida cantada como *sinal da ternura de Deus para com o género humano*,<sup>8</sup> anunciada como Evangelho das *misericórdias divinas*.

«Parece-me que se uma florzinha pudesse falar, diria simplesmente o que Deus fez por ela, sem querer ocultar os seus benefícios (...) A flor que vai contar a sua história alegra-se de poder anunciar as providências totalmente gratuitas de Jesus, reconhece que nada nela era capaz de atrair os seus olhares divinos e que somente a sua misericórdia fez tudo o que nela há de bom...».<sup>9</sup>

Vida em duas metades repartida, vida em dois hemisférios unida, em duas famílias vivida.

«Foi Ele quem a fez nascer numa terra santa e como que toda impregnada dum *perfume virginal*. Foi Ele quem a fez preceder por oito Lírios de esplendorosa brancura. No seu amor, quis preservar a sua florzinha do sopro envenenado do

<sup>6</sup> Ms A, 2 r°. O amor eterno de Deus (Ef 1, 4), que se expressou, tanto no primeiro olhar do Criador (Gn 1, 31), quanto no «olhar amoroso» do Salvador (Mc 10, 21), é o resumo e a síntese de toda a Boa Nova (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 7). Teresa que compreendeu o mistério da sua vida, à luz desta chamada gratuita de Jesus, como resposta de cumprimento perfeito da vontade de Deus, representa bem, com o seu «tudo é graça», o mistério de graça, que é a vocação e a missão cristã.

<sup>7</sup> Ms A, 3 r°.

<sup>8</sup> «Não vou fazer mais do que uma coisa: Começar a cantar o que devo repetir eternamente - “As Misericórdias do Senhor” (SI 88, 2) (Ms A, 2 r°). «É com alegria que venho cantar junto de vós as misericórdias do Senhor» (SI 102, 8) (Ms A, 3 v°). O «carisma» do «Magnificat lucano» de Maria converte-se no «carisma» do «Magnificat» de Teresa, que «resume em poucas palavras o que Deus fez por mim» (Ms A, 4 r°), em quem «tudo é graça» (CA 5.6.4).

<sup>9</sup> Ms A, 3 v°.

mundo; mal a corola se lhe começava a entreabrir logo o divino Salvador a transplantou para a montanha do Carmelo onde os dois Lírios que a haviam cercado e docemente embalado na primavera de sua vida espalhavam já suave perfume... Sete anos passaram, depois que a florzinha tomou raízes no jardim do Esposo das virgens e agora *três* Lírios baloioçam junto dela as odorantes corolas; pouco mais longe um outro lírio desabrocha sob os olhares de Jesus e as duas hastes abençoadas que deram origem a estas flores estão agora reunidas para sempre na Pátria Celeste... Lá foram encontrar os quatro Lírios que a terra não viu crescer... Oh! que Jesus se digne não deixar ainda por muito tempo nesta praia estranha as flores ainda em exílio; que em breve o ramo de Lírio se complete no Céu!».<sup>10</sup>

«Vida de infância», entendamos familiar, por ela cronologicamente tripartida em três vidas,<sup>11</sup> «vida de carmelita», começada aos 15 anos<sup>12</sup> e terminada quase aos 25 anos.<sup>13</sup> Vida vivida na «*certeza* dum chamamento Divino» e na vontade de responder a «Jesus só»,<sup>14</sup> vida vivida na incerteza de quem não adivinha o futuro, e na certeza em quem «nunca falta».<sup>15</sup>

«Aí tendes, minha querida Madre, tudo o que posso dizer-vos sobre a vida da vossa Teresinha, conheceis muito melhor por vós mesma, o que ela é e o que Jesus fez por ela, e portanto perdoar-me-eis por ter resumido bastante a história da sua vida religiosa... Como acabará ela, esta «história duma florzinha

<sup>10</sup> Ms A, 3 vº -4 rº.

<sup>11</sup> «Na história da minha alma até à entrada para o Carmelo distingo três períodos bem distintos; o *primeiro* apesar da sua curta duração não é o menos abundante em recordações; vai desde o despertar da razão até à partida da nossa querida Mãe para a pátria dos Céus» (Ms A, 4 rº). «Como já disse, foi a partir desta época da minha vida que tive de entrar no *segundo* período da minha existência, o mais doloroso dos três, sobretudo depois da entrada para o Carmelo daquela que eu escolhera como segunda “Mamã”. Este período estende-se desde a idade de quatro anos e meio até à de catorze anos, época em que voltei a encontrar o meu carácter *de criança* ao mesmo tempo que entrava na seriedade da vida» (Ms A, 13 rº). «Nesta noite de luz começou o *terceiro* período da minha vida, o mais belo de todos, o mais cheio de graças do Céu...A obra que eu não pudera realizar em 10 anos, realizou-a Jesus num momento contentando-se com a boa vontade que nunca me tinha faltado» (Ms A, 45 vº).

<sup>12</sup> «Foi escolhida para a minha entrada, a segunda-feira, 9 de Abril, dia em que o Carmelo celebrava a festa da Anunciação, trasladada por causa da Quaresma» (Ms A, 68 vº).

<sup>13</sup> Quinta-feira, 30 de Setembro de 1897, dia da sua preciosa morte (CA 30.9).

<sup>14</sup> P. 36. «Queria ir para o Carmelo não por causa de *Paulina* mas *só* por *Jesus*» (Ms A, 26 rº). «O apelo Divino era tão premente que se fosse preciso *atravessar* as *chamas* tê-lo-ia feito para ser fiel a Jesus» (Ms A, 49 rº).

<sup>15</sup> «Sou *muito jovem* e, no entanto, o Senhor, fez-me já *experimentar* várias vezes que *Ele nunca abandona* aqueles que unicamente O procuram» (RP 8, 5 rº).

branca?»... Talvez a florzinha seja colhida na sua frescura ou antes transplantada para outras margens... ignoro-o, mas do que estou certa é que a Misericórdia do Bom Deus a acompanhará sempre, e que ela jamais cessará de bendizer a Madre querida que a deu a Jesus; eternamente se regozijará de ser uma das flores da sua coroa... Eternamente cantará com esta querida Madre o cântico sempre novo do Amor...».<sup>16</sup>

Eis como Teresa conta a história da sua vida de amor puro e louco – «o que ela é» – como presença contínua da Misericórdia de Deus – «o que Jesus fez por ela» –, certa de que, cantando eternamente a juventude do amor, «o cântico sempre novo do Amor», «todo o mundo a amará».<sup>17</sup>

## II

### «A minha vida de criança»

Certa de que a Misericórdia de Deus a acompanhará sempre, certa de que a Misericórdia de Deus a acompanhou desde sempre.<sup>18</sup> Se «é próprio do amor o abaixar-se»,<sup>19</sup> com ela, abaixou-se já desde o aconchego e amparo de seus «incomparáveis pais».

«Sem dúvida, Jesus queria, em seu amor, fazer-me conhecer a Mãe incomparável que me tinha dado, antes de a sua mão Divina se apressar a coroa-la no Céu!... Toda a minha vida Deus me quis rodear de *amor*, as minhas primeiras recordações estão marcadas por sorrisos e pelas carícias mais ternas!... mas se acumulou tanto *amor* junto de mim, também colocou muito dentro do meu coraçãozinho, criando-o afectuoso e sensível, de modo que amava intensamente o Papá e a Mamã e lhes testemunhava de mil maneiras a minha ternura, pois era muito expansiva».<sup>20</sup>

<sup>16</sup> Ms A, 84 vº.

<sup>17</sup> CA 1.8.2.

<sup>18</sup> Diz o Espírito por sua mãe : «tem um lindo *rosto de predestinada*» (Ms A, 6 vº). Diz o Espírito por meio dela própria: «Pensei que tinha *nascido para a glória*» (Ms A, 32 rº).

<sup>19</sup> Ms A, 2 vº.

<sup>20</sup> Ms A, 4 vº. «A infância é primordial em Santa Teresinha do Menino Jesus...O amor será para sempre a alma de sua doutrina como de sua vida» ( M. M. Philipon, *Santa Teresinha de Lisieux. Um Caminho Todo Novo*, Rio de Janeiro, 1958, pp. 21-22). Reflexo deste seu aprender a amar, ao ser amada pelos pais, será, talvez, a conclusão pedagógica, que formulará mais tarde, «quando Deus lhe proporcionou a consolação de contemplar de perto *almas de crianças*»: «Assim como os passarinhos aprendem a *cantar* ouvindo os pais, assim as crianças aprendem a ciência das virtudes, o

Este «meio divino» da Misericórdia divina, que a «precedeu desde a infância»,<sup>21</sup> no seu ambiente familiar paterno e materno, completa-se no «campo afectivo» de uma óptima relação com suas queridas irmãs, Maria, Paulina, Leónia e Celina.<sup>22</sup>

«Orgulhava-me muito das duas irmãs mais velhas, mas a que era o meu ideal de criança, era *Paulina* (...) Com frequência ouvia dizer que com certeza Paulina havia de ser *religiosa*; então sem saber bem o que era isso, pensava: «Também *eu hei-de ser religiosa*». É uma das minhas primeiras recordações e depois, nunca mais mudei de resolução!... Fostes vós, minha querida Madre, quem Jesus escolheu para me orientar para Ele, não estáveis então perto de mim, mas já um laço se tinha formado entre as nossas almas... éreis o meu *ideal*, queria ser semelhante a vós e foi o vosso exemplo que desde os dois anos me encaminhou para o Esposo das virgens».<sup>23</sup>

Na «comunhão de santos», daquela família cristã, era como a providência previa a educação desta «criança encantadora», através da «virtude» dos pais e dos «bons exemplos» das irmãs, o «crescimento» rápido da sua flor, prodígio de uma «natureza», que acolhia a semente da «graça», na «terra boa» de um «coração generoso», que haveria de «frutificar cem por um».

«Com natureza assim, se fosse educada por Pais sem virtude ou então se como a Celina tivesse sido amimada por Luísa, ter-me-ia tornado muito má e talvez me tivesse perdido... Mas Jesus velava pela sua noivazinha, quis que tudo contribuisse para seu bem, até mesmo os defeitos que, muito cedo reprimidos, lhe serviram para crescer na perfeição... Como ao *amor próprio*

---

*canto* sublime do Amor Divino, junto das almas encarregadas de as formar para a vida» (Ms A, 53r<sup>o</sup>).

<sup>21</sup> Ms C, 35 r<sup>o</sup>.

<sup>22</sup> «Gostava muito da minha querida *madrinha*» (Ms A, 4 v<sup>o</sup>). «A que era meu *ideal* de criança era Paulina» (Ms A, 6 r<sup>o</sup>). «A minha querida Leóniazinha tinha também um grande lugar no meu coração» (Ms A, 6 r<sup>o</sup>). «A minha querida Celina, a companheirazinha da minha infância... ainda que três anos e meio mais nova, parecia-me que éramos da mesma idade» (Ms A, 7 r<sup>o</sup>).

<sup>23</sup> Ms A, 6 r<sup>o</sup>. «O chamamento de Cristo, feito ao jovem, «segue-me», faz-se ouvir, a maior parte das vezes, *desde o período da juventude*; em certos casos, é mesmo advertido já durante a infância» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 8). É, como acabamos de ver, o caso de Teresa de Lisieux, que, desde os dois anos, percebe já, sem bem perceber, que Jesus a chamava para ser religiosa, pelo exemplo daquela que era o seu *ideal*, a sua irmã Paulina. No comentário à parábola dos trabalhadores da vinha do Senhor (Mt 20, 1- 16), S. Gregório Magno afirma que «uns são chamados por Jesus à santidade de vida durante a infância, outros na juventude... A hora sexta é a juventude: o sol está como no zénite do céu, isto é, nesta idade reforça-se a plenitude do vigor» (J. Paulo II, *CFL* n. 46).

aliava o *amor do bem*, logo que comecei a pensar com seriedade (o que sucedeu desde muito pequena) bastava dizerem-me que uma coisa não estava *bem*, para não ser preciso que mo repetissem segunda vez... Vejo com gosto nas cartas da Mamã que à medida que ia crescendo lhe dava mais consolação. Tendo apenas bons exemplos à minha volta queria naturalmente imitá-los. Eis o que ela escrevia em 1876 – “Até a Teresa quer de vez em quando pôr-se a fazer práticas”...». <sup>24</sup>

«*Eu escolho tudo!*»

Nesta «Traquinias», de «**quatro anos**», que ainda «brinca com bonecas», manifesta-se já a propensão para a «opção radical», quando Leónia, que se apresenta com um cesto cheio de vestidos, lhes diz, a ela e a Celina: «*Escolhei, dou-vos tudo*». Celina escolhe a parte – «um novelo de cordões» –, Teresa, depois de um momento de reflexão, diz: “*Eu escolho tudo*”. À oferta total do «dom de Deus» (Jo 4, 10), que «amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho Unigénito» (Jo 3, 16) – «Filho, tudo o que é meu é teu» (Lc 15, 31) – representado por Leónia – «dou-vos tudo» –, já Teresa responde com uma liberdade de escolha do «tudo» da «santidade», o seu radicalismo evangélico de seguimento de Jesus, o seu «único amigo». <sup>25</sup> Mais tarde, relembra este episódio da sua infância, já como latência da santidade, o ideal da sua juventude.

«Este gestozinho infantil é o resumo de toda a minha vida; mais tarde quando encarei a perfeição, compreendi que para me fazer *uma santa* era preciso sofrer muito, procurar sempre o mais perfeito e esquecer-me de mim mesma; compreendi que havia muitos graus na perfeição e que cada alma era livre para responder às graças de Nosso Senhor, para fazer pouco ou muito por Ele, numa palavra, para *escolher* entre os sacrifícios que nos pede. Então como no tempo da minha primeira infância, gritei: «Meu Deus, *eu escolho tudo*. Não quero ser *santa a meias*, não tenho medo de sofrer por vós, só receio uma coisa é guardar a minha *vontade*, tomai-a, pois «*Eu escolho tudo*» o que vós quereis!...». <sup>26</sup>

Nesta escolha da *Vontade* e das *vontades* de Deus, nesta sua abertura ao *bem*, ao *tudo*, à *verdade*, <sup>27</sup> já sua Mãe via proféticamente

<sup>24</sup> Ms A, 8 vº.

<sup>25</sup> «Não era Jesus o meu *único amigo*» (Ms A, 40 vº).

<sup>26</sup> Ms A, 10 rº-10 vº. Eis já a sua escolha livre do ideal da santidade.

<sup>27</sup> «A pequenina também será boa, *não mentirá* nem por todo o oiro do mundo, *tem espírito* como

«quem viria a ser, não “este menino”, mas “aquela menina”» (Lc 1, 66), que «brinca e fala de práticas», que «conta histórias» com graça e olha com encanto o Céu». <sup>28</sup> A «menina bonita» da família, recorda como essa «idade de ouro», de felicidade, gozo, virtude e domínio, passou célere, sem retorno. <sup>29</sup>

«Como era feliz naquela idade! Já começava a gozar a vida, a virtude tinha encantos para mim, e encontrava-me, parece-me, nas mesmas disposições que agora, tendo já grande domínio sobre as minhas acções». <sup>30</sup>

«Oui, mais», «não há rosas sem espinhos!»! Se «a flor é o sorriso de Deus», se tudo lhe eram alegres sorrisos do amor de Deus, Deus que «escreve direito por linhas tortas», vai fazê-la «colher rosas no meio de espinhos», vai mostrar-lhe a face oculta do seu mistério pascal, o seu rosto desfigurado, no «inverno da prova», que foi a doença de sua Mãe.

«*Como era feliz naquela idade!*»

«Oh! verdadeiramente tudo me sorria à face da terra: encontrava flores sob cada um dos meus passos e o meu carácter alegre contribuía também para me tornar a vida agradável, mas novo período ia começar para a minha alma, eu devia passar pelo cadinho da prova e sofrer desde a infância a fim de poder mais depressa ser oferecida a Jesus. Como as flores da primavera começam a germinar sob a neve e abrem aos primeiros raios do Sol, assim a florzinha cujas recordações descrevo teve de passar pelo inverno da prova...». <sup>31</sup>

---

nunca vi em nenhuma de vós» (Ms A, 11 r<sup>o</sup>). «A verdade foi o alimento (CA 5.8.4) e o testamento de Teresa (CA 30.9). «Se a inteligência, desde a juventude procura conhecer a verdade da realidade nas suas diversas dimensões, é para possuir a verdade, para viver da verdade» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 12).

<sup>28</sup> «A pequenita é a nossa felicidade, será boa, já se vê o gérmen; não fala senão de Deus, por nada deixaria de fazer as suas orações. Gostaria que a víssem contar histórias, nunca vi nada mais engraçado, encontra por si a expressão que se deve dar e o tom, e isto sobretudo quando diz: - “Menina de cabeça loira, onde crês tu que está Deus?” Quando chega a: - “Está lá em cima no Céu azul”, volta o olhar para o alto com uma expressão angélica; a gente não se cansa de a fazer repetir tão engraçado é, há qualquer coisa de tão celeste no seu olhar que se fica encantado!...» (Ms A, 11 r<sup>o</sup>).

<sup>29</sup> «Ah! como passaram rapidamente os anos de sol da minha primeira infância, mas que doce rasto deixaram na minha alma» (Ms A, 11 v<sup>o</sup>).

<sup>30</sup> Ms A, 11 r<sup>o</sup>.

<sup>31</sup> Ms A, 12 r<sup>o</sup>. Já de «bebé» Teresa mantém uma atitude «biófila» ainda que aparentemente

No seu primeiro encontro brutal com a morte, nada menos que a de sua Mãe, morre a mãe e morre a filha, ressuscita a mãe e ressuscita a filha, numa ruptura da unidade familiar, que volta a ser recuperada, pela força dos laços da «carne e do sangue».

«Não me lembro de ter chorado muito, não falava a ninguém dos sentimentos profundos que sentia... Olhava e ouvia em silêncio... ninguém tinha tempo de se ocupar comigo e por isso via muitas coisas que teriam procurado esconder-me; uma vez, encontrei-me diante da cobertura do caixão... fiquei muito tempo a considerá-la, nunca tinha visto nenhuma, e não obstante compreendia... era tão pequenina que apesar da estatura pouco elevada da Mamã, me via obrigada a levantar a cabeça para ver o cimo e parecia-me muito grande... muito triste... No dia em que a Igreja abençoou os despojos mortais da nossa Mãezinha do Céu, Deus quis dar-me outra na terra e quis que eu a escolhesse livremente. Estávamos todas cinco juntas, olhando-nos cheias de tristeza, Luísa também estava presente e fixando-se em Celina e em mim, disse: «Pobres pequenas, já não tendes Mãe!...» Então Celina lançou-se nos braços da Maria dizendo - «Pois bem! és tu quem será Mamã». Eu, que estava habituada a fazer como ela, voltei-me contudo para vós, minha Madre, e como se já o futuro tivesse rasgado o seu véu, lancei-me nos vossos braços exclamando: Pois bem! quanto a mim, é Paulina quem será Mamã!».<sup>32</sup>

Esta «mesma Teresa» que, já crescida, ao olhar o caixão da Madre Genoveva, «do mesmo tamanho que o da mamã», «levantava a cabeça para contemplar o Céu», é quem nos dá conta, na pessoa da sua Madre, da «completa mudança», operada na sua psicologia, depois da «partida da sua querida Mãe para a pátria dos Céus», quando tinha apenas «quatro anos e meio».

---

«necrófila». Recorda-nos ela: «Testemunhava-lhes de mil maneiras a minha ternura, pois era muito expansiva. Mas os processos que empregava eram por vezes estranhos, como prova esta passagem duma carta da Mamã - «O bebé é um traquinas sem igual, vem-me acariciar desejando-me a morte: - «Oh! quanto gostava que tu morresses, pobre Mãezinha!...» se lho estranho, diz; - «Mas é para irés para o Céu, pois dizes que para lá chegar é preciso morrer». Deseja a morte igualmente ao Pai em suas efusões de carinho! (Ms A, 4 vº).

<sup>32</sup> Ms A, 12 vº- 13 rº. Teresa conta-nos também o seu segundo e suave encontro com a morte: «Quinze anos mais tarde, encontrei-me diante de outro caixão, o da madre Genoveva, era do mesmo tamanho que o da mamã e eu julguei-me ainda nos dias da minha infância!... Todas as minhas recordações acorreram em multidão, era ainda a mesma Teresinha que olhava, mas tinha *crescido* e o caixão parecia-lhe *pequeno*, já não precisava de *levantar* a cabeça para o ver; não a *levantara* senão para contemplar o *Céu* que lhe parecia muito *alegre*, pois todas as suas provas tinham terminado e o inverno de sua alma passara para sempre...» (Ms A, 12 vº).

«Devo dizer-vos, minha Madre, que a partir da morte da Mamã o meu carácter alegre mudou completamente, eu tão viva, tão expansiva, tornei-me tímida e doce, sensível até ao excesso. Um olhar bastava para me fazer chorar, era preciso que ninguém se ocupasse de mim para estar contente, não podia suportar a companhia de pessoas estranhas e não encontrava alegria senão na intimidade da família... Não obstante continuava a ver-me rodeada da mais delicada *ternura*. O coração tão *terno* do Papá ajuntara ao amor que já possuía um amor verdadeiramente materno!... Vós, minha Madre, e Maria não éreis para mim as mais *ternas* e desinteressadas mães?... Ah! se Deus não tivesse concedido em abundância tão benéficos *raios* à sua florzinha, nunca ela teria podido aclimatar-se à terra, era ainda demasiado frágil para suportar as chuvas e tempestades, precisava de calor, de doce rocío e brisas primaveris; nunca lhe faltaram todos estes benefícios, Jesus fez-lhos encontrar, mesmo sob a neve da prova!».<sup>33</sup>

O Amor de Jesus, que a fez misericordicamente nascer «rodeada de amor», fê-la crescer misericordiosamente «rodeada da mais delicada ternura». Quando a família se transferiu de Alençon para os Buissonnets, em Lisieux, a criança adaptou-se bem à mudança.<sup>34</sup> No ritmo da vida familiar, cresceu «em sabedoria e em graça», diante de Deus,<sup>35</sup> dos homens<sup>36</sup> e da natureza.<sup>37</sup>

<sup>33</sup> Ms A, 13 rº- 13 vº.

<sup>34</sup> «Não senti nenhuma tristeza ao deixar Alençon, as crianças gostam da variedade e *foi com alegria que vim para Lisieux*» (Ms A, 13 vº).

<sup>35</sup> «Amava muito a Deus e oferecia-lhe muitas vezes o meu coração» (Ms A, 15 vº). Aprende o catecismo, a história sagrada, a oração, a esmola aos pobres, o amor a Deus, o sentido do pecado e do perdão, a devoção a Nossa Senhora e ao Santíssimo Sacramento, os sermões e a ver-se em Deus (Ms A, 16 vº-18 rº).

<sup>36</sup> No seio da família aprendeu a ler e a escrever: «Depois vinha a lição de leitura, a primeira palavra que fui capaz de soletrar sozinha foi esta: «Céus». A minha querida madrinha encarregou-se das lições de escrita» (Ms A, 13 vº). «A juventude é um «crescimento» psico-físico «em sabedoria e em graça». É necessário que a juventude seja um «crescimento», que integre gradualmente tudo o que é verdadeiro, bom e belo. O «crescimento» é a *definição evangélica* da juventude» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n.14).

<sup>37</sup> «Durante muito tempo perguntei-me porque é que Deus tinha preferências (...) Jesus dignou-se instruir-me acerca deste mistério. Colocou diante dos meus olhos o livro da natureza e compreendi que todas as flores que Ele criou são belas, que o esplendor da rosa e a brancura do Lírio não ofuscam o perfume da violetazinha ou a simplicidade encantadora da margarida... Compreendi que se todas as florzinhas quisessem ser rosas, a natureza perdia o seu ornato primaveril, os campos deixariam de estar salpicados de pequeninas flores...» (Ms A, 2 vº). «Desejo-vos a vós, jovens, que o vosso crescimento «em idade e em sabedoria» se processe no e mediante o contacto com a natureza... É bom para o homem ler neste livro maravilhoso, que é o «livro da



«Pergunto-me às vezes como é que vós me pudestes educar com tanto *amor* e delicadeza sem me amimar, porque realmente nunca me perdoáveis sequer uma imperfeição, nunca me repreendestes sem motivo, nem nunca voltastes atrás em decisão que tivésseis tomado...».<sup>38</sup>

«A primeira da turma»

Este «bem-estar» na família vai compensar o «mal-estar» que, a partir dos oito anos e meio, vai sentir, durante cinco anos, no Colégio da Abadia. Apesar de ser uma estudante de sucesso, sofreu imenso, por não ter sido colocada na turma adequada à sua idade.

«Tinha **oito anos e meio** quando Leónia saiu do colégio e a fui substituir na Abadia. Muitas vezes ouvi dizer que o tempo passado no colégio era o melhor e mais agradável da vida, mas comigo não foi assim, os cinco anos que ali passei foram os mais tristes da minha vida; se não tivesse a meu lado a minha querida Celina, não teria podido continuar nele nem sequer um mês sem cair doente... A pobre florzinha tinha-se habituado a mergulhar as suas frágeis raízes numa *terra escolhida*, preparada directamente para ela, e por isso lhe parecia duro ver-se no meio de flores de toda a espécie, com raízes por vezes muito menos delicadas, e obrigada a procurar numa *terra comum* o suco necessário para a sua subsistência!... Tínheis-me ensinado tão bem, minha querida Madre, que ao chegar ao colégio eu era a mais adiantada entre as meninas da minha idade; fiquei numa turma de alunas todas maiores do que eu, entre as quais uma de 13 ou 14 anos era pouco inteligente, mas não obstante sabia fazer-se notar diante das outras e mesmo das professoras. Vendo-me tão nova, quase sempre a primeira da turma e estimada por todas as religiosas, com certeza senti disso qualquer inveja bem compreensível numa colegial e fez-me pagar de mil maneiras os meus pequenos sucessos... De natureza tímida e delicada, não era capaz de me defender e contentava-me com chorar sem dizer nada, não me queixando nem *mesmo* a vós de quanto sofria, mas ainda não tinha virtude suficiente para me elevar acima destas misérias da vida e o meu pobre coraçãozinho sofria hmenso... Felizmente que todos os dias voltava ao lar pater-

---

natureza», onde o jovem pode aprender a sabedoria da «transparência do mundo», que reflecte a *aliança* do *Criador* com a sua *criatura*» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 14).

<sup>38</sup> Ms A, 18 vº.

no, então expandia-se-me o coração, saltava para os joelhos do meu Rei, dizendo-lhe as notas que tivera e um beijo fazia-me esquecer todas as minhas tristezas...».<sup>39</sup>

Nestas idades, todas as crianças gostam de brincar e jogar. O mesmo acontecia com Teresa que, «não sabendo brincar com as outras crianças», se «aborrecia bastante», quando passava toda a tarde a «dançar quadrilhas» e se alegrava quando «colhia flores» no «jardim da estrela». Contudo, quando lhe tocava estar a sós com a sua prima Mariazinha, «escolhia um jogo completamente novo» – «faziam de eremitas» –, prelúdio daquela «unidade de vida» contemplativa e activa que ambas, mais tarde, viveriam no deserto do Carmelo.<sup>40</sup>

Nessa altura, Teresa, «a filhinha de Celina», partilhava com ela alegrias e tristezas. Com ela comungou da alegria da sua primeira comunhão<sup>41</sup> Com Paulina, comungou, na dor, da sua morte, isto é, da sua partida para o Carmelo, apesar dela a consolar com ternura.<sup>42</sup> No entanto, foi confirmada na sua vocação religiosa pela priora do Carmelo.

«Depois de ouvir as minhas *grandes confidências* a Madre Maria de Gonzaga convenceu-se da minha vocação, mas disse-me que não se recebiam postulantes de 9 anos e era preciso esperar pelos 16 anos...Resignei-me apesar do meu desejo de entrar o mais depressa possível e de fazer a primeira Comunhão no dia da tomada de Hábito de Paulina...».<sup>43</sup>

<sup>39</sup> Ms A, 22 rº. «A pobre pequena tinha realmente necessidade destas alegrias da família, sem elas, a vida de colégio ter-lhe-ia sido excessivamente difícil» (Ms A, 23 rº).

<sup>40</sup> Ms A, 23 rº- 23 vº.

<sup>41</sup> «Sim as nossas alegrias eram comuns, bem o senti no belo dia da primeira Comunhão da minha querida Celina (...) O dia da Primeira Comunhão de Celina deixou-me impressão semelhante à da minha; ao acordar de manhã sozinha no leito enorme, sentia-me *inundada de alegria*. «É hoje!... o grande dia chegou...» não me cansava de repetir estas palavras. Parecia-me que era eu que ia fazer a minha Primeira Comunhão. Creio que recebi grandes graças nesse dia e considero-o como um dos mais *belos* da minha vida...» (Ms A, 25 rº- 25 vº).

<sup>42</sup> «A seguir explicastes-me a vida do Carmelo que me pareceu muito bela! Reconsiderando em meu espírito tudo o que me havíeis dito, senti que o Carmelo era o *deserto* onde Deus queria que me fosse esconder... Senti-o com tal intensidade que não me ficou a menor dúvida no coração: já não era sonho de criança que se deixa convencer, mas a *certeza* dum chamamento Divino; queria ir para o Carmelo não por causa de *Paulina* mas *só* por *Jesus*...» (Ms A, 26 rº). «Não foi para viver com as minhas irmãs que vim para o Carmelo, foi *unicamente* para *responder ao chamamento de Jesus*» (Ms C, 8 vº).

<sup>43</sup> Ms A, 26 vº. O que a Madre Gonzaga diz a Teresa, Teresa fá-lo dizer a Joana d' Arc: «És ainda *muito nova*, minha irmãzinha, é preciso esperar e pedir a Nosso Senhor que te conceda a graça de seres um dia sua esposa. Vou pedi-lo também para ti. Sê ajuizada e obediente, é a maneira de atraíres os olhares de Deus» (RP 1, 3 vº).

O facto de Paulina estar «dentro» e Teresa estar «fora» trouxe-lhe sofrimentos tais que veio a adoecer,<sup>44</sup> de uma «tão estranha doença», que atribuiu ao demónio,<sup>45</sup> e de que veio a ser miraculosamente curada, a 13 de Maio, pelo «encantador sorriso da SS.<sup>ma</sup> Virgem».<sup>46</sup>

«Gosto pelas imagens e pela leitura»

Se a Mãe de Jesus a queria viva, para ser sua «filha» no Carmelo, Jesus, mostrou-lhe mais uma delicadeza das suas, ao querer que aquela «menina» recebesse o seu nome de «Menino».<sup>47</sup> Ao gosto de Jesus, que «não se discute», Teresa acrescenta dois dos seus melhores gostos de infância, a saber, ver, melhor, contemplar imagens de conteúdo religioso, e ler livros selectos.

«Não vos falei do meu gosto pelas imagens e pela leitura... E contudo, minha querida Madre, devo às lindas imagens que me dáveis como prémio, uma das mais íntimas alegrias e das mais fortes impressões que me incitaram à prática da virtude... Esquecia as horas ao contemplá-las, por exemplo: A *florzinha* do Divino Prisioneiro dizia-me tantas coisas que me submergia nela. Vendo que o nome de Paulina estava escrito por baixo da florzinha, gostaria que o de Teresa lá estivesse também e oferecia-me a Jesus para ser a sua florzinha... Se não sabia brincar, gostava muito da leitura e nela podia passar a vida; felizmente, tinha como guias anjos da terra que me escolhiam livros que

<sup>44</sup> «De tarde a Tia veio buscar-nos para irmos ao Carmelo e vi a *querida Paulina* por detrás das *grades*... Ah! como sofri neste *locutório* do Carmelo! (...) É de admirar como o meu espírito se desenvolveu por meio do sofrimento; desenvolveu-se a tal ponto que não tardei a adoecer» (Ms A, 27 r<sup>o</sup>).

<sup>45</sup> Ms A, 27 v<sup>o</sup>- 29 r<sup>o</sup>.

<sup>46</sup> Ms A, 30 r<sup>o</sup>- 31 v<sup>o</sup>. Apesar do Tio e do doutor Notta julgarem a sua doença «muito grave» e de «não ser costume atacar crianças tão pequenas», a própria doente opina que aquela não era uma doença de morte, mas de vida, como a de Lázaro, para que Deus fosse glorificado nela (Ms A, 28 r<sup>o</sup>). «Já a 18 de Dezembro de 1894, num poema composto para a tomada de hábito da Ir. Maria da Trindade, cantava a ditosa ventura de ter sido curada, a 13 de Maio de 1883, da sua doença, pela Virgem do sorriso, nestes termos: «*Sou muito jovem*, e já o sofrimento / A provação amarga me visitou o coração / Virgem Maria, minha única esperança / Ao vosso cordeiro dai a ventura» (RP 11, 2).

<sup>47</sup> «Na manhã do dia em que devia ir ao locutório, reflectindo sozinha na minha *cama*... perguntava-me que nome iria ter no Carmelo; sabia que havia lá uma Ir. Teresa de Jesus, apesar disso o meu belo nome de Teresa não mo podiam tirar. De repente pensei no *Menino* Jesus que tanto amava e disse para comigo: «Oh! como ficaria contente se me chamassem Teresa do Menino Jesus!» *Não disse nada* no locutório acerca do *sonho* que tivera bem acordada, mas perguntando a boa Madre *M. de Gonzaga* às Irmãs que nome me poderia ser dado, veio-lhe ao pensamento o mesmo nome com que tinha *sonhado*... Fiquei muito contente e considerei esta feliz coincidência como uma delicadeza do meu Bem-Amado Menino Jesus» (Ms A, 31 v<sup>o</sup>- 31 r<sup>o</sup>).

sendo distractivos me alimentavam o coração e o espírito, além disso não podia ler senão durante certo tempo, o que era para mim motivo de grandes sacrifícios por muitas vezes ter de interromper a leitura a meio da passagem mais interessante... Esta minha inclinação para a leitura durou até à minha entrada para o Carmelo. Dizer o número de livros que me passaram pelas mãos não me seria possível, mas nunca Deus permitiu que lesse um único que me pudesse fazer mal».<sup>48</sup>

«*Tinha nascido para a glória*»

E foi deste gosto de «orar por estampas», sobretudo pela da «Florzinha do Divino Prisioneiro», de quem Paulina era já prisioneira, e pelo gosto de «ler livros», que faziam bem, que lhe adveio o espírito de glória, o desejo de imitar o bom exemplo das heroínas Francesas, a heroicidade de Joana d'Arc, contudo, ao estilo de outra heroína, ela também francesa, oferecendo-se, como Paulina, ela também, para ser a florzinha, prisioneira de Jesus.

«É verdade que ao ler certas histórias de cavalaria, nem sempre sentia logo ao primeiro momento a *verdade* da *vida*; mas bem depressa Deus me fazia sentir que a verdadeira glória é a que há-de durar eternamente e que para a alcançar, não era necessário realizar feitos heróicos mas esconder-se e praticar a virtude de tal maneira que a mão esquerda não saiba o que faz a direita... Era assim que ao ler a relação das acções patrióticas de heroínas Francesas, em particular as da *Venerável JOANA D'ARC*, sentia grandes desejos de as imitar, parecia-me experimentar em mim o mesmo ardor que as animava, a mesma inspiração Celeste. Então recebi uma graça que sempre considereei uma das maiores da minha vida, pois nesta idade não recebia *luzes* como agora que elas me inundam. Pensei que tinha nascido para a *glória*, e procurando o meio para lá chegar, Deus inspirou-me os sentimentos que acabo de descrever. Fez-me também compreender que a minha *glória* não apareceria aos olhos mortais, que consistiria em fazer-me uma grande *Santa!!!*... Este desejo poderá parecer temerário se se tem em conta quanto era fraca e imperfeita e quanto o sou ainda depois de sete anos passados em religião, eu porém sinto sempre a mesma confiança audaciosa de me fazer

<sup>48</sup> Ms A, 31 rº.

uma grande Santa, pois não conto com os meus méritos, não tenho *nenhum*, mas espero n’Aquele que é a Virtude, a Própria Santidade. É Ele só que contentando-se com os meus fracos esforços, me elevará até Ele e, cobrindo-me com seus méritos infinitos, me fará *Santa*. Não pensava então que era preciso sofrer muito para chegar à santidade». <sup>49</sup>

Como qualquer menina burguesa da sua idade, durante uma viagem a Alençon, fez, aos dez anos, a aprendizagem do rito de iniciação social, o entrar no mundo da vida burguesa, com todas as suas comodidades, com o seu encanto e deslumbramento sobre a debilidade do seu coração, mas sem esquecer o desencanto de ter que sair dele, como era o caso de muitos jovens, por ela conhecidos, que embora cristãos, sentiam mais a atracção do mundo que a de Jesus. <sup>50</sup>

«*A minha primeira entrada no mundo*»

A oração junto à sepultura da Mamã, ainda protectora, a lembrança de amigos que já partiram, fê-la chegar à compreensão da vida, tendo diante o realismo pedagógico da morte. <sup>51</sup> Tal reflexão foi para ela providencial, pois, ajudou-a a escolher com mais liberdade a «verdade» da «vida», mais que a «vanidade» da efémera e enganadora felicidade do «mundo» dos jovens ricos, que não têm na devida conta a «morte», para saberem optar, com decidida alegria, pelo caminho da «vida eterna». <sup>52</sup>

«Deus concedeu-me a graça de não conhecer o *mundo* senão exactamente o necessário para o desprezar e fugir dele. Poderia dizer que foi durante a minha estadia em Alençon que fiz a minha *primeira entrada no mundo*. Tudo era alegria, felicidade à minha volta, era festejada, cumulada de atenções, admirada; numa

<sup>49</sup> Ms A, 31 r<sup>o</sup>- 32 r<sup>o</sup>.

<sup>50</sup> «Cristo é a testemunha do destino último que o homem tem em Deus. Ele é a testemunha da imortalidade do Homem (...) O Cristianismo ensina-nos a *compreender a temporalidade na perspectiva do Reino de Deus*, na perspectiva da vida eterna, sem a qual, a temporalidade, mesmo a mais rica, a mais elaborada sob todos os aspectos, ao fim e ao cabo não traz ao homem, senão a inevitável necessidade da morte» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 5).

<sup>51</sup> «O homem, na dimensão do mundo visível, nasce com a perspectiva do dia da sua morte; ao mesmo tempo, o homem, cuja razão profunda de ser está no superar-se a si mesmo, leva também em si tudo aquilo com que *vence o mundo*» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 5).

<sup>52</sup> «Há uma *antinomia entre a juventude e a morte*. A morte parece estar longe da juventude. É mesmo assim. Uma vez, porém, que a juventude significa o projecto de toda a vida, construído segundo os critérios do sentido e do valor, a *pergunta sobre o fim*, mesmo durante a juventude, é indispensável... Jovem, tens de decidir-te a fazer a *pergunta sobre a vida eterna*» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 5).

palavra, durante quinze dias a minha vida esteve apenas semeada de flores... Confesso que essa vida tinha encantos para mim. A Sabedoria tem muita razão para dizer: «Que o feitiço das bagatelas do mundo chega a seduzir mesmo o espírito afastado do mal». Aos dez anos o coração deixa-se facilmente deslumbrar, e por isso considero como uma grande graça o não ter continuado em Alençon; os amigos que lá tínhamos eram demasiado mundanos, sabiam combinar em demasia as alegrias da terra com o serviço do Bom Deus. Não pensavam suficientemente na *morte* e apesar de tudo a *morte* veio já visitar grande número de pessoas que conheci, jovens, ricas e felizes!!! Gosto de voltar o pensamento aos lugares *encantadores* em que viveram, de me perguntar onde estão, que lhes aproveitam palácios e parques em que as vi gozar as comodidades da vida? E vejo que debaixo do Sol tudo é vaidade e aflição de espírito... que o *único bem* é amar a Deus com todo o coração e ser cá na terra *pobre* em espírito... Jesus quis talvez mostrar-me o mundo antes da *primeira visita* que me devia fazer a fim de que eu escolhesse mais livremente o caminho que devia prometer-lhe seguir».<sup>53</sup>

Conta-nos como, aos 11 anos, foi preparada e se preparou para a «primeira visita» de Jesus à sua alma,<sup>54</sup> como decorreu esse «inefável e inesquecível dia»<sup>55</sup> da sua primeira Comunhão, essa «união de dois em um» no amor.

<sup>53</sup> Ms A, 32 vº. Desta «oscilação» entre o servir (amar) Deus e o servir (amar) o mundo, teve abundante e longa experiência Teresa de Jesus que, no seu dizer, «nem gozava de Deus nem achava contentamento no mundo» (V 8, 2). Escarmentada por esta «guerra tão penosa», avisa os pais dos «perigos» de alma - o desvio da salvação - e de corpo - a honra -, que podem advir à juventude nos «passatempos do mundo» (V 7, 4). Depois de Teresa sair da Abadia, com a idade de 13 anos, continuou a sua educação em casa da «S.<sup>a</sup> Papinau». Comenta a situação : «Estas lições tinham ainda a vantagem de me fazerem conhecer o mundo (...) É tão fácil extraviar-se nos caminhos floridos do mundo (...) Se o meu coração não tivesse sido *elevado para Deus desde o seu despertar*, se o mundo me tivesse sorrido desde a entrada na vida, que teria sido de mim?... Ó minha querida Madre, com que reconhecimento proclamo as misericórdias do Senhor!... Conforme as palavras da Sabedoria, não me «retirou do mundo antes que o meu espírito fosse corrompido pela malícia e que as suas enganadoras aparências tivessem seduzido a minha alma?...». «A Santíssima Virgem velava também pela sua florzinha e não querendo que ela fosse manchada pelo contacto das coisas da terra, retirou-a para a *sua montanha* antes de ter desabrochado. Esperando tão feliz momento Teresa crescia no amor de sua Mãe do Céu» (Ms A, 40º).

<sup>54</sup> «A época da minha primeira comunhão ficou-me gravada no coração, como lembrança sem nuvens, parece-me que não podia estar mais bem preparada do que estava e além disso os tormentos da minha alma desapareceram durante cerca de um ano. Jesus queria fazer-me saborear uma alegria tão perfeita quanto é possível neste vale de lágrimas» (Ms A, 32 vº - 34 vº). A 24 de Abril de 1889, escreveu a sua prima Maria Guérin, a pedir-lhe o livro - «O ramalhete da jovem» - que a S.ra Tifenne lhe deu na altura da sua Primeira Comunhão (Ct 88).

<sup>55</sup> «O “belo dia entre os dias” chegou enfim, que inefáveis recordações me deixaram na alma *os mais pequenos pormenores* desse dia do Céu! (...) Não quero entrar em pormenores, há coisas

«Ah! como foi doce o primeiro beijo de Jesus à minha alma!... Foi um beijo de *amor*, *sentia-me amada*, e dizia igualmente: “Eu vos amo, dou-me a vós para sempre”. Não houve pedidos, nem lutas, nem sacrifícios; desde há muito, Jesus e a pobre Teresinha se tinham *olhado* e se tinham compreendido... Nesse dia já não era um *olhar*, mas uma *fusão*, já não eram *dois*, Teresa desaparecera, como a gota de água que se perde no seio do oceano. Só ficava Jesus, Ele era o mestre, o Rei. Acaso não lhe tinha Teresa pedido que tirasse a sua *liberdade*, pois a sua *liberdade* lhe causava medo, sentia-se tão fraca, tão fragil que para sempre queria unir-se à Força Divina!...».<sup>56</sup>

### «O primeiro beijo de Jesus à minha alma»

Do registo deste dia, consta que essa comunhão sacramental com Jesus, na sua incontida alegria, incluía uma autêntica «comunhão de santos», com a sua Mãe, que estava no Céu, com a outra sua Mãe, que estava no Céu do Carmelo,<sup>57</sup> e com a Mãe do Céu, a quem se consagrou juntamente com suas companheiras.<sup>58</sup> A partir desse dia, começou a

---

que perdem o perfume quando expostas ao ar, há *pensamentos* da *alma* que se não podem traduzir em linguagem da terra sem perder o seu sentido íntimo e Celeste» (Ms A, 35 rº).

<sup>56</sup> Ms A, 35 rº. «Jesus fitou-o (o jovem) com amor». Desejo que experimenteis um olhar assim! Desejo que experimenteis a verdade de que Ele, Cristo, vos olha com amor» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 7). «Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará» (Jo 8, 32). «Os jovens têm em si congénito o «sentido da verdade» e o «desejo da liberdade». Ser livre significa usar da própria liberdade na verdade. *Ser verdadeiramente livres* significa *usar da própria liberdade para aquilo que é o verdadeiro bem*» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 13).

<sup>57</sup> «...Não compreendiam que ao vir a um coração a alegria do Céu, esse coração *exilado* não a pode suportar sem derramar lágrimas... Oh! não, a ausência da Mãe não me causava pena no dia da primeira comunhão: não estava o Céu na minha alma, e não tinha a Mamã tomado nele o seu lugar há tanto tempo? Assim ao receber a visita de Jesus, recebia também a de minha querida Mãe que me abençoava alegrando-se com a minha felicidade... Não chorava a ausência de Paulina, sem dúvida muito gostaria de a ver a meu lado, mas o meu sacrifício estava aceite desde há muito; nesse dia, só a alegria me enchia o coração, unia-me com ela que se dava irrevogavelmente Àquele que tão amorosamente se dava a mim!...» (Ms A, 35 rº- 35 vº). Ela não esquece a restante família: «Na tarde desse belo dia, voltei a encontrar a família da terra; já de manhã, a seguir à missa, tinha beijado o *Papá* e todos os queridos parentes, mas então era a verdadeira reunião, o Papá tomando pela mão a sua rainhazinha dirigiu-se para o *Carmelo*...» (Ms A, 35 vº).

<sup>58</sup> «De tarde fui eu que recitei o acto de consagração à SS. ma Virgem; era muito justo que eu *falasse* em nome das minhas companheiras à minha Mãe do Céu, eu que tão nova ficara privada da minha Mãe da terra... Empreguei todo o meu coração para lhe *falar*, para me consagrar a ela, como a criança que se atira para os braços de sua Mãe e lhe pede que a proteja. Parece-me que a Santíssima Virgem deve ter olhado para a sua florzinha e *sorrindo*, pois não fora ela quem a tinha curado com um *sorriso visível*?... Não tinha ela reclinado no cálice da sua florzinha, o seu Jesus, a Flor dos Campos, o Lírio dos vales?...» (Ms A, 35 vº).

«loucura eucarística» de Teresa,<sup>59</sup> bem como o abandono à sua «paixão por Cristo».<sup>60</sup> A «Força Divina», para amar em alegria desbordante, haurida na comunhão do amor de Jesus, na Eucaristia, iria converter-se, no dia da sua Confirmação, numa Força para amar Jesus em dor, nos acontecimentos imediatos da sua vida.

«Pouco tempo depois da minha primeira Comunhão, entrei de novo em retiro para a minha Confirmação. Tinha-me preparado com todo o cuidado para receber a visita do Espírito Santo, não compreendia que se não dê grande atenção à recepção deste sacramento de *Amor*. Ordinariamente não se fazia senão um dia de retiro para a Confirmação, mas não tendo podido o Senhor Bispo vir no dia marcado, tive a consolação de ter dois dias de solidão. Para nos distrair a nossa mestra levava-nos ao Monte Cassino e ali colhia às mãos-cheias *grandes margaridas* para a festa do Corpo de Deus. Ah! que felicidade para a minha alma! Como os apóstolos esperava com alegria a visita do Espírito Santo... Alegrou-me intensamente com o pensamento de em breve ser perfeita cristã e sobretudo com o de ter eternamente sobre a frente a cruz misteriosa que o Bispo marca ao administrar o sacramento... Finalmente chegou o momento feliz, não senti o vento impetuoso na altura da descida do Espírito Santo, mas sim essa *brisa ligeira* cujo murmúrio ouviu o profeta Elias no monte Horeb... Nesse dia recebi a força para *sofrer*, pois em breve ia começar o martírio da minha alma...».<sup>61</sup>

<sup>59</sup> «Todos os presentes recebidos - o «belo relógio» (do Papá), o «lindo vestido» (de Maria) - não me enchiam o coração, nada havia senão Jesus que me pudesse contentar, ansiava pelo momento em que de novo o poderia receber. Cerca de um mês depois da primeira Comunhão fui-me confessar para a Ascensão e ousei pedir licença para receber a Sagrada Comunhão. Contra toda a esperança, o Sr. padre permitiu-me e tive a felicidade de ajoelhar à Sagrada Mesa entre o Papá e Maria; que recordação guardei desta segunda visita de Jesus! As lágrimas correram ainda com inefável doçura, repetia-me continuamente as palavras de S. Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Jesus que vive em mim!...”. A seguir a esta comunhão, o meu desejo de receber Nosso Senhor tornou-se cada vez mais intenso, obtive a permissão de a fazer em todas as festas principais» (Ms A, 36 rº).

<sup>60</sup> No dia seguinte depois da comunhão... senti nascer no meu coração um *grande desejo do sofrimento* e ao mesmo tempo a certeza íntima de que Jesus ne reservava grande número de cruces; senti-me inundada de consolações tão *grandes* que as considero como uma das *maiores* graças da minha vida. O sofrimento tornou-se o meu atractivo, tinha encantos que me seduziam sem bem os conhecer. Até então tinha sofrido sem *amar* o sofrimento, desde esse dia senti por ele um verdadeiro amor. Sentia também o desejo de não amar senão a Deus, de não encontrar alegria senão n'Ele. Frequentemente repetia durante as minhas comunhões estas palavras da Imitação: “Ó Jesus! *doçura* inefável, transformai para mim em *amargura* todas as consolações!...” (Ms A, 36 rº -36 vº).

<sup>61</sup> Ms A, 36 rº. Refere-se, em primeiro lugar, ao sofrimento que lhe adveio pelos 12 anos, «durante o retiro para a segunda Comunhão», em que a pregação «jansenista» do P. Domin, sobre o pecado mortal, o inferno, a comunhão sacrílega... lhe ocasionaram a «terrível doença dos



Entretanto, com o recomeço da actividade escolar, crescia a sua imaginação criativa para contar histórias, a sua aplicação ao estudo para aprender o catecismo, que lhe valeu ser chamada pelo padre Domin a «pequena doutora», e as outras matérias, sobretudo, história e redacção, em que era a primeira. Não só era uma aluna muito inteligente, como era uma amiga fiel nas suas amizades, com as suas companheiras, incapazes de compreender o seu coração sensível e terno. Jesus querendo o coração dela só para Si, sabendo da sua fraqueza afectiva, preservou-a misericordiosamente da tentação de se entregar à falsa luz das amizades da terra, fazendo com que nelas encontrasse apenas amargura, libertando-a, assim, da prisão dos apegos, a fim de poder voar para a doce luz do Amor Divino.

«O meu coração sensível e terno facilmente se teria entregado se encontrasse outro capaz de o compreender... Procurava relacionar-me com as meninas da mesma idade, sobretudo com duas delas, estimava-as e elas por seu lado também me estimavam na medida em que eram *capazes*; mas pobres de nós! como é *restrito e volúvel* o coração das criaturas!!!... Em breve notei que o meu amor era incompreendido, tendo uma das minhas amigas sido obrigada a regressar à família, voltou alguns meses depois; durante a sua ausência tinha *pensado nela*, guardando preciosamente um anelzinho que me tinha dado. Senti grande alegria por tornar a ver a minha companheira, mas que desilusão! não obtive senão um olhar indiferente... O meu amor não era compreendido, bem o senti e não *mendiguei* a afeição que me era recusada, mas Deus deu-me um coração tão fiel, que quando amou verdadeiramente, ama para sempre, por isso continuei a orar pela minha companheira e ainda a amo... Ao ver que Celina *estimava* uma das nossas mestras, quis imitá-la, mas não *sabendo* conquistar as boas graças das criaturas não pude conseguir nada. Oh feliz ignorância! que grandes males me evitou!... Quanto agradeço a Jesus não me ter feito encontrar “senão amargura nas amizades da terra!” com um coração como o meu, ter-me-ia deixado prender e cortar as asas, como poderia então «voar e repoisar?». Como pode

---

escrúpulos» que, «durante *ano e meio*», a «perturbaram» (Ms A, 39 r<sup>o</sup>). Maria, sua confidente, ouvia pacientemente esta escrupulosa «em último grau», serenando-a, com a confiança no perdão sacramental do Senhor (Ms A, 41 v<sup>o</sup>). Continuaram, porém, a «pertubar-lhe a alma», até à partida de Maria para o Carmelo. Perde a 3<sup>a</sup> mãe, seu único apoio na terra, e ganha apoios no Céu. Uma vez mais, Teresa «voltou-se para os seus irmãozinhos do Céu»: «A resposta não se fez esperar, em breve a paz me veio inundar a alma com deliciosas ondas e compreendi que se era amada na terra, o era também no Céu» (Ms A, 44 r<sup>o</sup>). Ficou curada da sua doença de alma.

um coração entregue ao afecto das criaturas unir-se intimamente a Deus?... Penso que não é possível. Apesar de não ter bebido pela taça envenenada do amor demasiado ardente das criaturas, *sinto* que não me posso enganar; vi tantas almas seduzidas por esta *falsa luz*, esvoaçar como pobres borboletas e queimar as asas, e voltar depois para a verdadeira, a doce luz do *amor* que lhes dava novas asas mais brilhantes e mais velozes a fim de poderem voar para Jesus, o Fogo Divino “que arde sem consumir”. Ah! bem o sinto, Jesus sabia-me demasiado fraca para me expôr à tentação, talvez eu me tivesse deixado queimar inteirinha pela *enganadora luz* se a tivesse visto brilhar a meus olhos... Tal não sucedeu, não encontrei senão amargura lá onde almas mais fortes encontraram alegria e dela se desprendem por fidelidade. Não tenho portanto mérito nenhum em me não ter entregado ao amor das criaturas, pois dele não fui preservada senão por grande misericórdia de Deus!...». <sup>62</sup>

«*Jesus o meu único amigo*»

Ao reler este período da sua vida, com dotes de oradora, como outrora Jesus contara, na parábola do «filho pródigo», a «misericórdia do Pai», para com todos os pecadores arrependidos, conta-nos, na parábola do «bom médico», como estava a ser objecto do amor providente do Pai, que antecipadamente lhe perdoava tudo, preservando-a de cair, tão baixo quanto Madalena, para que, com a gratidão do amor puro, quase imaculado, o amasse até à loucura.

«Reconheço que sem Ele, teria podido descer tão baixo como Santa Madalena e a profunda palavra de Nosso Senhor a Simão ecoou na minha alma com grande doçura... Bem o sei: “aquele a quem menos se perdoa, menos ama”, mas sei também que Jesus me *perdoou mais* do que a *Santa Madalena*, pois me perdoou *antecipadamente*, impedindo-me de cair. Ah! quanto gostaria de poder explicar o que sinto!... Eis um exemplo que traduzirá um pouco o meu pensamento. - Sponho que um filho de um bom médico encontra no caminho uma pedra que o faz cair e que nesta queda fractura um membro; o pai acorre imediatamente, levanta-o com amor, trata-lhe as feridas, empregando nisso todos os recursos da sua arte e o filho em breve completamente curado exprime-lhe o seu reconhecimento. Sem dúvi-

<sup>62</sup> Ms A, 38 rº- 38 vº.

da, este filho tem muita razão para amar seu pai! Mas vou fazer ainda outra suposição. - Sabendo o pai que no caminho do seu filho se encontrava uma pedra, apressa-se a ir antes dele e retira-a, sem ser visto por ninguém. Certamente, este filho, objecto da sua providente ternura, não SABENDO do mal de que seu pai o livrou não lhe testemunhará o seu reconhecimento e *amá-lo-á menos* do que se tivesse sido curado por ele... Mas se chega a conhecer o perigo de que acaba de escapar, não o *amará mais*? Pois bem, este filho sou eu, objecto do amor providente dum *Pai* que não enviou o seu Verbo para resgatar os *justos* mas os *pecadores*. Quer que eu *O ame*, porque me *perdoou* não muito, mas *tudo*. Não esperou que *O amasse muito* como S<sup>ta</sup> Madalena, mas quis que EU SOUBESSE como me tinha amado com amor de inefável providência, para que agora o ame até à *loucura*!... Ouvi dizer que nunca se encontrou uma alma pura que amasse mais do que uma alma arrependida, ah! como gostaria de desmentir tal palavra!...». <sup>63</sup>

Aos **13 anos** deixou a Abadia, antes de ser admitida na congregação da SS.<sup>ma</sup> Virgem, mas temendo ser «menos filha» da «Mãe dos Céus» que suas irmãs, pediu para ser admitida. Exigiram-lhe «passar na abadia duas tardes por semana a fim de mostrar se era digna». Nesta circunstância Teresa conta-nos como o seu coração, apesar de, por vezes, se sentir só, muito só, estava bem acompanhado pelo de Jesus e de Maria.

«Não tinha, como as outras antigas alunas, uma *mestra amiga* com quem pudesse ir passar várias horas; portanto, contentava-me com ir saudar a mestra e depois trabalhava em silêncio até ao fim da lição de labores. Ninguém me prestava atenção, por isso subia à tribuna da capela e ali ficava diante do Santíssimo Sacramento até à hora em que o Papá me vinha buscar, tal era a minha única consolação, pois não era Jesus o meu *único amigo*?... Não sabia falar senão a ele, as conversas com as criaturas, mesmo as conversas piedosas, fatigavam-me a alma... Sentia que valia mais falar a Deus do que falar de Deus, porque se mistura muito amor-próprio mesmo nas conversas espirituais!... Ah! era realmente pela SS.<sup>ma</sup> Virgem apenas que eu vinha à abadia». <sup>64</sup>

<sup>63</sup> Ms A, 38 v<sup>o</sup>- 39 r<sup>o</sup>.

<sup>64</sup> Ms A, 40 v<sup>o</sup>- 41 r<sup>o</sup>. Jesus, o «seu Director», ordinariamente iluminava-a, pouco a pouco, no caminho da perfeição: «No *princípio da minha vida espiritual*, por volta dos 13 ou 14 anos, perguntava-me que é que eu poderia ainda adquirir mais tarde, pois julgava que era impossível compreender melhor a perfeição; depressa reconheci que quanto mais se avança neste caminho,

Com a partida de Maria, a confidente dos seus escrúpulos, para o Carmelo, Teresa teve que aprender a «estar só consigo» e «com o seu mundo» de estudo e meditação, a sua fauna e a sua flora, o seu horizonte.

«E era a esta criança que Deus ia roubar o único apoio que a prendia à vida!... Logo que soube da determinação de Maria, resolvi não tomar mais nenhum gosto na terra. A seguir à minha saída do colégio, tinha-me instalado no antigo quarto de pintura de *Paulina* e arranjara-o a meu gosto. Era um verdadeiro bazar, um conjunto de piedade e de curiosidades, um jardim e uma passareira (...) Verdadeiramente aquela pobre mansarda era um mundo para mim e, como o Sr. de Maistre, eu poderia escrever um livro intitulado: «Passeio à volta do meu quarto». Era nesse quarto que eu gostava de ficar sozinha horas inteiras para estudar e meditar perante o belo panorama que se estendia diante dos meus olhos... Ao saber da partida de Maria, o meu *quarto* perdeu para mim todo o encanto, não queria deixar um só instante a querida irmã que em breve ia voar... Quantos actos de paciência lhe fiz praticar! *Cada vez* que passava diante da porta do seu quarto, batia até que ela me abrisse e beijava-a com todo o meu coração, queria fazer provisão de beijos para todo o tempo que devia estar privada deles».<sup>65</sup>

Esta sua dependência do afecto de sua irmã e dos seus irmãozinhos, prova que o lugar de Teresa era ainda a sua família da terra, e que, para dar o salto para o Carmelo, tinha ainda muito que crescer na virtude, no sentido prático das coisas da terra, na purificação teologal do seu agir, sem esperar o obrigado das criaturas, na vitória sobre o seu psiquismo piegas, imaturo e insuportável, próprio de quem se encontra em plena crise da adolescência, mormente se possui, como ela, uma grande sensibilidade para doer-se dos outros, ou o que é pior, para chorar-se, sem possibilidade de valer-se: «Todos os argumentos eram inúteis e não conseguia corrigir-me desse vil defeito».<sup>66</sup>

---

mais nos julgamos afastados do termo, portanto resigno-me a ver-me sempre imperfeita e nisso encontro a minha alegria...» (Ms A, 74 rº).

<sup>65</sup> Ms A, 42 vº- 43 rº. A «separação» de Maria, para o Carmelo, causava nesta «criança», ainda carente de afecto e necessitada de atrair a atenção, mais uma «morte» afectiva». «Era ainda muito criança, apesar dos meus 12 anos e meio (...) Não passava ainda de uma criança que parecia não ter outra vontade senão a dos outros, o que fazia dizer às pessoas de Alençon que eu era fraca de carácter» (Ms A, 42 rº- 43 vº).

<sup>66</sup> Ms A, 44 vº.

«A graça de sair da infância»

Este «déficit» de capacidade humana, aos **14 anos**, para «auto-vencer-se», era a condição *sine qua non* para receber o poder da graça sacramental, naquela comunhão da Luz e da Força do Amor, na Eucaristia daquele Natal de 1886, «milagre» que mudou a sua alma, tornando-a invencível, ou antes, vencedora do seu egocentrismo, pelo dom de si aos outros.<sup>67</sup>

«Não sei como me embalava o doce pensamento de entrar no Carmelo, estando ainda com as *fraldas* da *infância!*... Era preciso que o Bom Deus fizesse um pequeno milagre para me fazer *crescer* num momento e esse milagre fê-lo no dia inesquecível de Natal. Nessa *noite* luminosa que esclarece as delícias da Santíssima Trindade, Jesus o doce *pequeno* Menino de uma hora, mudou a noite da minha alma em torrentes de luz... Nessa *noite* em que Ele se fez *fraco* e sofredor por meu amor, tornou-me *forte* e corajosa, revestiu-me com as suas armas e desde essa noite bendita, não fui vencida em nenhum combate, mas, pelo contrário, caminhei de vitória em vitória e comecei, por assim dizer, «uma corrida de gigante!...». A fonte das minhas lágrimas estancou, e não se abriu depois senão raras vezes e com dificuldade, o que justificou esta frase que me tinha sido dita: «Choras tanto na tua infância, que mais tarde não terás lágrimas para derramar!...». Foi a 25 de Dezembro de 1886 que recebi a graça de sair da infância, numa palavra, a graça da minha completa conversão (...) Nessa *noite* de *luz* começoo o

<sup>67</sup> «Em pouco tempo Deus soubera fazer-me sair do círculo estreito em que eu andava à roda sem saber como sair. Ao examinar o caminho que me fez percorrer, o meu agradecimento é grande, mas devo reconhecê-lo se o maior passo estava dado ficavam-me ainda outras coisas a abandonar. Liberto dos escrúpulos, da sua excessiva sensibilidade, o meu espírito desenvolveu-se» (Ms A, 46 vº). «Eu tinha crescido em corpo e sobretudo em graça» (Ms A, 47 vº). Teresa «desperta» para a vida. Jesus «liberta-a de si» e capacita-a para a felicidade de «amar os outros». A «misericórdia» libertadora de Deus tornou-a psicologicamente capaz de «*ser* mulher que se «dá» aos outros». «O jovem procura ultrapassar esta fase infantil do receber para passar ao dar... Esta passagem, do receber ao dar, da dependência ao assumir a própria responsabilidade, não se dá sem crise, mas é sobretudo crise de crescimento e de amadurecimento» (J. Paulo II, *Discurso aos Jovens em Portugal*, 14 /5/ 1982, Lisboa). «A *dimensão do dom* exprime o *plano de vida* que construímos desde a *juventude* e cria também a *configuração adulta* de toda a *vocação* humana e cristã (...) Os jovens, nas suas relações com os outros homens, devem aprender a *verdade* essencial *sobre o homem* como «única criatura na terra que Deus quis por si mesma, que apenas se realiza no dom sincero de si mesmo» (GS 24). Somos mais plenamente homens, na capacidade de «nos doar»: *ser* homem «para os outros», nossos irmãos» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, nn. 8 e 14).

terceiro período da minha vida, o mais belo de todos, o mais cheio de graças do Céu... A obra que eu não pude realizar em 10 anos, Jesus realizou-a num instante, contentando-se com a minha *boa vontade* que nunca me tinha faltado. Como os seus apóstolos, eu podia dizer-lhe: «Senhor, pesquei toda a noite, sem nada apanhar». Mais misericordioso ainda comigo que com seus discípulos, Jesus *pegou Ele mesmo* na rede, lançou-a e retirou-a cheia de peixes... Fez de mim um pescador de *almas*. Senti um grande desejo de trabalhar pela conversão dos pecadores, desejo que não tinha sentido tão vivamente... Numa palavra, senti a *caridade* entrar no meu coração, a necessidade de me esquecer para dar alegria e, desde então, fui feliz!...».<sup>68</sup>

Esta medicinal operação, descentradora de si, fê-la crescer intelectualmente e afectivamente – «o meu espírito desenvolveu-se» –, e entregar a sua «força de alma», ao «saber» histórico e científico, e ao «amar» o seu «único amigo», pois que «estava na idade de estudar», que coincide com o «tempo de amar».

«E esta criança, esta jovem guerreira  
 Não descende de um rei rico e poderoso  
 É apenas uma pobre pastora  
 Mas Deus chama-se: Todo Poderoso  
 Quer dar àquela tímida virgem  
 Um coração de fogo, uma alma de guerreiro  
 Depois coroará a sua frente pura e cândida  
 Com lírios e loureiro».<sup>69</sup>

<sup>68</sup> Ms A, 44 vº- 45 vº. Nasceu, não outra Teresa, mas Teresa outra, novamente com o «império» sobre si mesma. Vê-se ao espelho, não como Celina a via - «como um bebé» -, mas, como seu pai a queria ver «pela última vez» - «criança» - e, pela «primeira vez», «mulher»: «Teresa já não era a mesma, Jesus tinha-lhe mudado o coração! (...) A Teresinha tinha recuperado a força de alma que tinha perdido aos quatro anos e meio e era para sempre que a devia conservar!...» (Ms A, 45 rº). Grande misericórdia de Jesus para com Teresa, era esse «pequeno milagre» psicológico, esse «natal» que lhe foi «páscoa» de libertação e mudança, essa conversão da sua adolescência atrasada e infantil numa juventude adiantada e adulta, no amor de Jesus e na «pesca milagrosa» dos que Jesus mais ama, os pecadores. Teresa é «feliz» por participar da graça da sede do amor salvífico de Jesus pelos pecadores, confirmada pela salvação do seu «primeiro filho» (Ms A, 45 vº- 46 vº). Mais tarde, aos 23 anos, em carta ao P. Roulland, recordará novamente o motivo da juventude como o obstáculo à realização da sua vocação religiosa: «... Talvez, meu Irmão, deseje saber que *obstáculo* encontrava eu para o cumprimento da minha vocação; este obstáculo não era outro que a *minha juventude*. O nosso Padre Superior recusou formalmente receber-me antes dos 21 anos, dizendo que uma criança de 15 anos não era capaz de saber ao que se comprometia...» (Ct 201).

<sup>69</sup> RP 1, 5 rº. O diálogo de Jesus com os jovens é, segundo Teresa, «uma troca de olhares» (Ct 127), isto é, «uma verdadeira troca de amor» (Ms A, 46 vº).

### III

#### «A minha vida de jovem»

Como outrora, Jesus «fixou o seu olhar» no jovem rico e «o amou» (Mc 10, 21), e nele Cristo dialoga e ama todos os jovens e todos os jovens dialogam e amam Cristo, assim agora, Jesus, que «fixou com amor» a jovem Teresa de Lisieux, nela fixa todas as jovens,<sup>70</sup> de todos os tempos e de todos os lugares, para todas e todos, se alimentarem da sua Palavra, pois, «como há-de o jovem manter puro o seu caminho, senão guardando a sua Palavra?» (Sl 119 (118), 9).

«Estava na idade mais perigosa para as jovens, mas o Bom Deus fez por mim o que o profeta Ezequiel refere nas suas profecias: «Passando a meu lado, Jesus viu que tinha chegado para mim o tempo de ser *amada*, fez aliança comigo e tornei-me *sua*... Estendeu sobre mim o seu manto, lavou-me com perfumes preciosos, revestiu-me com vestes bordadas, dando-me colares e adornos sem preço... Alimentou-me com a mais pura farinha, com mel e azeite «em *abundância*»... assim fiquei bela a seus olhos e Ele fez de mim uma rainha poderosa!...».<sup>71</sup>

<sup>70</sup> «É o coração que o olhar de Jesus vê sempre...» (Ct 73). «Jesus não *olha* ao tempo... Ele não deve olhar senão ao amor» (Ct 114).

<sup>71</sup> Depois de ter falado da sua infância e adolescência, chega a hora de falar da sua juventude : «Não devo ainda *falar-vos da minha juventude*, mas da Traquininha de quatro anos» (Ms A, 10 vº). Jesus *amou* Teresa na sua juventude. Comenta Teresa: «Sim, Jesus fez tudo isto por mim» (Ms A, 47 rº). «Comparada com a maioria das outras jovens da sua idade, a maturidade do seu amor mostra já a particularidade de um amor definitivo» (C. Meester, *Las Manos Vacías. El mensaje de Teresa de Lisieux*, em Monte Carmelo, Burgos, 1981, p. 19). Teresa confirma em si que Jesus é a resposta ao desejo mais profundo dos jovens, que é o de *ser amado*, que é o de *procurar o amor* belo e puro... «Ninguém lho pode dar *senão Deus*» (Ct 109). Jesus conhece «o interior de cada um» dos jovens (Jo 2, 25) e os jovens «todos hão-de ter os olhos fixos n'Ele» (Lc 4, 20). «O diálogo de Cristo com um jovem... tem carácter mais universal e ultratemporal; mantém o seu valor *constante* através dos séculos e das gerações... Cada um de vós é, neste diálogo, um dos seus *interlocutores* potenciais (...) Desejaria dizer-vos, a todos e a cada um de vós, jovens, nesta fase importante do desenvolvimento da vossa personalidade feminina ou masculina: *se tal chamamento* chegar ao teu coração, não o sufoques! *Deixa que ele se desenvolva até à maturidade da vocação!* Colabora com ele, mediante a oração e a fidelidade aos mandamentos!» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, nn. 2 e 8). «Jovens, sede jovens! É disso que o mundo hoje mais necessita» (*Mensagem dos Bispos aos Jovens de Portugal*, Natal de 1984).

«*Amar Jesus com paixão*»

Parca e comedida, Teresa fala-nos apenas do alimento com que Jesus a alimentou, durante a sua infância e adolescência – o livro do *exílio*, a «flor da farinha», a Imitação de Cristo, que sabia de memória – e durante a sua juventude, o livro da *glória*, o «mel e azeite em abundância», o «Fim do mundo presente e os mistérios da vida futura».

«Desde há muito tempo que eu me alimentava com «a pura farinha» contida na Imitação, era o único livro que me fazia bem, pois ainda não tinha descoberto os tesouros escondidos do Evangelho. (...) Aos 14 anos, com o meu desejo de ciência, Deus achou que era necessário juntar «à farinha pura» «mel e azeite em abundância». Este mel e este azeite, fez-me encontrá-los nas conferências do Sr. padre Arminjon, sobre o fim do mundo presente e os mistérios da vida futura. (...) Copiei várias passagens sobre o perfeito amor e sobre a recepção que Deus há-de fazer aos seus eleitos no momento em que *Ele mesmo* se tornará a sua grande e eterna recompensa, e repetia sem cessar as palavras de amor que me tinham abrasado o coração...».<sup>72</sup>

Pressentido o Céu, sabido o preço de amor a Jesus a pagar durante o exílio, com o coração abrasado de amor, Teresa encontra, em Celina, uma nova confidente,<sup>73</sup> e juntas – de que falavam estas duas jovens irmãs?<sup>74</sup> –, em diálogo espiritual, gozam das visitas do Amado, «cantam as núpcias sagradas», os encontros com o ENCONTRO, as aspirações de amor, as elevações celestes.

«Sim, era muito *ligeiramente* que seguíamos as pegadas de Jesus; as centelhas de amor que semeava às mãos-cheias em nossas almas, o vinho delicioso e forte que nos dava a beber fazia desaparecer aos nossos olhos as coisas passageiras e dos nossos lábios saíam aspirações de amor inspiradas por Ele. Que doces conversas tínhamos todas as noites no belvedere! (...) A dúvida não

<sup>72</sup> Ms A, 47 rº- 47 vº. O *ideal* de Teresa, de *amar* apaixonadamente a Jesus, aprendeu-o ela na sua *Imitação*, no capítulo intitulado: «É preciso amar Jesus sobre todas as coisas» (2, 7), onde porá, mais tarde, a florzinha branca que seu pai lhe deu (Ms A, 50 rº).

<sup>73</sup> «Celina tornara-se a confidente íntima dos meus pensamentos (...) Jesus que nos queria fazer avançar juntas, formou nos nossos corações laços mais fortes que os do sangue. Fez com que nos tornássemos *irmãs* de alma» (Ms A, 47 vº).

<sup>74</sup> Não de modas, por certo, nem de toilettes, nem das «afeições do mundo», mas «a sua dita era falar de Deus», das comunicações e das graças do amor de Jesus que recebiam nos seus encontros orantes.



era possível, a Fé e a Esperança já não eram necessárias, o *amor* fazia-nos encontrar na terra Aquele que procurávamos. «Tendo-o encontrado só, Ele tinha-nos dado o seu beijo, para que no futuro ninguém nos pudesse desprezar».<sup>75</sup>

«*Instruía-me sobre as coisas do seu amor*»

Com este «toque de centelha», com que o seu coração foi incendiado de amor, era normal que Teresa seguisse os passos de Jesus «mais de perto», e «atraída» pelo «adobado vinho» da embriaguez do Espírito Santo, «corresse o caminho» da vida eterna, que é a perfeição evangélica, e, na sua «corrida de gigante», se fizesse, no amor ao Amigo, como nova amiga, com forças de juventude, uma jovem santa, pela prática «natural» da virtude, pela comunhão frequente.

«Graças tão grandes não deviam ficar sem frutos, e estes foram abundantes. A prática da virtude tornou-se-nos agradável e natural. Ao princípio o meu rosto denunciava muitas vezes o meu combate, mas pouco a pouco essa impressão desapareceu e a renúncia tornou-se fácil, mesmo no primeiro instante. Jesus disse: «Ao que tem dar-se-á mais, e ficará na abundância». Por uma graça fielmente recebida, concedia-me multidão de outras... Ele dava-se-me a Si mesmo na Sagrada Comunhão mais vezes que eu ousava esperar. Tinha adoptado como regra de conduta comungar todas as vezes que o meu confessor me deixasse, sem faltar a uma só, mas deixando-o determinar o número sem nunca lhe pedir. Nessa altura ainda não tinha a *audácia* que agora tenho, senão teria procedido de outro modo, pois estou absolutamente certa de que uma alma deve informar o seu confessor da atracção que sente para receber o seu Deus. Não é para ficar no cibório de ouro que desce todos os dias do Céu, é para encontrar um outro Céu que lhe é infinitamente mais caro que o primeiro: o Céu da nossa alma, feita à sua imagem, o templo vivo da adorável Trindade!...».<sup>76</sup>

Ao «receber fielmente uma graça», novas graças lhe eram dadas pelo próprio Jesus, nos sacramentos da Eucaristia e da Penitência.<sup>77</sup> Este

<sup>75</sup> Ms A, 48 rº.

<sup>76</sup> Ms A, 48 vº.

<sup>77</sup> «Jesus que via o meu desejo e a rectidão do meu coração permitiu que durante o mês de Maio o meu confessor me dissesse para receber a Sagrada Comunhão 4 vezes por semana e passado este belo mês, acrescentou uma quinta vez, sempre que houvesse uma festa. Ao sair do

*realismo* de comunicação sacramental, com que «o Director dos directores» «guiava» «directamente» a sua vida, prolongava-se no «sacramento da oração pessoal», onde o Doutor do Amor ensinava esta «criança de catorze anos», no segredo silencioso do Espírito, a sabedoria da perfeição de amar, «sentando-a entre os doutores» da Igreja, que melhor conduzem as almas para a santidade.

«O caminho por onde seguia era tão direito, tão luminoso que não precisava de outro guia senão Jesus... Comparava os directores espirituais a espelhos fiéis que reflectiam Jesus nas almas e dizia que para mim o Bom Deus não se servia de intermediário, mas agia directamente!... Ah! se os sábios que passaram a sua vida no estudo me tivessem vindo interrogar, sem dúvida teriam ficado admirados de ver uma criança de catorze anos compreender os segredos da perfeição, segredos que toda a sua ciência não lhes pode descobrir, pois para os possuir é preciso ser pobre de espírito!...».<sup>78</sup>

O Espírito de Amor é a luz que a guia, na fé, à «schola amoris» do Carmelo desçalço, isto é, pobre em espírito, para onde Jesus a chamava insistentemente e onde a esperava pacientemente.

«Como diz S. João da Cruz no seu cântico: «Sem outra luz nem guia, excepto a que no meu coração ardia, esta luz me guiava mais seguramente que a luz do meio-dia ao lugar onde me esperava Aquele que me conhecia perfeitamente». Este lugar era o Carmelo. Antes de «repousar à sombra d'Aquele que eu desejava», devia passar por muitas provas, mas o apelo Divino era tão premente que mesmo que fosse preciso atravessar as chamas tê-lo-ia feito para ser fiel a Jesus...».<sup>79</sup>

---

confessionário corriam dos meus olhos bem doces lágrimas; parecia-me que era o próprio Jesus que se queria dar a mim, pois eu demorava muito pouco tempo a confessar-me, e nunca dizia uma só palavra dos meus sentimentos interiores» (Ms A, 48 vº).

<sup>78</sup> Ms A, 48 vº- 49 rº. É o conhecimento *por conaturalidade*, por revelação interior do Espírito (Ef 1, 17), como no caso de S. Paulo, que conheceu o mistério de Cristo, por graça de uma revelação (Ef 3, 2-4).

<sup>79</sup> Ms A, 49 rº. É, no dizer de Teresa, «a *certeza* de um chamamento divino» (Ms A, 26 rº), feito a uma jovem muito jovem: «Não queria comunicar a Celina o meu desejo de entrar *tão nova* para o Carmelo» (Ms A, 49 vº). «Maria achando que eu era *muito nova*, fazia todo o possível para impedir a minha entrada» (Ms A, 49 rº). O Pai «não disse uma só palavra para me desviar da minha vocação, contentando-se simplesmente com fazer-me notar que *era ainda muito nova* para tomar uma determinação tão grave» (Ms A, 50 rº). O Tio «não me deu licença de partir, antes pelo contrário, proibiu-me que lhe falasse da minha vocação antes da idade de 17 anos. Era contrário à prudência

«*O Ideal da felicidade*»

Realmente Teresa teve que «deixar tudo», toda a alegria da sua juventude, de bem-estar familiar e social, para responder generosamente ao forte chamamento do amor de Jesus.

«Desde há meses levávamos a vida mais doce que as jovens podem sonhar; tudo, à nossa volta, correspondia aos nossos gostos, era-nos concedida a máxima liberdade, enfim, dizia que a nossa vida era na terra o *Ideal da felicidade*... Mal tínhamos tempo para saborear este *ideal de felicidade*, já era preciso voltar-lhe livremente as costas».<sup>80</sup>

Como diria S. João da Cruz, era preciso «outra inflamação maior de outro amor melhor, o de seu Esposo»,<sup>81</sup> de quem já «nada a podia

---

humana, dizia, deixar entrar para o Carmelo *uma criança de 15 anos*. Sendo esta vida de carmelita, aos olhos do mundo, uma vida de filósofo, seria causar dano à religião deixar *uma criança sem experiência abraçá-la*» (Ms A, 51 rº). «Oh! meu Padre, como Jesus é bom ao *querer-me tão jovem!* Não sei como agradecer-lhe. O meu tio achava-me *muito nova*, mas ontem disse-me que queria fazer a vontade de Deus» (Ct 28). «O Sr. P. Superior não consentia na minha entrada antes da idade de 21 anos... Ninguém pensara nesta oposição, a mais invencível de todas» (Ms A, 52 rº). A 13-30/1/1888, escrevia ao Cónego Delatroëtte: «Dignai-vos abençoar de longe a mais pequena das vossas filhas; ela esforça-se neste momento por preparar a alma para a vida do Carmelo. Sei que *ser chamado tão jovem* é uma grande graça, mas não serei ingrata e Deus dar-me-á, assim o espero, os meios para lhe ser fiel como desejo de todo o meu coração» (Ct 41). Já antes o Ressuscitado a chamara «na Cruz» a participar do seu amor redentor pelos pecadores (Ms A, 46 vº). Teresa sabe que «Jesus tem por nós um amor tão incompreensível, que quer que tenhamos parte com ele na salvação das almas» (Ct 135). Por isso, apesar de todas estas provas, convencida que «tinha verdadeira vocação para o Carmelo», «estava resolvida a *atingir os meus fins*», escreve ela, e «iria mesmo até ao *Santo Padre*, se o Senhor Bispo não me visesse permitir a entrada para o Carmelo aos 15 anos» (Ms A, 52 rº). Já a 16 de Julho de 1894, no poema *Canto de Gratidão a Nossa Senhora do Monte Carmelo*, dedicado à Ir. Marta de Jesus, agradeceu à Virgem do Carmo o seu encaminhamento para o Carmelo: «Mais tarde, nos *dias da juventude / Ouvi o chamamento de Jesus / Na vossa inefável ternura / Mostrastes-me o Carmelo*» (P 7, 2).

<sup>80</sup> Ms A, 49 vº. Teresa passou a sua juventude neste «paraíso familiar». «A vida teria sido sobre a terra o *ideal de felicidade* se Jesus não tivesse vindo tornar os nossos laços uma vez mais apertados» (Ct 127). Mais tarde, durante o périplo a Roma, rodeada de tanto luxo, nos principescos hotéis, onde ficava hospedada, deixará esta nota de viagem: «É bem caso para dizer que a riqueza não dá a felicidade, pois me sentiria mais feliz sob um tecto de colmo com a esperança do Carmelo, do que ao lado de revestimentos dourados, de escadas de mármore branco, de cortinas de seda, mas com a amargura no coração... Ah! bem o senti, a alegria não se encontra nos objectos que nos cercam, encontra-se no mais íntimo da alma, tanto se pode possuir numa prisão como num palácio, a prova, é que me sinto mais feliz no Carmelo, mesmo no meio de provações interiores e exteriores do que no mundo rodeada das comodidades da vida e *sobretudo* das doçuras do lar paterno!...» (Ms A, 65 rº).

<sup>81</sup> S. João da Cruz, I S 14, 2. Vai ser um dos mestres espirituais da jovem carmelita: «Ah! quantas luzes não adquiri com as obras de Nosso P. S. J. da C.!... Na idade de 17 e 18 anos não tinha outro alimento espiritual» (Ms A, 83 rº).

separar» (Rm 8, 39), para Teresa ter força de alma suficiente – «o amor tudo pode» (1 Co 13, 7) – a fim de «voltar as costas» àquele «apetite do mundo» e «correr para Jesus».

«Nunca o Amor encontra impossibilidades, porque tudo julga possível e permitido». Realmente só o amor de Jesus é que me podia levar a vencer estas dificuldades e as que se seguiram, pois Lhe agradou fazer-me comprar a minha vocação à custa de tão grandes provas...».<sup>82</sup>

Na «loucura do seu amor» por Jesus, que nos amou, não com um amor «razoável», mas com «amor louco»<sup>83</sup> – «a razão de Jesus é não ter razão»<sup>84</sup> – que «não deseja senão a nossa felicidade», «introduz o seu evangelho de amor no inferno», o reino do «privado de amor», para que ali, ao menos uma alma O pudesse amar, pois «já o seu amor estava para pôr de parte a razão».<sup>85</sup>

«Crescia sobretudo no amor de Deus. Sentia no meu coração ímpetos até então desconhecidos; tinha por vezes verdadeiros transportes de amor. Uma noite não sabendo como dizer a Jesus que o amava e quanto desejava que Ele fosse amado e glorificado em toda a parte, pensei com dor que Ele nunca poderia receber no inferno um só acto de amor. Então disse ao Bom Deus que, para Lhe agradecer, consentiria com gosto ver-me ali mergulhada, a fim de que Ele fosse *amado* eternamente nesse lugar de blasfémia...Sabia que isso não o poderia glorificar, porque Ele não deseja senão a nossa felicidade; mas, quando se ama, sente-se necessidade de dizer mil loucuras...».<sup>86</sup>

<sup>82</sup> Ms A, 53 vº, onde cita *Imit.* L. III. cap.V, 4.

<sup>83</sup> «Que felicidade sofrer por *Aquele que nos ama até à loucura e passar por loucas aos olhos do mundo...*» (Ct 169).

<sup>84</sup> Ct 89.

<sup>85</sup> S. Teresa de Jesus, 3 M 2, 7. Na pessoa de Celina, Teresa fala-nos da loucura do amor de Jesus e da obrigatória loucura do amor dos jovens a Jesus: «O amor de Jesus a Celina não pode ser compreendido senão por Jesus!... Jesus fez *loucuras* por Celina... Que Celina faça *loucuras* por Jesus... Jesus quer fazer depender a salvação das almas de um suspiro do nosso coração... Que mistério! ... se um suspiro pode salvar *uma alma*, o que não podem fazer sofrimentos como os nossos?... Não recusemos nada a Jesus!...» (Ct 85). «Amêmo-lo até à loucura, salvemos-lhe almas» (Ct 96). Teresa que «procurou fazer da sua vida um acto de amor» (Ct 224), queria «amá-lo como nunca foi amado» (Ct 74), «queria amá-lo não com um amor ordinário, mas como os Santos que faziam loucuras por Ele» (Ct 225). «Podemos dar incessantemente graças ao Senhor por nos ter dado a conhecer *uma jovem de carne e osso que com tanta radicalidade e alegria viveu o amor num escuro canto carmelitano. Pertence ao mais formoso que a Igreja produziu nos seus 20 séculos de existência*» (A. Olea, *Teresa de Lisieux. Creer amando*, em Monte Carmelo, Burgos, 1996, pp. 218-219).

<sup>86</sup> Ms A, 52 rº- 52 vº.

O *immediatismo* do chamamento de Jesus, que a fez voltar livremente as costas àquele ideal de felicidade, *la dolce vita* burguesa, não anula a *mediação* dos intermediários humanos,<sup>87</sup> nem a influência providencial dos acontecimentos sobre a sua vocação.<sup>88</sup>

«*O sonho da minha juventude*»

A viagem a Roma, iniciada fundamentalmente com uma motivação vocacional, acabou por enriquecer o universo cultural da jovem de Lisieux, de que virá a tomar partido, mais tarde, no Carmelo, não só nas historietas dos recreios, mas nas memórias das personagens e dos lugares históricos, que visitou durante a sua peregrinação, na qual havia com que demolir uma vocação pouco firme, mas, no caso dela, reforçou a sua vocação religiosa.

«Ah! que viagem aquela!... Ela só instruiu-me mais do que longos anos de estudos, mostrou-me a vaidade de tudo o que passa e que tudo debaixo do sol é aflição de espírito... Apesar disso vi coisas muito belas, contemplei todas as maravilhas da arte e da religião,<sup>89</sup> sobretudo calquei a mesma terra que os S.<sup>tos</sup> Apóstolos, a terra regada pelo sangue dos mártires e a minha alma cresceu ao contacto com as coisas santas...».<sup>90</sup>

Na verdade, este contacto com as coisas santas,<sup>91</sup> surgiu especialmente a 14 de Novembro de 1887, quando, no Coliseu de Roma, pisou

<sup>87</sup> «Para me encorajar na minha vocação, não encontrei senão uma *só alma*, a da minha *querida Mãe* (...) No momento da prova foi a vossa mão que me indicou o caminho que devia seguir» (Ms A, 49 r<sup>o</sup>). Seria preciso ler todas as peripécias da história da sua vocação para o Carmelo, a sua confiança ao Pai, o pedido ao Tio, a oposição do Superior do Carmelo, o nem sim nem não do Bispo, a profecia de Leão XIII, o atraso da sua entrada por parte do Carmelo, para nos darmos conta que, de facto, foi bem provada na sua vocação para a vida religiosa (Cf. Ms A, 50 r<sup>o</sup>- 68 v<sup>o</sup>).

<sup>88</sup> «Ah! compreendi a *minha vocação em Itália* (...) Como é bela a vocação que tem por finalidade *conservar o sal* destinado às almas! Esta é a vocação do Carmelo, porque o único fim das nossas orações e dos nossos sacrifícios é ser *apóstolo* dos *apóstolos*, rezando por eles enquanto evangelizam as almas com as suas palavras e, sobretudo, com o seu exemplo...» (Ms A, 56 r<sup>o</sup>).

<sup>89</sup> «Desejo-vos que este «crescimento» se processe mediante o contacto com *as obras do homem* e mais ainda com *os próprios homens vivos*... A juventude parece ser particularmente sensível à verdade, ao bem e à beleza, contidas nas obras do homem. Vivendo em contacto com elas... *aprendemos a verdade sobre o homem*» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 14).

<sup>90</sup> Ms A, 55 v<sup>o</sup>. Em Paris, pediu a Nossa Senhora das Vitórias que afastasse dela tudo quanto pudesse manchar a sua pureza e a S. José que protegesse a sua virgindade (Ms A, 57 r<sup>o</sup>). Teresa é S. Cecília «em carmelita»: «Jovem amigo, disseste-lhe, ao pé de mim sempre vela / Um anjo do Senhor que guarda puro o meu coração» (P 3, 41-42).

<sup>91</sup> A consagração ao Sagrado Coração, na basílica de Montmartre (Ms A, 57 r<sup>o</sup>), a visita ao túmulo de S. Carlos, na catedral de Milão (Ms A, 58 v<sup>o</sup>), a veneração da língua de S. António, em Pádua,

«a terra regada pelo sangue dos mártires», que deram a vida por Cristo. O Crucificado, que lhe aparecera com toda a sua sede de amor,<sup>92</sup> aparece-lhe agora na cruz da arena, essa terra sagrada, que ouviu a oração da nova mártir.

«O meu coração batia com força quando os meus lábios se aproximaram do pó empurpurado pelo sangue dos primeiros cristãos, pedia a graça de ser também mártir por Jesus e senti no fundo do coração que a minha prece era ouvida!...».<sup>93</sup>

Este «sonho da sua juventude» foi acalentado com a visita às catacumbas, no encontro com as vírgens e mártires, S. Cecília e S. Inês.<sup>94</sup> Em Roma, «onde julgava encontrar consolação, encontrou a cruz», no cálice amargo que o Santo Padre, Leão XIII, lhe apresentou,<sup>95</sup> no objectivo falhado da sua viagem.<sup>96</sup>

O seu atrevido e repetido pedido: «Santíssimo Padre, tenho a pedir-vos uma grande graça!...» e «Santíssimo Padre, em honra do vosso jubileu, permiti que entre para o Carmelo aos 15 anos!...» foi logo indiferido pela intervenção do P. Révérony, que muito diplomáticamente saíu do apuro, nestes termos: «Santíssimo Padre, é *uma criança* que

Santa Catarina, em Bolonha (Ms A, 59 vº), a casa da S.da Família em Loreto (Ms A, 59 vº- 60 rº), o mosteiro de S. Martinho, em Nápoles (Ms A, 64 vº), os lugares de S. Francisco, de Santa Clara e de sua irmã Santa Inês, em Assis (Ms A, 65 vº), Santa Madalena de Pazzi, em Florença (Ms A, 66 rº), a Igreja de S.ta Cruz de Jerusalém, em Roma (Ms A, 66 rº), o mosteiro Carmelita de S.ta Maria da Vitória, em Roma (Ms A, 66 vº).

<sup>92</sup> Ms A, 45 vº.

<sup>93</sup> Ms A, 61 rº. Na verdade, segundo S. João da Cruz, Jesus, que ouviu a sua oração, concedeu-lhe a graça do martírio, isto é, o amor, o exercício e o prémio de mártir (...) honrando assim, mais e melhor a Deus» (2 S 19, 13). No ano seguinte, escreverá que o martírio era o sonho da sua juventude: «O Martírio, eis o sonho da minha juventude, este sonho cresceu comigo sob os claustros do Carmelo. Mais uma vez, sinto que o meu sonho é irrealizável, pois não poderia limitar-me a desejar *um só* género de martírio... Para me satisfazer, precisaria de *todos*... Ao pensar nos tormentos que serão a sorte dos cristãos no tempo do Anticristo, sinto o coração aos saltos e queria que esses tormentos me estivessem reservados...» (Ms B, 3 rº).

<sup>94</sup> «Antes da viagem a Roma não tinha qualquer devoção especial a esta santa, mas ao visitar a sua casa transformada em Igreja, o lugar do seu martírio, ao saber que tinha sido proclamada rainha da harmonia, não por causa da bela voz nem do seu talento para a música, mas em memória do *canto virginal* que fez ouvir ao Esposo Celeste escondido no íntimo do coração, senti por ela mais do que devoção: verdadeira *ternura* de *amiga*...Tudo nela me encanta, sobretudo o *abandono*, a *confiança* ilimitada que a fizeram capaz de virginalizar almas que nunca desejaram outras alegrias senão as da vida presente (...) A visita à igreja de S. Inês também me foi muito agradável, era uma *amiga de infância* que ia visitar em sua casa...» (Ms A, 61 vº).

<sup>95</sup> Ms A, 62 vº.

<sup>96</sup> «Ah, tudo acabara, a viagem não tinha a meus olhos mais nenhum encanto pois falhara o seu objectivo...» (Ms A, 64 rº).

deseja entrar para o Carmelo aos 15 anos, mas os superiores estudam presentemente a questão». O Papa aproveitou a deixa e interveio: «Pois bem, minha filha, fazei o que os vossos superiores vos disserem». Teresa não se conforma e insiste: «Oh! Santíssimo Padre, se dissésseis que sim, toda a gente concordaria!...». O Papa conclui: «Vamos... Vamos... *Entrarás, se Deus quiser!*...».<sup>97</sup>

«*Subir a montanha do Carmelo*»

Estes contratempos eram, afinal, *caprichos infantis* do Menino Jesus, a quem ela antes se oferecera, para ser o seu *brinquedozinho*. De facto, Ele «queria ver o que havia por dentro» do coração da sua *bolinha*. Viu a cruz, viu que havia amargura na paz<sup>98</sup> e, depois de a fazer esperar contra toda a esperança,<sup>99</sup> convenceu-se *finalmente* da sua vocação,<sup>100</sup> e prometeu-lhe fazer tudo o que pudesse a fim de ela entrar para o Carmelo.<sup>101</sup> Mas, pelo seu «aspecto juvenil», reconhecia que ela era ainda uma «criança», para ser já «carmelitazinha», apesar de ela se apresentar já como «futura carmelita», que espera entrar, no Carmelo, a 25 de Dezembro.

Teresa, que elegera fazer-se uma grande santa – «Teresa escolhe tudo, TERESA ESCOLHE DEUS» – é animada nesta sua eleição, pelas cartas de suas irmãs carmelitas.

«Ó minha querida Teresa não estás orgulhosa, não estás feliz pela *preferência marcada* que Jesus te testemunha. Tão jovem, aos 15 anos, ele encontra-te digna de levar a sua cruz, ele encontra-te digna de sofrer! Que honra para ti! Se soubesses como estas provas fazem avançar a tua alma no caminho da Santidade!».<sup>102</sup>

<sup>97</sup> Ms A, 63 rº -63 vº. «Contudo as últimas palavras do Santo Padre deviam ter-me consolado: não eram de facto uma verdadeira profecia? Apesar de todos os obstáculos, *o que Deus quis* já se realizou. Não permiti às criaturas fazerem o que elas queriam, mas a sua *vontade Divina*...» (Ms A, 64 rº).

<sup>98</sup> «No fundo do coração eu sentia grande paz, porque que tinha feito absolutamente tudo o que estava em meu poder para responder ao que Deus me pedia, mas esta *paz* estava no *fundo* e a amargura *enchia* a minha alma, porque Jesus se calava» (Ms A, 64 rº)

<sup>99</sup> «Já não tinha a esperança do S.to Padre»... a minha única esperança residia *só* em Deus» (Ms A, 66 rº).

<sup>100</sup> Ms A, 64 vº.

<sup>101</sup> Ms A, 66 rº.

<sup>102</sup> *NEC*, CG, t. I, 1877-1890, LC 66, da Ir. Inês de Jesus a Teresa, 23 de Novembro, 1887, p. 307. A sua Ir. Maria anima-a no mesmo sentido: «Que a querida bolinha repouse docemente nas mãos do Menino-Jesus. Se ela soubesse como lhe é cara, como ele a cobiça só para ele e como ele a terá já no Natal se Ele quiser!» (*Ibid.*, LC 67, 23 de Novembro de 1887, p. 308).

Mas, o Menino, que a conduzia (Is 11, 6), dormia, embora o seu coração velasse por ela, isto é, provasse a sua fé, como que abandonando-a, para ver se ela se abandonava ao capricho da sua vontade.<sup>103</sup> Por fim, atou-a à cruz da espera, durante três meses, para ocasionar-lhe a graça de dominar a sua vontade, sempre pronta a impor-se, nada menos que ao Menino Rei, Senhor do tempo e da eternidade, para ela compreender o valor do tempo, já que iria consagrar-lhe todo o tempo da sua vida.<sup>104</sup>

Escolhida que foi – aqui, Teresa, que *escolheu tudo*, não escolheu nada – a segunda-feira, de 9 de Abril de 1888, para a sua entrada no Carmelo, eis como a jovem nos relata este «passo fundamental» da sua vida.

«Na manhã do grande dia, depois de ter lançado um último olhar aos Buissonnets, esse ninho gracioso da minha infância, que não devia mais voltar a ver, parti pelo braço do meu querido Rei para subir a montanha do Carmelo. Como na véspera, toda a família se encontrava reunida para ouvir a Santa Missa e comungar. Logo que Jesus desceu ao coração dos meus entes queridos, não ouvi à minha volta senão soluços. Só eu não derramei lágrimas, mas senti o coração bater com *tal violência* que me pareceu impossível avançar quando nos vieram fazer sinal para irmos para a porta conventual. Apesar de tudo, avancei, perguntando-me a mim mesma se não ia morrer com a força das pulsações do meu coração... Ah! que momento aquele! É preciso ter passado por ele para saber o que ele é... A minha emoção não se traduziu no exterior; depois de ter abraçado todos os membros da minha querida família, pus-me de joelhos diante do meu incomparável Pai, pedindo-lhe a sua benção. Para ma dar, pôs-se também *ele de joelhos* e abençoou-me a chorar... Era um espectáculo que devia fazer sorrir os anjos, o deste velhinho, apresentando ao Senhor a sua filha ainda na primavera da vida!... Alguns instantes depois, as portas da arca santa fecharam-se atrás de mim e nela recebia os abraços das *queridas irmãs* que me tinham servido de *mães* e que daí em diante ia tomar como modelos das minhas

<sup>103</sup> «A bela festa de Natal chegou e Jesus não acordou!... Deixou a sua bolinha por terra, sem mesmo lhe lançar um olhar» (Ms A, 67 vº). «Jesus pequenino fez-me sentir tão bem que me queria no Natal que eu não posso resistir à graça que ele me concede. É verdade que sou *muito nova*; mas, Senhor Bispo, se Deus me chama e o Papá assim quer...» (Ct 38 B).

<sup>104</sup> Ms A, 68 rº- 68 vº. «Quando Jesus me tiver colocado na terra bendita do Carmelo quero dar-me toda inteira a Ele, já não quero viver senão para Ele (...) Desejo só uma coisa quando estiver no Carmelo, é sofrer sempre por Jesus...» (Ct 43 B).



acções... Finalmente, cumpriram-se os meus desejos, a minha alma sentia uma PAZ tão doce e tão profunda que me seria impossível exprimi-la e desde há 7 anos e meio esta paz íntima continua a ser a minha herança, nunca me abandonou no meio das maiores provas».<sup>105</sup>

O passo estava dado. Com a força de Jesus, comungada na Eucaristia, e a benção do Pai, «esqueceu o seu povo e a casa de seu pai» e «entrou no palácio do Rei» (Sl 44, 11. 16). «Só por Jesus»,<sup>106</sup> deixou Lisieux, a cidade dos homens, e os Buissonnets, a casa do pai, para se esconder no deserto do Carmelo, a cidade de Deus, onde «só mora a honra e a glória de Deus». «Introduzida na terra do Carmelo par aí comer os seus frutos e os seus bens» (Jer 2, 7), já era o pequeno grão de areia do deserto, a contemplar os espaços infinitos, do seu oasis interior.<sup>107</sup>

«Tudo me parecia encantador. Julgava-me transportada a um deserto. Encantava-me sobretudo a nossa pequenina cela. Mas a alegria que sentia era calma; nem a mais ligeira brisa fazia ondular as águas tranquilas sobre as quais vogava a minha barquinha; nenhuma nuvem obscurecia o meu céu azul... Ah! estava plenamente recompensada de todas as minhas provações... Com que alegria profunda repetia estas palavras: «É para sempre, para sempre que estou aqui!...».<sup>108</sup>

«*Vim para salvar as almas*»

Teresa encontrou o ambiente adequado à sua vocação,<sup>109</sup> de «viver escondida em Cristo» (Col 3, 3). Por isso, «retirou-se com Jesus para o deserto» (Mc 6, 31). Apesar de ter encontrado, em Jesus, o seu único tesouro,<sup>110</sup> a maior felicidade do seu coração,<sup>111</sup> estava consciente de que a travessia do deserto, com Aquele que é o Êxodo (Jo 14, 6), a caminho da «Terra Prometida», do Tudo, do cimo da montanha do

<sup>105</sup> Ms A, 69 rº.

<sup>106</sup> «Quería ir para o Carmelo...só por *Jesus*» (Ms A, 26 rº).

<sup>107</sup> Já o havia escrito: «Ah! bem o sinto, a *alegria* não se encontra nos objectos que nos rodeiam, *encontra-se no mais íntimo da alma*, tanto se pode possuir numa prisão como num palácio, a prova, é que *sou mais feliz no Carmelo*, mesmo no meio das provas interiores e exteriores do que no mundo rodeada das comodidades da vida e *sobretudo* das doçuras do lar paterno!...» (Ms A, 65 rº).

<sup>108</sup> Ms A, 69 rº.

<sup>109</sup> «Sinto que estou perfeitamente no *meu centro*; se a Menina Paulina estivesse aí presente, diria que «encontrei o *meu caminho*» (Ct 58).

<sup>110</sup> «Jesus é um tesouro *escondido*, um bem inestimável que poucas almas sabem encontrar porque está *escondido* e o mundo gosta do que brilha» (Ct 145).

<sup>111</sup> «Sou muito, muito feliz» (Ct 69).

Amor, se faz através da «redução ao nada», pela sequela amorosa da cruz, na «schola doloris», que é a vida e a via real do seu Jesus.

«Esta felicidade não era efémera, não se havia de dissipar com «as ilusões dos primeiros dias». Ilusões, Deus concedeu-me a graça de *não ter* NENHUMA ao entrar no Carmelo: encontrei a vida religiosa *tal* como a tinha imaginado, nenhum sacrifício me surpreendeu, e contudo, bem o sabeis, minha querida Madre, os primeiros passos encontraram mais espinhos do que rosas!... Sim, o sofrimento abriu-me os braços e lancei-me neles com amor... O que vinha fazer ao Carmelo, declarei-o aos pés de Jesus-Hóstia, no exame que precedeu a profissão: «Vim para salvar as almas e, sobretudo, para orar pelos sacerdotes. Quando se quer atingir um fim, é preciso empregar os meios; Jesus fez-me compreender que era pela cruz que Ele me queria dar almas e o meu gosto pelo sofrimento crescia à medida que o sofrimento aumentava. Durante 5 anos foi este o meu caminho...».<sup>112</sup>

Quem a conduzia, di-lo ela, era Jesus, o «Meu director», «o Director dos directores», que me instruíra na «ciência crucis».

«A florzinha transplantada para a montanha do Carmelo havia de desenvolver-se à sombra da Cruz; as lágrimas, o sangue de Jesus, tornaram-se o seu orvalho e o seu Sol foi a sua Face Adorável coberta de prantos... Até então nunca tinha sondado a profundidade dos tesouros escondidos na Sagrada Face, foi por meio de vós, minha querida Madre, que aprendi a conhecê-los, assim como outrora nos havíeis precedido a todas no Carmelo, assim tínheis compreendido primeiro os mistérios de amor escondidos no Rosto do nosso Esposo; então chamastes-me e compreendi...<sup>113</sup> Compreendi o que era a *verdadeira glória*.

<sup>112</sup> Ms A, 69 r<sup>o</sup>- 70 r<sup>o</sup>. Por exemplo, o P. Pichon, que «julgava o fervor dela absolutamente infantil e o seu caminho muito suave» (Ms A, 70 r<sup>o</sup>). A sua relação com a «nossa Madre», Maria de Gonzaga, foi para ela uma das fontes do seu sofrimento purificador: «Sei que me amava muito e dizia de mim todo o bem possível, mas Deus permitia que *sem cair na conta*, fosse MUITO SEVERA...» (Ms A, 70 v<sup>o</sup>). Contudo, a Madre Maria de Gonzaga, fazia sair para o exterior informações como estas, a respeito de Teresa: «Nunca tinha imaginado que aos 15 anos pudesse ter um juízo tão equilibrado. Não faz falta dizer-lhe nada. Nela tudo é perfeito» (LD, 17/5/ 1888). Ao P. Roulland :«Esta pequena é toda de Deus» (Ct 193 +m). A sua mestra de noviciado, escrevia para a Visitação de Le Mans : «A jóia do Carmelo. Alta e forte, ar de criança, o seu tom de voz e a sua expressão infantil encobrem nela uma sabedoria, uma perfeição e uma perspicácia de 50 anos. Mística e cômica, tudo lhe cai bem. Sabe fazer-nos *chorar* de devoção e pode igualmente fazer-nos *morrer de riso* nos recreios» (CG II, 1176). «Aos 15 anos alcançou a maturidade de uma jovem de vinte anos» (C. Meester, *o.c.*, p. 27).

<sup>113</sup> «Jesus arde de amor por nós... Olha a sua Face adorável!... Olha esses olhos apagados e

Aquele cujo reino não é deste mundo mostrou-me que a verdadeira sabedoria consiste em «querer ser ignorada e tida por nada», em «colocar a própria alegria no desprezo de si mesma...» Ah! como o de Jesus queria que: «O meu rosto estivesse verdadeiramente oculto, que sobre a terra ninguém me reconhecesse». Tinha sede de sofrer e de ser esquecida... Quanto é misterioso o caminho pelo qual me conduziu sempre Deus, *nunca* me fez desejar qualquer coisa sem ma conceder, por isso o seu cálice amargo me pareceu delicioso...».<sup>114</sup>

Delicadeza do seu «menino Jesus rosa» foi, no entender de Teresa, a neve, que lhe enviou a 10 de Janeiro, no dia da sua tomada de hábito, como presente de quem, amando a neve, e sabendo do gosto desta jovem pela neve, lhe dá um sinal da ternura do seu amor puro, como condescendência que desce do Céu, conforme nos conta a florzinha de inverno, na transparência da sua admiração e gratidão de jovem noiva.

«O Senhor Bispo fixou a cerimónia para 10 de Janeiro. A expectativa fora longa, mas também, que linda festa!... nada lhe faltava, nada, nem mesmo a *neve*... Não sei se já vos falei do meu amor pela neve?... Pequenina, a sua brancura, encantava-me; um dos maiores prazeres era passear sobre os flocos níveos. Donde me vinha este gosto pela neve?... Talvez de que sendo uma *florzinha de inverno* o primeiro adorno com que os meus olhos de criança viram a natureza revestida tinha sido o seu alvo manto... Enfim sempre desejara que no dia da tomada de hábito a natureza estivesse como eu adornada de branco. Na véspera deste belo dia olhava melancolicamente o céu cinzento donde se escapava de tempos a tempos uma chuva miúda e a temperatura estava tão amena que eu perdera a esperança da neve (...) Voltei para a clausura, a primeira coisa que notei sob o claustro foi o «meu menino Jesus rosa» sorrindo-me por entre flores e luzes e a seguir o meu olhar dirigiu-se para os *flocos de neve*... o jardim interior estava branco como eu. Que grande delicadeza de Jesus! Vindo ao

---

baixos!... Olha essas chagas... *Olha Jesus na sua Face... Aí verás como nos ama*» (Ct 87). «O seu rosto inspira o amor e a *sua face* inclinada *obriga-me a dar-lhe amor por Amor*» (Ct 108).

<sup>114</sup> Ms A, 71 r<sup>o</sup>. É o caso do sofrimento que lhe adveio com a doença do pai, que iria beber pela *mais amarga*, pela *mais humilhante* de todas as taças... Sim os três anos de martírio do Papá parecem-me os mais amáveis, os mais frutuozos de toda a nossa vida» (Ms A, 73 r<sup>o</sup>). Este «inapreciável tesouro» é «a nossa grande riqueza» (Ms A, 86 r<sup>o</sup>). Entre as lições que o «seu Director» lhe ensinou, realça as luzes sobre a perfeição religiosa, sobre a pobreza, sobre a prática das pequenas virtudes, a mortificação do seu amor próprio, etc...» (Ms A, 74 r<sup>o</sup>- 74 v<sup>o</sup>).

encontro dos desejos da sua noivazinha, apresentava-lhe neve... Descobriu-se que eu tinha o estranho gosto de amar a neve... Tanto melhor! isso fez sobressair ainda mais a *incompreensível condescendência* do Esposo das virgens... d'Aquele que ama com tanta ternura os *Lírios brancos* como a NEVE!...».<sup>115</sup>

### «À sombra da Cruz»

A própria relação com Deus, o estar com ele na oração, era-lhe cruz suave,<sup>116</sup> aliás, foi-o durante toda a vida, como nos confia ela, no retiro de preparação para a sua profissão.

«Esteve longe de me trazer consolações, antes me coube em sorte a aridez mais completa e quase o abandono. Jesus dormia como sempre dentro do meu barquinho; ah! bem vejo que muito raramente as almas O deixam dormir tranquilamente em si mesmas. Jesus está tão fatigado de fazer constantemente os gastos e tomar a dianteira que se apressa a aproveitar o repouso que Lhe ofereço. Com certeza não vai acordar antes do meu retiro da eternidade, isso porém em vez de me causar pena proporciona-me extrema alegria... Verdadeiramente estava longe de ser santa, basta isto para o provar; em lugar de me alegrar com esta secura, deveria atribui-la ao meu pouco fervor e fidelidade, deveria estar desolada por dormir (desde há 7 anos) durante as orações e *acções de graças*; ora, eu não me aflijo muito... penso que as *criancinhas* agradam tanto a seus pais quando dormem como quando estão acordadas, penso que para fazerem operações, os médicos adormecem os seus doentes. Enfim penso que: «O Senhor vê a nossa fragilidade, que Ele se

<sup>115</sup> Ms A, 72 rº - 72 vº. Jesus também não se esqueceu de que a sua noiva gostava muito de flores e enviou-lhe todas as flores que mais lhe agradavam, mesmo a Nigela dos trigos, diz ela, a flor da *minha infância*» (Ms A, 81 vº; cf. CA 28.8.7; 13.9.2). Também gostava muito dos frutos (CA 29.8.3). Como Salomão, Teresa compreendeu que os desejos, *escondidos* no fundo do seu coração, de aprender a pintar e a compor poesias, poderiam levá-la à « vaidade»; mas, no seu caso, os dons de Deus, levaram-na para *Ele*» (Ms A, 81 rº-81 vº). O *sonho* inverosímil de ver Celina esposa de Jesus no Carmelo, até esse se realizou a 14 de Setembro de 1894, bem como o desejo de saber se o Papá foi *directamente* para o Céu (Ms A, 82 rº- 82 vº).

<sup>116</sup> «A aridez era o meu pão quotidiano e privada de toda a consolação eu era apesar de tudo a mais feliz das criaturas, pois todos os meus desejos estavam satisfeitos...» (Ms A, 73 vº). «Desejos também este «crescimento» mediante o contacto directo com Deus na oração. «Rezai e aprendei a rezar! Abri os vossos corações e as vossas consciências diante d'Aquele que vos conhece melhor do que vós mesmos. Falai com Ele! Aprofundai a Palavra de Deus vivo, lendo e meditando a S. Escritura» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 14).

lembra de que nós não somos senão pó»... Creio com toda a simplicidade que é o próprio Jesus escondido no fundo do meu pobre coraçãozinho que me concede a graça de agir em mim e me faz pensar tudo o que quer que eu faça no momento presente». <sup>117</sup>

Durante o seu tempo de noivado, com Jesus, que apesar de dormido, alimenta-a acordado, a cada momento, mesmo no meio de prova, Teresa manteve a comunicação directa, no locutório, e indirecta, na correpondência, com sua jovem irmã Celina, certamente para a ajudar a manter o «coração ao alto», na mesma identificação com ela, na vocação de amar Jesus e na missão de amar as almas.

«Ah! que maravilhas não realizou a prova na alma da minha querida Celina!... Todas as cartas que nessa altura escrevia levam o sinal da resignação e do amor... E quem poderá exprimir os encontros que tínhamos entre nós no locutório?... Como outrora no *belvedere*, sonhavam com as coisas da *eternidade* e para mais depressa poderem gozar dessa felicidade sem fim, escolhiam cá na terra, como única herança, «O sofrimento e o desprezo». <sup>118</sup>

## IV

### «Uma religiosa perfeita»

Entretanto, as coisas da eternidade passavam-se no tempo e «chegou o belo dia das suas núpcias». Com a benção do Sumo Pontífice e a maldição do demónio, que a tenta fazendo-a crer que não tem vocação, <sup>119</sup> a jovem que queria ser santa, <sup>120</sup> oferece-se totalmente a Jesus e, aos 17

<sup>117</sup> Ms A, 75 vº- 76 rº.

<sup>118</sup> Ms A, 73 vº. Não era preciso escolher, pois, o seu Noivo, depois de, por sua Mãe, a SS.ma Virgem, a ter ajudado a preparar o seu vestido de noiva, ofereceu-lhe um novo diamante, a prova bem pequena na aparência, mas que muito a fez sofrer: «Deus que me queria provar serviu-se dela (a *prudência humana*) como de instrumento dócil e no dia do meu noivado encontrei-me verdadeiramente orfã, sem ter o Pai da terra mas podendo olhar para o Céu com confiança e dizer com toda a verdade: «*Pai* nosso que estais no Céu» (Ms A, 74 vº- 75 vº).

<sup>119</sup> Ms A, 76 rº- 76 vº.

<sup>120</sup> Escreveu à Madre Inês na Véspera de entrar no Carmelo. «Gostaria de te dizer muitas coisas sobre o grãozinho de areia mas não tenho tempo... (Quero ser uma santa...). Encontrei no outro dia umas palavras que me agradam muito, já não me lembro quem foi o santo que as disse; eram assim: «não sou perfeito mas *quero* sê-lo» (Ct 45). Do Carmelo, durante o seu postulanteado, escrevia a seu Pai: «Serei sempre a tua rainhazinha e esforçar-me-ei por construir a tua glória tornando-me uma grande santa» (Ct 52); «Tu não podias fazer mais pela tua Rainhazinha! Se ela

anos e meio, torna-se definitivamente carmelita, apoiada só no amor infinito de Jesus,<sup>121</sup> com quem se une em desposório espiritual, na sua profissão religiosa.

«Na manhã de 8 de Setembro, senti-me *inundada* com um rio de *paz* e foi nesta paz «superior a todo o sentimento» que pronunciei os meus Santos Votos... A minha união com Jesus realizou-se não no meio de trovões e relâmpagos, isto é, de graças extraordinárias, mas entre uma *brisa ligeira*, semelhante à que ouviu sobre a montanha o nosso pai S. Elias... Quantas graças não pedi a Jesus nesse dia!... Que bela festa a da natividade de *Maria* para me tornar esposa de Jesus. Era a *pequenina* SS.<sup>ma</sup> Virgem de um dia quem apresentava a sua *pequenina* flor ao *pequenino* Jesus... naquele dia tudo era pequenino excepto as graças e a paz que recebi, excepto a alegria *tranquila* que recebi à noite, ao contemplar as estrelas a cintilar no firmamento, ao pensar que *em breve* o lindo Céu se abriria a meus olhos extasiados e que eu me poderia unir ao meu Esposo no seio de uma alegria eterna...».<sup>122</sup>

A esta festa de «alegria tranquila» seguiu-se-lhe, passados 16 dias, a festa do «pranto», devido à solidão em que se encontrava, sem o Pai, internado em Caen, sem o pai espiritual, o P. Pichon, no Canadá, sem o pai na fé, o Bispo, doente em Bayeux, apenas a vigilante e frágil Teresa e o seu ausente Jesus.

«A 24 teve lugar a cerimónia da minha tomada de *vêu*, esse dia foi inteiramente *velado* pelas lágrimas... O Papá não estava pre-

---

não for uma grande santa, será só por sua culpa, porque com um Pai como tu não lhe faltam os meios para o ser!» (Ct 72). E à Ir. Marta de Jesus, no dia da sua tomada da hábito: «Pedi a Jesus que me faça uma grande santa, pedirei a mesma graça para a minha querida companheira!» (Ct 80).

<sup>121</sup> Teresa rezava, assim, a Jesus no dia da sua profissão: «Jesus não te peço senão a paz, e também o amor, o amor infinito sem outro limite para além de Ti, o amor que já não seja eu mas Tu, meu Jesus» (Or 2). Estamos ante um texto verdadeiramente «patético», onde se palpa «o temor de uma criança e a *decisão* de um guerreiro», que inquieta com a sua fraqueza e cuidadosa com a sua pureza interior, presente que a santidade não se deixa facilmente conquistar» (G. Gaucher, *Histoire d'une Vie, Thérèse Martin*, Cerf, Paris, 1993 p. 120). Na tarde da sua profissão, a Madre M<sup>a</sup> de Gonzaga, escrevia à priora do Carmelo de Tours: «A criança que imolei ontem, este Anjo de criança tem 17 anos e meio, e a razão de 30 anos, a perfeição religiosa de uma madura noviça consumada na alma e o domínio de si mesma; é uma religiosa perfeita; ontem nenhum olho ficou seco à vista da sua grande e inteira imolação» (LD 9/9/1890).

<sup>122</sup> Ms A, 76 v<sup>o</sup>- 77 r<sup>o</sup>. Aos 22 anos, escreve a Leónia, a 28 de Abril de 1895, lembrando ainda como o obstáculo da sua *juventude* retardara a sua profissão: «Recordo-me com alegria, o que se passava na minha alma alguns meses antes da minha profissão. Via o meu ano de noviciado passar e ninguém se ocupava de mim (por causa do Nosso Padre Superior que me achava *muito nova*)» (Ct 176).

sente para abençoar a sua Rainha... O Padre estava para o Canadá... O Senhor Bispo que devia vir almoçar com o meu Tio achou-se doente e também não veio, enfim, tudo foi tristeza e amargura... Contudo a *paz*, sempre a *paz*, achava-se no fundo do cálice... Nesse dia Jesus permitiu que eu não pudesse reter as lágrimas e essas lágrimas não foram compreendidas... de facto tinha suportado muito maiores provas sem chorar, mas então auxiliada por uma graça poderosa; a 24 pelo contrário, Jesus abandonou-me às minhas próprias forças e mostrei quanto elas eram fracas». <sup>123</sup>

### «Esposa de Jesus»

Lágrimas para a «esposa» vigilante, mas alegria de ir ao encontro do «Esposo», cujo dote – a sua infância e a sua Paixão – será a herança desta esposa, que quer ser mais delicada com Jesus, seu Esposo, <sup>124</sup> do que a sua prima Joana com Francis, seu esposo sim, mas criatura. <sup>125</sup>

«Oito dias depois da minha tomada de véu realizou-se o casamento de Joana. Dizer-vos, minha querida Madre, quanto o seu exemplo me instruiu sobre as delicadezas que uma esposa deve dispensar ao seu Esposo. Ouvia com avidez tudo quanto podia aprender a esse respeito, porque não queria fazer menos pelo meu bem-amado Jesus que Joana por Francisco, uma criatura sem dúvida muito perfeita, mas afinal uma *criatura!*...

Diverti-me mesmo a compor uma carta de convite para a comparar com a dela. Eis como a tinha concebido:

«Carta de Convite para as Núpcias da Irmã Teresa do Menino Jesus da Santa Face.

<sup>123</sup> Ms A, 77 rº.

<sup>124</sup> Para Teresa a *alma* de todos os *jovens* é *noiva* de Cristo, como a *alma* do jovem seminarista Bellière era *noiva* (esposa) de Cristo» (Ct 220).

<sup>125</sup> «O seu amor não é como o dos noivos da terra... ela ama Jesus *só por Ele?*» (Ct 115). Teresa reconhece a dignidade do matrimónio cristão (Ct 166), à luz do de S. Cecília e do jovem romano Valeriano: «Sinto arder o coração com uma nova chama / Exclamou em júbilo o ardente patrício / Quero que o Deus verdadeiro habite na minha alma / Cecília, o meu amor será digno do teu!...» (P 3, 73-76). «Quando Cristo diz «segue-me», a maior parte das vezes o seu chamamento significa segue-me a mim que sou o Esposo da Igreja, minha esposa; vem, torna-te também tu esposa da tua esposa... torna-te também tu a esposa do teu esposo (...) Cristo ensina-nos o amor esponsal. Seguir o caminho da vocação matrimonial significa *aprender*, dia após dia e ano após ano, o *amor esponsal*» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 10).

O Deus Todo-Poderoso, Criador do Céu e da terra, Soberano Dominador do mundo, e a gloriosíssima Virgem Maria, Rainha da Corte celeste, têm o gosto de vos anunciar o casamento do seu augusto Filho, Jesus, Rei dos Reis e Senhor dos senhores, com a Menina Teresa Martin, agora Dama e Princesa dos reinos trazidos em dote pelo seu divino Esposo, a saber: a Infância de Jesus e a sua Paixão, sendo seus títulos de nobreza: do Menino Jesus e da Santa Face.

O Senhor Luís Martin, Proprietário e Dono dos Senhorios do Sofrimento e de Humilhação, e a Senhora Martin, Princesa e Dama de honor da Corte celeste, têm o gosto de vos anunciar o casamento de sua filha Teresa, com Jesus o Verbo de Deus, segunda Pessoa da Adorável Trindade que, pela actuação do Espírito Santo se fez Homem e Filho de Maria, Rainha dos Céus.

Não tendo podido convidar-vos para a benção Nupcial que lhes foi dada na montanha do Carmelo, no dia 8 de Setembro de 1890 (só a corte celeste ali foi admitida), estais, no entanto, convidados para comparecer na Festa do Segundo Dia das Núpcias que terá lugar Amanhã, Dia da Eternidade, dia em que Jesus, Filho de Deus, virá sobre as Nuvens do Céu, no esplendor da sua Majestade, para julgar os Vivos e os Mortos.

Sendo a hora ainda incerta, sois convidados a estar preparados e a vigiar.»<sup>126</sup>

### «Última lágrima duma Santa»

Aquele Jesus da Infância e da Paixão, quis que a sua esposazinha, Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, por Ele chamada a uma singular santidade, visse toda a sua Face na face próxima de uma outra Santa, uma outra vida, uma outra virtude escondida e diária, uma outra agonia, uma última lágrima, um outro «coração» de Cristo, deixado, em testamento, a esta jovem religiosa de 18 anos, seguidora do Deus da paz, em paz e alegria.

«Ainda não vos disse nada da minha felicidade por ter conhecido a nossa Santa Madre Genoveva... É esta uma graça inapreciável; sim, Deus que já me tinha concedido tantas, quis que eu vivesse com uma *Santa*, nada inimitável, mas uma Santa santificada pelas

---

<sup>126</sup> Ms A, 77 r<sup>o</sup>-77 v<sup>o</sup>.



virtudes escondidas e ordinárias (...) A minha admiração tornou-se ainda maior, vendo em que grau eminente Jesus vivia nela e a fazia agir e falar Ah! essa *santidade* parece-me a mais *verdadeira*, a mais *santa* e é essa que eu desejo pois nela não se encontra qualquer ilusão (...) A recordação que a Madre Genoveva me deixou no coração é uma recordação perfumada... No dia da sua partida para o Céu, senti-me particularmente comovida, era a primeira vez que assistia a uma morte, a cena era verdadeiramente encantadora. (...) Ousei aproximar-me à noite sem ser vista e recolher como *reliquia* a *última lágrima* duma Santa... Desde então trouxe-a comigo na bolsinha em que guardo os meus votos (...) Uma noite, depois da morte da Madre Genoveva, tive um (sonho) mais consolador: sonhei que ela fazia o seu testamento, dando a cada irmã uma coisa que lhe pertencera; quando chegou a minha vez, julgava que não ia receber nada pois já nada lhe restava, mas ela levantando-se disse-me por três vezes com um acento penetrante: «A vós, deixo-vos o meu *coração*». <sup>127</sup>

«*Nas ondas da confiança e do amor*»

Mas Jesus ressuscitou e, no encontro com o P. A. Prou, Teresa ressuscitou, aos 18 anos, da sua morte – como se Jesus lhe dissesse: «Menina, eu te ordeno, levanta-te» (Mc 5, 41) –, libertada do terror da Justiça de um Deus de mortos, assim ia, *in illo tempore*, alguma pregação, pela confiança na Misericórdia de um Deus de vivos, o Jesus vivo, vivo na sua Madre.

«Recebi grandes graças durante retiro (...) Querendo Deus mostrar-me que só Ele era o director da minha alma serviu-se precisamente deste Padre que não foi apreciado senão por mim... Tinha então grandes dificuldades interiores de toda a espécie (até me perguntar por vezes se o Céu existia). Sentia-me disposta a não dizer nada acerca das minhas disposições íntimas, por não saber como as exprimir, mas apenas entrei no confessional senti a minha alma dilatar-se. Mal tinha dito algumas palavras, fui maravilhosamente compreendida e mesmo *adivinhada*... a minha alma era como um livro em que o Padre lia melhor do que eu mesma... Lançou-me a toda a vela nas ondas da *confiança* e do *amor* que tão fortemente me atraíam e para as quais não ousava avançar... Disse-

---

<sup>127</sup> Ms A, 78 r<sup>o</sup> - 79 r<sup>o</sup>.

me que as *minhas faltas não contristavam* a Deus, que *estando em seu lugar*, me afirmava da *sua parte* que Ele estava muito contente comigo... Oh! quanto me senti feliz ao ouvir estas consoladoras palavras!... Nunca tinha ouvido dizer que as faltas podiam não contristar a Deus, esta garantia encheu-me de alegria, fez-me suportar pacientemente o exílio da vida... Sentia no fundo do coração que isso era verdade pois Deus é mais terno do que uma Mãe, ora, vós, minha querida Madre, não estais acaso sempre disposta a perdoar-me as pequenas indelicadezas que involuntariamente pratico convosco?... Quantas vezes não tive já essa consoladora experiência!... Nenhuma repreensão me poderia atingir tão profundamente como uma só das vossas carícias. Sou de natureza tal que o temor me faz recuar; com o *amor* não avanço apenas mas *voo*... Ó minha Madre! foi sobretudo desde o dia bendito da vossa eleição que voei pelos caminhos do amor... Nesse dia, Paulina tornou-se o meu Jesus vivo... Pela segunda vez tornou-se minha «Mãe»!...»,<sup>128</sup>

Com «uma parte da felicidade» da Madre Genoveva, com «a doçura de receber todos os dias a Sagrada Comunhão», como se o seu coração fosse mais feliz que o da SS.<sup>ma</sup> Virgem,<sup>129</sup> esta jovem de 19 anos, que já voa nos caminhos do amor, que «quer agradar Àquele que se dá a ela», lida com «o reino da morte», que lhe rouba três Irmãs da Comunidade, como outra Maria junto à Cruz, como se fosse enfermeira de Jesus doente e sepultadora de Jesus morto.<sup>130</sup> A esta idade, já vive a fugacidade do tempo, vendo-se prematuramente às portas dos seus 20 anos, como escreve, com humor, a seus tios.<sup>131</sup> Ao entrar nos 21 anos, cresce na santidade, como o «jovem carvalho» cresce, atraída pela luz do Céu.<sup>132</sup>

<sup>128</sup> Ms A, 80 vº. Teresa, que voa no caminho do amor, e «longe de ser conduzida pelo caminho do temor» (Ms A, 80 rº), opina: «Parece-me que se todas as criaturas tivessem as mesmas graças que eu, Deus não seria temido por ninguém, mas loucamente amado, e que pelo amor, e não a tremer, nunca uma alma consentiria em causar-lhe tristeza» (Ms A, 83 vº).

<sup>129</sup> Aos 19 anos, a 19 de Outubro de 1892, escreve a Celina: «Outrora, nos dias da nossa infância, alegrávamo-nos com a nossa festa por causa das prendinhas que trocávamos mutuamente. O mais pequeno objecto tinha então aos nossos olhos um valor sem igual... Depressa a cena mudou, nunca crescido as asas ao mais novo dos dois passarinhos, voou para longe do doce ninho da sua infância, então todas as ilusões se desvaneceram! O Verão tinha sucedido à Primavera, aos *sonhos da juventude a realidade da vida*...» (Ct 137).

<sup>130</sup> Ms A, 79 rº- 80 rº.

<sup>131</sup> «Sinto-me orgulhosa por ter nascido no mesmo dia que ele (tio) e espero que ele não esqueça de rezar pela Teresinha que brevemente vai ser *uma jovem de vinte anos*. Como o tempo passa!» (Ct 139).

<sup>132</sup> Ct 151.

«A mim deu-me a sua Misericórdia infinita»

Aos **22 anos**, idade em que se encontra a jovem escritora, todos os livros espirituais a deixavam na aridez, sem poder meditar. Então, buscava alimento sólido e puro na Sagrada Escritura e na Imitação. Porém o Evangelho era o seu livro de oração,<sup>133</sup> na qual Ele, Jesus, é a Palavra de Deus, que Teresa guardava no seu coração.<sup>134</sup> Na sua *lectio divina*, feita ao longo do dia, «sabe por amor», isto é «saboreia» a «bondade do Senhor».<sup>135</sup> Na sua contemplação e adoração, é-lhe concedido o dom de vislumbrar a Misericórdia de Deus para com ela.

«A mim deu-me a sua Misericórdia infinita e é através dela que contemplo e adoro as outras perfeições Divinas!... Então todas me aparecem resplandecentes de amor, mesmo a Justiça (e talvez ainda mais que qualquer outra) me parece revestida de amor... Que doce alegria pensar que Deus é *Justo*, isto é, que tem em conta as nossas fraquezas, que conhece perfeitamente a fragilidade da nossa natureza. De que terei pois medo? Ah! o Deus infinitamente justo que se dignou perdoar com tanta bondade todas as faltas do filho pródigo, não deverá ser também Justo para comigo que «estou sempre com Ele»?...<sup>136</sup>

O relato deixa de ser recordação e passa a ser crónica recente desta Justiça suave, desta Misericórdia de Deus, para com a «Menina dos seus olhos», que «tem sempre os olhos postos» no seu Amor Misericordioso, que é Amor infinito, que não só aceita quem se oferece totalmente, como foi o caso da jovem santa, mas quer amar universalmente todos os pecadores arrependidos, que, com audaciosa confiança, se lançam nos braços do Jesus misericordioso.

<sup>133</sup> «Nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre pequena alma. Ali encontro constantemente novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos...» (Ms A, 83 vº).

<sup>134</sup> «Parece-me que a palavra de Jesus, é *Ele-mesmo*... Ele Jesus, o Verbo, a Palavra de Deus!... Nós guardamos Jesus nos nossos corações!...» (Ct 165),

<sup>135</sup> «Compreendo e sei por experiência «Que o reino de Deus está dentro de nós». Jesus não precisa de livros nem de doutores para instruir as almas; Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras... Nunca o ouvi falar, mas sei que está em mim, a cada instante, Ele me guia e inspira o que devo dizer ou fazer. Descubro exactamente na hora em que preciso delas, luzes que nunca antes vira, mas não é habitualmente durante a oração que são mais abundantes, é sobretudo no meio das ocupações do dia» (Ms A, 83 vº).

<sup>136</sup> Ms A, 83 vº- 84 rº.

«Este ano, a 9 de Junho, festa da Santíssima Trindade, recebi a graça de compreender mais do que nunca quanto Jesus deseja ser amado... Pensava nas almas que se oferecem como vítimas à Justiça de Deus a fim de desviar e atrair sobre elas os castigos reservados aos culpados. Esse oferecimento parecia-me grande e generoso, mas estava longe de me sentir levada a fazê-lo. «Ó meu Deus! exclamei eu do fundo do meu coração, só haverá acaso a vossa Justiça para receber as almas que se imolam como vítimas?... O vosso *Amor* misericordioso não tem também necessidade delas? Em toda a parte é mal conhecido e rejeitado. Os corações a quem o desejais prodigar voltam-se para as criaturas pedindo-lhes a felicidade com o seu miserável afecto, em lugar de se lançarem nos vossos braços e aceitarem o vosso *Amor* infinito... Ó meu Deus! o vosso Amor desprezado vai ficar no vosso Coração? Parece-me que se encontrásseis almas que se oferecessem como vítimas de holocausto ao vosso amor, rapidamente as consumiríeis. Parece-me que ficaríeis contente por não comprimir as ondas de infinita ternura que há em vós... Se a vossa Justiça gosta de se aliviar, ela que não se estende senão sobre a terra, quanto mais não desejará o vosso Amor misericordioso *abrasar* as almas, pois a vossa Misericórdia se eleva até aos Céus... Ó meu Jesus! que seja *eu* essa vítima feliz, consumi o vosso holocausto pelo fogo do vosso Divino Amor!...».<sup>137</sup>

«*Quanto Jesus deseja ser amado*»

«Meu dito meu feito». A jovem santa, na espontaneidade que nasce do Espírito, quis ser essa vítima feliz, fazendo da sua vida uma «confissão da Trindade». A 11 de Junho de 1895, tendo diante dos olhos os Olhos Misericordiosos do Pai, do Filho e do Espírito Santo,<sup>138</sup> ofereceu-se ao Amor para, como cantara a 26 de Fevereiro de 1895, «Viver de amor» e «Morrer de Amor».

«Ó meu Deus! Trindade Bem-aventurada! Desejo amar-vos e fazer-vos amar (...) A fim de viver num acto de perfeito Amor, ofereço-me como vítima de holocausto ao vosso amor misericordioso, suplicando-vos que me consumais sem cessar, dei-

<sup>137</sup> Ms A, 84 r.º.

<sup>138</sup> «Que alegria pensar que o *Bom Deus*, a *Trindade* toda inteira nos olha, que está em nós e se compraz em *considerar-nos*» (Ct 165). Outra perspectiva: «Meu Céu... A Trindade prisioneira de amor» (P 32, 5).

xando transbordar para a minha alma as ondas de ternura infinita que estão encerradas em Vós, e que assim eu me torne Mártir do vosso Amor, ó meu Deus!... Que este Martírio, depois de me ter preparado para aparecer diante de Vós me faça, enfim, morrer, e que a minha alma se lance, sem demora, no eterno abraço do vosso Amor misericordioso... Quero, ó meu Bem-amado, a cada palpação do meu coração, renovar-Vos este oferecimento um número infinito de vezes, até ao momento em que, desvanecidas as sombras, possa reafirmar-Vos o meu Amor num Face a Face Eterno!...». <sup>139</sup>

Jesus, que «veio lançar fogo sobre a terra e quer que ele arda» (Lc 12, 49), a 14 de Junho de 1895, durante a Via-Sacra, «mergulhou-a completamente no fogo». Teresa confidencia: «Oh! que fogo e que suavidade ao mesmo tempo! Ardia em amor». <sup>140</sup> Seis meses depois recorda, à Madre Inês, «os oceanos de graça que lhe inundaram a alma», nestes termos.

«Ah! depois deste dia feliz, parece-me que o *Amor* me penetra, e me envolve: parece-me que, a cada instante, este *Amor Misericordioso* me renova, me purifica a alma e não deixa nela nenhum rasto de pecado, e portanto não posso temer o purgatório... Sei que por mim mesma não merecia sequer entrar neste lugar de expiação pois só as almas santas aí podem ter acesso, mas sei também que o Fogo do Amor é mais santificante que o do purgatório, sei que Jesus não pode desejar para nós sofrimentos inúteis e que não me inspiraria os desejos que sinto, se não quisesse satisfazê-los... Oh! como é doce o caminho do Amor!... Quanto quero aplicar-me a cumprir sempre com o maior abandono a vontade de Deus!...». <sup>141</sup>

«*Como é doce o caminho do Amor!*»

«O Fogo do Amor é mais *santificante* que o do purgatório». «Desejo ser santa, mas conheço a minha impotência, e peço-Vos, ó meu Deus, que sejais Vós mesmo a *minha Santidade*». <sup>142</sup> Jesus é o Santo (Lc 1, 35), que está a «revestir da sua Justiça», da sua Misericórdia, da sua Santidade – Ele é a nossa santificação (1Co 1, 30) – a jovem de Lisieux. Jesus está a

<sup>139</sup> Or 6.

<sup>140</sup> CA 7.7.2.

<sup>141</sup> Ms A, 84 r<sup>o</sup>- 84 v<sup>o</sup>.

<sup>142</sup> Or 6.

«santificar» Teresa, «na verdade» do seu Amor (Jo 17, 17). Não admira, pois, que ela exclame, que «é doce o caminho do Amor», o caminho de «ser amada» por Jesus, bem como, o caminho agradecido, de já só «amar» Jesus.

«Agora, já não tenho nenhum desejo, a não ser o de *amar* Jesus até à loucura... Também não desejo o sofrimento nem a morte, embora os ame a ambos; é só o *amor* que me atrai... Desejei-os durante muito tempo. Possuí o sofrimento, e pensei abordar à praia do Céu; pensei que a Florzinha seria colhida na sua primavera... Agora é só o abandono que me guia. Não tenho outra bússola!... Não posso pedir mais nada com ardor, excepto o cumprimento perfeito da vontade de Deus sobre a minha alma, sem que as criaturas possam pôr obstáculos. Posso dizer estas palavras do Cântico Espiritual do N. Pai S. João da Cruz: «Bebi do meu Amado na adega interior; quando saía por todo aquele prado, já nada conhecia, e o rebanho deixei que antes seguia. De alma me consagrei ao seu serviço, e todo o meu haver. E já não guardo a grei nem tenho outro mister, pois já somente *amar* é meu viver!...» Ou ainda estas: «Faz tal obra o AMOR, depois que o conheci, que, se há bem ou *mal* em mim, sabe *tirar proveito de tudo*, e a alma transforma em SI». Ó minha querida Madre! como é doce o caminho do *amor*! Pode-se cair, sem dúvida, podem-se cometer infidelidades; mas sabendo o amor *tirar proveito de tudo*, bem depressa consumiu *tudo* o que pode desagradar a Jesus, não deixando senão uma humilde e profunda paz no fundo do meu coração...».<sup>143</sup>

Embora seja o mesmo «cântico de amor», que o cantado por S. João da Cruz, nas «Canções que tratam do exercício de amor entre a alma e o Esposo Cristo», contudo, «o cântico sempre novo do Amor» de Teresa, é um novo concerto, de «melodias de amor», para o Músico Divino, que, com sua harpa, Teresa, sem cessar, cantou a Jesus, durante toda a sua vida. A mesma lógica da reciprocidade do amor, que presidiu à vida e ao cântico do seu Pai e Mestre – «Amor só se paga com Amor» – preside à vida feita canto de Teresa, que «para corresponder a todo o amor de Jesus quis fazer por Ele o que Ele fez por ela».<sup>144</sup>

<sup>143</sup> Ms A, 82 vº- 83 rº. Como o «mestre de amar» (CA 37, 3), não quis outra coisa senão «ensinar a amar» a Deus e em Deus (3 S 16, 1), assim a discípula, na pessoa de sua irmã Celina, nos ensina que «*um só acto de amor* nos fará conhecer melhor Jesus» (Ct 89).

<sup>144</sup> Ms A, 85 vº.

## V

## «A minha vocação é o amor»

Assim como com o canto das «Misericórdias do Senhor» abriu, com chave de prata, e fechou, com chave de ouro, o seu *Ms A*, assim começou o *Ms B*, aos 23 anos, falando da misericórdia de Jesus para consigo.

«Ó Jesus, meu Bem-Amado, quem poderá dizer com que ternura, com que suavidade, conduzis a minha *pequena alma*? Como vos agrada fazer brilhar o raio da vossa graça no meio da mais sombria tempestade?...».<sup>145</sup>

De igual modo, conclui o *Ms B*, como «porta-voz» da misericórdia de Jesus para com todas as «pequenas almas».

«Ó Jesus! bem posso dizer a todas as *pequenas almas* quanto é inefável a tua condescendência... sinto que, se por impossível, encontrasses uma alma mais fraca, mais pequena que a minha, tu te deliciarias a colmá-la de favores maiores ainda, se ela se abandonasse com inteira confiança à tua misericórdia infinita».<sup>146</sup>

Se é verdade, como é, que «um amor acende outro amor»,<sup>147</sup> o de Jesus acendeu sempre o de Teresa, tanto na tenra infância, quanto na juventude adulta.<sup>148</sup>

«Ó Jesus! deixa-me no excesso do meu reconhecimento, deixa-me dizer-te que o teu amor vai até à loucura... Como queres que perante esta Loucura, o coração não se me atire para ti? Como poderia a minha confiança ter limites?... Ah! por ti, bem o sei, também os Santos cometeram *loucuras*, realizaram grandes coisas porque eram águias... Jesus sou demasiado pequena para realizar grandes coisas... e a minha *loucura*, é esperar que o teu Amor me aceite como vítima... A minha *loucura* consiste em suplicar às águias minhas irmãs que me obtenham o favor de voar

<sup>145</sup> Ms B, 2 rº.

<sup>146</sup> Ms B, 5 v.

<sup>147</sup> S. João da Cruz, CB 13, 12.

<sup>148</sup> «Ó meu Jesus! que respondereis a todas as minhas loucuras?... Existe acaso alma mais *pequena*, mais impotente que a minha?... Contudo precisamente por causa da minha fraqueza, tivestes por bem, Senhor, satisfazer os meus *pequenos desejos infantis*, e queres hoje satisfazer outros *desejos maiores* do que o universo...» (Ms B, 3 rº)

até ao Sol do Amor com as próprias asas da Águia Divina... Por tanto tempo quanto quiseses, ó meu Bem-Amado, a tua avezinha continuará sem forças e sem asas, permanecerá sempre com os olhos fixos em ti, quer ser *fascinada* pelo teu olhar divino, quer tornar-se a *presa* do teu Amor... Um dia, assim o espero, Águia Adorada, virás procurar a tua avezinha, e subindo com ela ao Lar do Amor, mergulhá-la-ás para a eternidade no ardente Abismo d'Este Amor a quem se ofereceu como vítima...».<sup>149</sup>

A «loucura» de Teresa, é «esperar» no «poder do Amor» de Jesus, para satisfazer os seus «desejos maiores que o universo», para realizar as suas «esperanças que tocam o infinito», para possibilitar a sua «aspiração a possuir a plenitude do Amor».

«Ah! perdoa-me Jesus se não sou razoável ao querer exprimir os meus desejos, as minhas esperanças que tocam o infinito, perdoa-me e cura-me a alma dando-lhe o que ela espera!!!... Como aliar estes contrastes? Como realizar os desejos da minha *pequena alma*?... Que responderéis a todas as minhas loucuras?... Mas o *puro amor* existe realmente no meu coração? Não são os meus desejos um sonho, uma loucura?... Ah!, se é assim, Jesus, esclarece-me, pois sabes, que procuro a verdade... se os meus desejos são temerários, fá-los desaparecer porque estes desejos são para mim o maior dos martírios... Se é tão delicioso o *desejo* de te *Amar*, que será o possuir, o gozar o Amor?... Como pode uma alma tão imperfeita como a minha aspirar a possuir a plenitude do Amor?... Ó Jesus, *meu primeiro, meu único Amigo*, tu que eu UNICAMENTE *amo*, diz-me que mistério é este?... Porque não reservas estas imensas aspirações às grandes almas, às Águias que pairam nas alturas?...».<sup>150</sup>

A «resposta que Jesus deu a todas as suas loucuras» foi colocar esta jovem, que «aspirava à plenitude do amor», isto é, a «ser uma grande santa», ainda que «tão imperfeita» e «demasiado pequena para realizar as

<sup>149</sup> Ms B, 5 vº. A esperança une a juventude da Igreja com a juventude dos jovens. A palavra do Apóstolo Pedro à primeira geração de jovens cristãos - «estai sempre prontos para dar resposta vitoriosa a todo aquele que vos perguntar acerca da esperança que vos anima» (1 Pe 3, 15) - torna-se a palavra orante, sempre actual, da Igreja pelos jovens do mundo inteiro, para que estejam sempre «prontos para dar uma resposta vitoriosa da esperança que os anima». Sim, vós precisamente, porque de vós depende o futuro, *de vós depende o final deste milénio e o início do novo*. Não sejais passivos. Procurai assumir as vossas responsabilidades em todos os campos que para vós se abrem no nosso mundo!» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 16).

<sup>150</sup> Ms B, 4 vº.



loucuras, as grandes coisas dos Santos», «no Coração da Igreja», para aí ser a «juventude do Amor», «que não se apaga», porque transcende o espaço e o tempo, e abraça todos os lugares e todos os tempos, como quem «passa o seu Céu na terra, fazendo o bem, até ao fim do mundo».

«A Caridade deu-me a chave da minha *vocação*. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo, composto por diferentes membros, não lhe faltava o mais necessário, o mais nobre de todos, compreendi que a Igreja tinha um Coração, e que este Coração estava ardendo de Amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja, que se o Amor viesse a apagar-se, os Apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os Mártires recusariam verter o seu sangue... Compreendi que o *Amor* encerrava todas as *Vocações*, que o Amor era tudo, que abraçava a todos os tempos e a todos os lugares... numa palavra, que ele é Eterno!... Então, no excesso da minha alegria delirante, gritei: Ó Jesus, meu Amor!... encontrei por fim a minha *vocação*, a minha *vocação* é o Amor!... Sim encontrei o meu lugar na Igreja e este lugar, ó meu Deus, fostes vós quem mo deu... no Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... assim serei tudo... assim o meu sonho será realizado!!!...».<sup>151</sup>

«Este lugar, ó meu Deus, fostes vós quem mo deu». De facto, Jesus, na Loucura do seu amor por Teresa, ao «atraí-la» para o seu Amor – «és tu a Águia adorada que amo e que me *atrai*» – «deu» a Teresa «os olhos e o coração» da Águia – «como queres que o coração não se me atire para ti?» –, «alimentou-a com a substância da hóstia branca», «comunicou-lhe a vida a cada instante», chamou-a a arder de Amor. Deste modo, «o *Amor* escolheu-a» a ela, «fraca e imperfeita criatura», – «escolha digna do *Amor*» –, «abaixando-se até ao nada e transformando-o em *fogo*», a saber, em Amor.

«*Amo a Igreja minha Mãe*»

«No Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor». O Amor é Jesus, é «o Jesus da paz e do amor»,<sup>152</sup> o «*Jesus* da EUCARISTIA».<sup>153</sup> «*Jesus é tudo... o tudo infinito*» de Maria Guérin,<sup>154</sup> de Teresa de

<sup>151</sup> Ms B, 3 vº.

<sup>152</sup> Ct 92.

<sup>153</sup> Ct 234.

<sup>154</sup> «Maria, se tu não és nada não deves esquecer que Jesus é *tudo*, por isso tens de perder o teu pequeno nada no seu *tudo infinito* e não pensar mais senão nesse tudo unicamente digno de amor» (Ct 109).

Lisieux.<sup>155</sup> «O Amor é tudo», no «Coração da Igreja», que «arde de Amor». «O Amor é tudo», no coração de Teresa, que «ardia de Amor»,<sup>156</sup> pela Igreja.<sup>157</sup> «Sendo o Amor», que «é tudo», Teresa «será tudo», «realizará o seu sonho» – «os meus *desejos de ser tudo*» –, a sua vocação de «ser o Amor», de «Viver de amor».<sup>158</sup> «A Caridade é o *caminho excelente*, que conduz com segurança a Deus» (1 Co 12, 31; 13, 13). «Não conheço outro meio para chegar à perfeição senão o amor»<sup>159</sup>. Numa palavra, Jesus é o «Caminho» de Teresa, como «Mestre» da «Verdade do Amor» e como «Vida» para chegar ao «cimo da montanha do amor».

«Sem se mostrar, sem fazer ouvir a sua voz, Jesus instrui-me em segredo, não é, porém, por meio de livros, pois não compreendo o que leio, ainda que de vez em quando vem consolar-me uma palavra como esta que recolhi ao fim da oração (depois de ter permanecido no silêncio e na *secura*): Eis o mestre que te dou, ele te ensinará tudo o que deves fazer. Quero levar-te a ler no livro da vida, onde está contida a ciência do Amor». A ciência do Amor, ah sim! esta palavra ressoa docemente ao ouvido da minha alma, não desejo senão essa ciência. Tendo dado por ela todas as riquezas, parece-me como à esposa dos sagrados cânticos não ter dado nada... Compreendo tão bem que nada existe a não ser o amor que nos possa tornar agradáveis a Deus, que este amor é o único bem que ambiciono. Jesus compraz-se em mostrar-me o único caminho que conduz a esta fornalha Divina, este caminho é o *abandono* da criancinha que se deixa dormir sem temor nos braços do Pai (...) Ah! se todas as almas fracas e imperfeitas sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas, a alma da vossa Teresinha, nenhuma desesperaria

<sup>155</sup> «Tu, Jesus, sê *tudo!*... Que as coisas da terra nunca possam perturbar a minha alma, que nada perturbe a minha paz, Jesus não te peço senão a paz, e também o amor, o *amor infinito* sem outro limite para além de Ti, o amor que já não seja eu mas Tu, meu Jesus» (Or 2).

<sup>156</sup> «O que ela pede é o Amor... Só sabe uma coisa, é amar-Te, ó Jesus (...) Mas como testemunhará o seu *Amor*, pois o *Amor* se prova pelas obras? Bem, a criancinha *atirará flores, envolverá com perfumes* o trono real, cantará com voz argentina o cântico do Amor» (Ms B, 4 r<sup>o</sup>). «Eis portanto tudo o que Jesus reclama de nós, não precisa das nossas obras, mas apenas do nosso *amor*» (Ms B, 1 v<sup>o</sup>).

<sup>157</sup> «Ó meu Jesus! eu te amo, amo a Igreja minha Mãe, lembro-me que : «O mais pequeno movimento de *puro amor* lhe é mais útil do que todas as outras obras juntas» (Ms B, 4 v<sup>o</sup>). Quem como Teresa pode levar os jovens a amar a Igreja como a Esposa amada de Cristo e a nossa Mãe na ordem da graça?

<sup>158</sup> P 17.

<sup>159</sup> Ct 109. «Não tenho outro meio para te provar o meu amor, senão atirar flores, isto é, não deixar escapar nenhum pequeno sacrifício, nenhum olhar, nenhuma palavra, valer-me de todas as mais pequenas coisas e fazê-las por amor... Quero sofrer por amor e mesmo gozar por amor...» (Ms B, 4 v<sup>o</sup>).

de chegar ao cimo da montanha do amor, porque Jesus não pede grandes acções, mas apenas o abandono e o agradecimento».<sup>160</sup>

Quando aos **24 anos** lhe é pedido, pela Madre M<sup>a</sup> de Gonzaga, a instâncias da M. Inês, que escreva *algo mais sério, sobre a sua vida religiosa*, Teresa, que tem, como fio condutor da sua vida, o «leitmotiv» da «Misericórdia», apresenta-se a si mesma, como uma «jovem religiosa» que, com a «simplicidade infantil» de uma filha fala com a sua Priora como com sua Mãe, e em sua companhia, vai «acabar de Cantar as Misericórdias do Senhor», de «cantar a felicidade da florzinha da SS.<sup>ma</sup> Virgem agora que os tímidos raios da aurora deram lugar aos escaldantes ardores do meio dia».

## VI

### «Jovem religiosa doente»

Neste sentido, o *Ms C* é um texto da sua etapa de plenitude, alcançada, por certo, não por meio de uma educação amimada, mas por uma educação *forte* e maternal, primeiro pela humilhação, depois pelo sorriso e pelo louvor.<sup>161</sup> A sua maturidade espiritual transparece, em primeiro lugar, na «verdadeira alegria de ver-se tal como é aos olhos de Deus: um pobre pequeno nada, nada mais» e, em segundo lugar, em ver Deus como o autor do seu «pequeno caminho» de santidade.

### «Vós me instruistes desde a minha juventude»

Teresa canta, pois, com o Salmista, o excesso de «misericórdias», que o Senhor teve para com ela, desde a sua juventude até à sua idade avançada dos 20, melhor, dos 24 anos, e deseja apenas agradar a Jesus e estar pronta para a alegria do seu Senhor. Porque «estava certa de que a misericórdia de Deus a precedeu, a acompanhou sempre e sempre a acompanhará», sempre estava preparada, na sua pequenez, para se

---

<sup>160</sup> Ms B, 1 r<sup>o</sup>- 1 v<sup>o</sup>.

<sup>161</sup> «Desde há um ano e meio, Jesus quis mudar a maneira de fazer crescer a sua florzinha, achou-a com certeza suficientemente *regada*, porque ao presente é o *sol* que a faz desenvolver-se, Jesus não quer para ela mais do que o sorrir que Ele lhe dá ainda por meio de vós, minha Madre muito querida» (Ms C, 1 v<sup>o</sup>- 2 r<sup>o</sup>; 11 r<sup>o</sup>).

abandonar com confiança nos braços de Jesus, essa mãe que acariciava, nos seus joelhos, a sua pequenina.

«Bem o sabeis, minha Madre, que sempre desejei ser uma santa, mas ai de mim! verifiquei sempre, ao comparar-me com os santos, que há entre eles e eu a mesma diferença que existe entre uma montanha cujo cimo se perde nos céus e o obscuro grão de areia calcado pelos pés dos caminhantes; em vez de desanimar, disse para comigo: Deus não pode inspirar desejos irrealizáveis, posso portanto, apesar da minha pequenez, aspirar à santidade; fazer-me crescer a mim mesma é impossível, tenho de suportar-me tal como sou com todas as minhas imperfeições, mas quero procurar o meio de ir ao Céu por um pequeno caminho muito direito, muito curto, um pequeno caminho todo novo. Estamos num século de invenções, agora já não se tem a fadiga de subir os degraus de uma escada, em casa dos ricos um ascensor substituiu-a vantajosamente. Eu também queria encontrar um ascensor para me elevar até Jesus, porque sou demasiado pequena para subir a rude escada da perfeição. Então, procurei nos livros santos a indicação do ascensor, objecto do meu desejo e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria Eterna: Se alguém é *pequenino*, venha a mim. Então vim adivinhando que tinha encontrado o que procurava, e querendo saber, ó meu Deus! o que faríeis ao pequenino que respondesse ao vosso apelo, continuei as minhas buscas e eis o que encontrei: - Como uma mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei, vos levarei ao colo e embalar-vos-ei nos meus joelhos! Ah! nunca palavras mais ternas, mais melodiosas vieram alegrar a minha alma, o ascensor que me deve elevar até ao Céu, são os vossos braços, ó Jesus! Para isso não preciso de crescer, pelo contrário, é preciso que fique pequena, que o seja cada vez mais. Ó meu Deus, excedestes a minha esperança e eu quero cantar as vossas misericórdias. «Vós me instruístes desde a juventude e até ao presente anunciei as vossas maravilhas, continuarei a publicá-las na idade mais avançada (SI LXX)». Qual será para mim esta idade avançada? Parece-me que poderia ser agora, porque 2.000 anos não são mais aos olhos do Senhor do que 20 anos... do que um só dia... ».<sup>162</sup>

Porque «instruída, pela Palavra de Deus, desde a juventude até à idade avançada», em que se encontra, Deus, fez com ela uma excepção, quis precisar da sabedoria que revela aos pequenos, da experiência que

---

<sup>162</sup> Ms C, 3 r<sup>o</sup>- 3 v<sup>o</sup>.

dá à juventude, mais sábia que os anciãos, para uma missão pastoral, junto das suas irmãs.

«Não temestes, minha querida Madre, que eu desencaminhasse os vossos cordeirinhos; a minha inexperiência, a minha juventude não vos atemorizaram, talvez vos tenhais lembrado que muitas vezes o Senhor se compraz em conceder a sabedoria aos pequenos e que um dia, em transporte de alegria, Ele deu graças ao Pai por ter escondido os seus segredos aos prudentes revelando-os aos mais pequenos... São muito raras as almas que não medem o poder divino pelos seus curtos pensamentos, por toda a parte na terra se admite que haja excepções, só Deus não tem o direito de as fazer! Desde há muito, bem o sei, se pratica entre os homens esta maneira de medir a experiência pelos anos, pois, na adolescência, o santo rei David cantava ao Senhor: - «Sou *jovem* e desprezado». Contudo no mesmo salmo 118, não hesita em afirmar: - «Tornei-me mais prudente do que os anciãos: porque procurei a vossa vontade... A vossa palavra é a luz que me alumia os passos... Estou preparado para executar as vossas ordens e *nada me perturba...*». Madre muito querida, não temestes dizer-me um dia que Deus me iluminava a alma, que Ele me dava mesmo a experiência dos *anos*... Ó minha Madre! sou *demasiado pequena* para me envaidecer agora, sou *demasiado pequena* ainda para compor belas frases a fim de vos fazer acreditar que tenho muita humildade, prefiro reconhecer com toda a simplicidade que o Onnipotente fez grandes coisas na alma da filha de sua divina Mãe, e que a maior foi mostrar-lhe a sua *pequenez*, a sua *impotência*».<sup>163</sup>

#### «Canto a felicidade do Céu»

A 8 de Fevereiro de 1897, Teresa, na *Recreação Piedosa* sobre S. Estanislau Kostka, dedicada à Ir. S. Estanislau dos Sagrados Corações, no dia das suas bodas de ouro, não só apresenta a tese da santidade como coisa fácil, isto é, místico-ascética, de que nos acabou de falar, mas ainda, auto-retrata a sua santidade juvenil, na maturidade daquele jovem santo.

«Cartas do Padre António, director do jovem, tinham-me já feito conhecer a sua santidade, mas o que me encantou acima de

<sup>163</sup> Ms C, 4 r<sup>o</sup>. «A *juventude* chegada à *perfeição* confunde a longa vida dos pecadores» (RP 3, 20 v<sup>o</sup>), como «a compreensão dos segredos da perfeição por uma *criança de catorze anos* causa admiração aos *sábios*» (Ms A, 49 r<sup>o</sup>). «Sede *crianças* na malícia, mas, em senso, mostrai-vos homens *adultos*» (1 Co 14, 20). O *espírito de infância* (Mt 18, 3) é o essencial da devoção à *infância de Jesus* (Jo 1, 14; Fil 2, 7-8). «A *infância* espiritual não é outra coisa que a plena *maturidade* cristã» (R. Guardini).

tudo, foi ver a angélica piedade que brilhava no rosto do jovem Estanislau e revelava a maturidade da sua alma. Pude verificar que a santidade não se distingue pelos cabelos louros ou brancos (...) A simplicidade do pequeno Irmão Estanislau ensinou-me mais do que vários tratados que eu tivesse meditado longamente e que falassem todos da humildade. Já que esta virtude não é senão a verdade, acho que o nosso simples noviço a possui em plenitude. Aliás ele demonstra um grande desprezo por si mesmo; muitas vezes me repetiu que todos os Irmãos lhe parecem anjos e que é indigno de viver numa tal companhia. Teria ficado muito feliz por dar o hábito de Jesuíta a este santo jovem, mas pareceu-me mais prudente enviá-lo para Roma para receber o nosso santo hábito das mãos de Vossa Reverência».<sup>164</sup>

Teresa, que «gozava então de *fé* tão viva, tão clara, que o pensamento do Céu constituía toda a sua felicidade», estava preparada e mais que preparada,<sup>165</sup> para enfrentar a «tentação contra a *fé*», que lhe advinha do «inimigo», por meio das «almas que não têm *fé*», que «pecam contra a *Fé*».

«Dizia eu que a certeza de ir um dia para longe do país triste e tenebroso me fora dada desde a minha infância; não somente acreditava no que ouvia dizer às pessoas mais sábias do que eu, mas sentia mesmo no íntimo do coração aspirações para uma região mais bela. Assim como o génio de Cristóvão Colombo lhe fez pressentir que existia um mundo novo, quando ainda ninguém em tal pensara, assim eu sentia que uma outra terra me havia de servir um dia de morada estável. Mas de repente os nevoeiros que me cercam tornam-se mais densos, penetram-me na alma e envolvem-na de tal maneira que já não me é possível encontrar nela a imagem tão doce da minha Pátria, tudo desapareceu! Quando quero repousar o coração, cansado das trevas que o rodeiam, com a lembrança do país luminoso pelo qual anseio, o tormento redobra; parece-me que as trevas, servindo-se da voz

<sup>164</sup> RP 8, 1 vº. Teresa amava todos os santos (CA 25.8.7; 22.9.3) - todos os santos são nossos familiares (CA 13.7.12) -, os grandes santos (CA 17.7.6), os campeões da ascese (Ct 247), mas os seus preferidos eram os santos jovens: S. Cecília (P. 3; CA 30.6.1), S. Inês (P. 26), os Santos Inocentes (P. 44), J. d' Arc (Ms A, 32 rº; Ct 224; P. 4; RP 1 e 3), S. Estanislau Kostka (RP 8), Teófanos Vénard (P. 47; CA 21-26.5.1; 27.5.10), P. Mazel, mártir aos 26 anos, em Tonkim (Ct 193; 226; CA 1.5.2), discípula da vida normal de S. João da Cruz (CA 2.8.2), filha apostólica de S. Teresa (Ct 221; CA 4.6.1)...

<sup>165</sup> «Não me enviou esta prova senão na altura em que tive força para a suportar, creio bem que mais cedo me teria submergido no desânimo... Agora purifica tudo o que se poderia encontrar de satisfação natural no desejo que tinha do Céu» (Ms C, 7 vº).

dos pecadores, se mofam de mim dizendo: – «Sonhas com a luz, com uma pátria perfumada pelos mais suaves perfumes, sonhas com a posse *eterna* do Criador de todas estas maravilhas, julgas que hás-de sair um dia dos nevoeiros que te cercam! Avança, avança, alegra-te com a morte, que te dará, não o que esperas, mas uma noite ainda mais profunda, a noite do nada».<sup>166</sup>

Teresa, que já antes tinha enfrentado e vencido «as trevas do mundo», aceitando «a felicidade de passar por louca aos olhos do mundo»,<sup>167</sup> enfrenta e vence agora «as trevas da morte», com a heroicidade da fé no Céu.

«Ah! que Jesus me perdoe se O desgostei, mas Ele bem sabe que apesar de não ter o gozo da Fé, procuro ao menos realizar-lhe as obras. Creio que fiz mais actos de fé desde há um ano do que durante toda a vida. A cada nova ocasião de combate, quando os meus inimigos me vêm provocar, comporto-me com bravura, sabendo que é cobardia bater-se em duelo, volto as costas ao adversário sem sequer o olhar de frente; mas corro para o meu Jesus, digo-lhe que estou pronta a derramar o meu sangue até à última gota para confessar que o Céu existe. Digo-lhe que estou feliz por não gozar deste belo Céu cá na terra para que Ele o abra para a eternidade aos pobres incrédulos».<sup>168</sup>

Na sua «vontade de crer» – «quando canto a felicidade do Céu, a posse eterna de Deus, não sinto com isso nenhuma alegria, pois canto apenas o que *quero crer*» –, no seu desejo «de amar até morrer de amor», na sua “esperança por todos”, Teresa que se fez *una* com Jesus, a Luz, o autor de Fé, faz-se *una* com as trevas, que não o receberam, intercedendo para que recebam a fé, e o seu fim, a salvação.

«Não é uma história inventada por um habitante do triste país em que me encontro, é a realidade certa pois o Rei da pátria do sol brilhante veio viver 33 anos no país das trevas; infelizmente! as trevas não compreenderam que este Rei Divino era a luz do mundo... Mas, Senhor, a vossa filha compreendeu a vossa divina luz, pede-vos perdão para os seus irmãos, aceita comer o pão da dor por tanto tempo quanto quiserdes e de

---

<sup>166</sup> Ms C, 6 vº. «Ter desejado apaixonadamente o Tudo, ter-se guardado sem pecado, ter sacrificado toda a sua juventude fechando-se num convento, numa vida cheia de sacrifícios, e terminar na *noite do nada*, no nada! Quem resistiria a uma semelhante desilusão, ao fracasso mais completo de toda uma vida?» (E. Renault, *L'épreuve de la foi. Le combat de Thérèse de Lisieux*, Cerf, Paris, 1991, p. 89).

<sup>167</sup> Ct 169.

<sup>168</sup> Ms C, 7 rº.

modo nenhum quer levantar-se desta mesa cheia de amargura onde comem os pobres pecadores à espera do dia que vós marcastes... Mas não poderá ela portanto dizer em nome deles, em nome dos seus irmãos: Tende piedade de nós, Senhor, porque somos pobres pecadores!... Oh! Senhor, despedi-nos justificados.... Que todos aqueles que não são alumiados pelo facho luminoso da Fé o vejam finalmente brilhar... ó Jesus, se é preciso que a mesa por eles manchada seja purificada por uma alma que vos ame, ofereço-me para ali comer sozinha o pão da prova até que tenhais por bem introduzir-me no vosso luminoso reino. A única graça que vos peço é que nunca vos ofenda!...».<sup>169</sup>

Sabedora, por revelação nocturna, que Deus a viria buscar «em breve», e que a sua vida era «agradável» a Deus, «a jovem religiosa doente», «vendo-se livre para partir», «aceita continuar doente toda a sua vida, se isso agrada a Deus, e consente mesmo que seja muito longa, com a condição de que acabe por amor».<sup>170</sup> A Comunidade reza pela sua cura, mas ela não teme a vida longa. Porque estava preparada para o combate, porque Jesus era a sua esperança, «nunca pediu a Deus para morrer jovem», embora tivesse «esperado sempre que essa fosse a sua vontade».

*«A minha vocação para as missões longínquas»*

O desejo apostólico da Madre Gonzaga, que tinha pedido, na sua juventude, para ir para Saigão, encontrou na jovem Teresa um eco muito fiel.<sup>171</sup> De jovem tinha essa «vocação para as missões longínquas», agora o único obstáculo era a saúde, que haveria de desaparecer, se Deus a chamasse para longe. O único fim, da partida da «pombinha de Noé», para outro Carmelo estrangeiro, seria cumprir a vontade de Deus. Jesus fê-la *sua*. Teresa fez-se *toda* de Jesus, totalmente dependente da Sua vontade, comunicada através da sua Madre, em cuja alma vê Jesus.

<sup>169</sup> Ms C, 6 r<sup>o</sup>.

<sup>170</sup> Ms C, 8 r<sup>o</sup>. O «amor» é «a doença» desta «jovem religiosa doente», que «já não tem grandes desejos a não ser o de amar até morrer de amor» (Ms C, 7 v<sup>o</sup>), o de que «a vida acabe por amor» (Ms C, 8 r<sup>o</sup>). É verdade que «esta doença de amor, não se cura, senão com a presença e a figura» (S. João da Cruz, CB 11). «Nunca pedi a Deus *morrer jovem*, isso parecia-me cobardia, mas Ele desde a minha infância dignou-se dar-me a persuasão íntima de que a minha corrida na terra seria curta. É só o pensamento de cumprir a vontade do Senhor que faz toda a minha alegria» (Ct 258).

<sup>171</sup> «Estou também pronta para voar para qualquer outro campo de batalha se o Divino General me manifestar tal desejo. Não seria preciso uma ordem, apenas um olhar, um simples sinal» (Ms C, 9 r<sup>o</sup>).



«Oh não! não seria com a intenção de gozar o fruto dos meus trabalhos que eu desejaria partir, se tal fosse o meu objectivo não sentiria a doce paz que me inunda e até havia de sofrer por não poder realizar a minha vocação para as missões longínquas. Desde há muito que não me pertenço, dependo totalmente de Jesus, Ele é livre portanto para fazer de mim o que lhe agradar. Deu-me a atracção de um exílio completo, fez-me compreender todos os sofrimentos que ali havia de encontrar...».<sup>172</sup>

«A aceitação satisfazia-O». Teresa, que via na vontade dos superiores, a «bússula infalível» para seguir o «caminho recto» da vontade de Jesus, aceitou «a missão» de escrever, apoiada nas palavras de Jesus, sobre a «sua vida religiosa»,<sup>173</sup> como um caminho de santidade, uma «ascensão ao Céu», como «assunção ao Céu», isto é, como um «abandono» nos «braços de Jesus», na *esperança* de ir «ao Céu», a saber, alcançar a maturidade cristã (Ef 4, 13), passando, a partir da Páscoa de 1896, pelas «tentações contra a fé», que «aumentaram muito no seu coração o *espírito de fé*», até chegar ao «discurso teórico-prático perfeito sobre a *caridade* fraterna».<sup>174</sup> Para ela, pois, escrever sobre «a vida religiosa em si mesma», na hora da despedida, às portas da eternidade, reduz-se ao essencial do Evangelho, ao mandamento novo de Jesus, a luz que ilumina a toda a comunidade.

Na verdade, a vontade de Deus – «um só é o vosso Pai e todos vós sois irmãos» (Mt 23, 9.8) –, que era o alimento de Jesus (Jo 4, 34), era também a vontade de Teresa.<sup>175</sup>

<sup>172</sup> Ms C, 10 vº.

<sup>173</sup> «Se as próprias palavras de Jesus me não servissem de apoio, ver-me-ia tentada a pedir a vossa benevolência e a arrumar a pena... Mas não, devo continuar por obediência o que por obediência comecei» (Ms C, 18 vº).

<sup>174</sup> «Não sei se pude escrever dez linhas sem ter sido interrompida; isto não me devia fazer rir, nem divertir-me, mas por amor de Deus e das irmãs (tão caridosas, para comigo) procuro ter aspecto contente e sobretudo *está-lo...*» (Ms C, 17 vº). «Neste momento, as enfermeiras praticam para comigo o que acabo de escrever» (Ms C, 17 rº). «Enquanto escrevia sobre a caridade (no caderno da sua Vida), muitas vezes, vieram-me interromper; então, procurei nunca me impacientar, e pôr em prática o que escrevia» (CA 15.6.5).

<sup>175</sup> «Já não posso pedir nada com ardor, a não ser o perfeito cumprimento da vontade de Deus...» (Ms A, 83 rº). Ms A, 84 vº. «Quanto me é agradável fixar em vós o meu olhar e executar em seguida a vontade do Senhor!» (Ms C, 11 rº). Há-de ser também a vontade dos jovens cristãos: «que conhecem o Pai, são fortes para lutar contra as raízes do mal do mundo e vencer o Maligno» (1 Jo 2, 13), tornando, assim, o mundo *mais humano, mais fraterno e mais de Deus*. O desejo de fraternidade testemunha que os jovens *conhecem o Pai*, que a *Palavra de Deus permanece neles*, uma vez que os homens não são irmãos se não houver um Pai» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 15).

«Este ano, minha querida Madre, Deus concedeu-me a graça de compreender o que é a caridade; já o compreendia antes, é verdade, mas de maneira imperfeita, não tinha aprofundado esta palavra de Jesus: «O segundo mandamento é *semelhante* ao primeiro: Amarás o teu próximo como a ti mesmo». Aplicava-me sobretudo a amar a Deus e foi amando-o que compreendi que o meu amor não devia traduzir-se apenas por palavras, pois: «Não são os que dizem: Senhor, Senhor! que entrarão no reino dos Céus, mas aqueles que fazem a vontade de Deus». Esta vontade, Jesus deu-a a conhecer por várias vezes, deveria mesmo dizer quase a cada página do Evangelho; mas na última ceia, quando sabe que o coração dos discípulos se inflama com mais ardente amor por Ele que acaba de dar-se a eles no inefável mistério da sua Eucaristia, este doce Salvador quer dar-lhes um mandamento novo». <sup>176</sup>

«A vossa vontade é amar em mim»

A vontade de Jesus, na sua intensidade e universalidade de amor, é, em definitiva, fazer participar Teresa da mística – o dom de amar – e da ascese – o esforço de amar <sup>177</sup> – da santidade do seu amor por todos.

«Ah! Senhor, sei que não ordenais nada de impossível, conheceis melhor do que eu a minha fraqueza, a minha imperfeição, bem sabeis que nunca poderia amar as minhas irmãs como vós as amais, se *vós mesmo*, ó meu Jesus, as não *amásseis* também *em mim*. É porque vós queríeis conceder-me esta graça que decretastes um mandamento *novo*. – Oh! quanto o amo pois me dá a certeza de que a vossa vontade é *amar em mim* todos aqueles que me mandais amar!...». <sup>178</sup>

<sup>176</sup> Ms C, 11 v<sup>o</sup>. Teresa recebeu a graça de «compreender» a «caridade perfeita», a de Jesus pelos seus, e a «caridade imperfeita», a sua pelas suas irmãs. Na meditação – «ao meditar estas palavras de Jesus compreendi» – do amor de Cristo – «Como amou Jesus os seus discípulos e porque os amou» – aprendeu a praticar a caridade fraterna cristicamente – «quanto mais estou unida a Ele, tanto mais amo também todas as irmãs» (Ms C, 12 v<sup>o</sup>).

<sup>177</sup> «Disse-lhe como eu vos amava e os sacrifícios que fora obrigada a fazer ao princípio da vida religiosa para não me afeiçoar a vós de modo inteiramente material como o cão se afeiçoar ao dono. O amor alimenta-se de sacrifícios, quanto mais a alma se recusa a satisfações naturais, tanto mais a ternura se torna forte e desinteressada» (Ms C, 21 v<sup>o</sup>).

<sup>178</sup> Ms C, 12 v<sup>o</sup>. Teresa recebeu a graça de «ver» Jesus «por dentro», as modalidades e as motivações do seu amor (Ms C, 12 r<sup>o</sup>), a graça de «ver» Jesus «dentro de si», a «amar em si» as suas irmãs (Ms C, 12 v<sup>o</sup>), a graça de «ver» Jesus «dentro dos outros», «escondido no íntimo das suas almas» (Ms C, 14 r<sup>o</sup>), na das irmãs mais «jovens» (Ms C, 14 v<sup>o</sup>), das irmãs mais «velhas» (Ms C, 29 r<sup>o</sup>).

A vontade de Teresa, apesar de ser a própria imperfeição, é não apenas «contemplar a caridade em acção», mas sobretudo, «tender para a caridade perfeita».

«O jugo do Senhor é suave e leve»: quando é aceite, sente-se imediatamente a sua doçura e exclama-se com o salmista: «*Corri* no caminho dos vossos mandamentos desde que me dilatastes o coração». Nada existe a não ser a caridade que me possa dilatar o coração. Ó Jesus, desde que esta doce chama me consome, corro com alegria no caminho do vosso mandamento *novo*... Quero correr por ele até ao dia feliz em que, unindo-me ao cortejo virginal, poderei seguir-vos pelos espaços infinitos, cantando o vosso cântico *novo* que deve ser o do Amor». <sup>179</sup>

«Com o coração dilatado», pela «caridade que o consome», Teresa, com a «missão de encaminhar as almas para Deus», <sup>180</sup> como «boa pastora» das «suas ovelhas», <sup>181</sup> consciente da sua incapacidade pessoal para todo o bem, <sup>182</sup> confia em Deus, isto é, usa as suas armas invencíveis <sup>183</sup> e ora a Jesus, para, com o auxílio da graça, <sup>184</sup> «praticar a caridade», <sup>185</sup> «alimentar as almas com o alimento que convém a cada uma» e «guiá-las pelo caminho – «do verdadeiro amor» – que Jesus lhes traçou».

<sup>179</sup> Ms C, 16 rº. «Vejo com alegria que *amando-o, o coração se me dilata*, que pode dar incomparavelmente mais ternura àqueles que lhe são queridos do que se tivesse concentrado num amor egoísta e infrutuoso» (Ms C, 22 rº).

<sup>180</sup> «Com a graça de Jesus nunca procurei cativar-lhes os corações, compreendi que *a minha missão era encaminhá-los para Deus* e fazer-lhes compreender que cá na terra, vós éreis, minha Madre, o Jesus visível que devem amar e respeitar» (Ms C, 23 vº).

<sup>181</sup> «Os cordeirinhos podem dizer tudo o que quiserem; no íntimo, sentem que *os amo com verdadeiro amor*... estou pronta a dar a vida por eles, mas a minha afeição é tão pura que não desejo que a conheçam» (Ms C, 23 vº).

<sup>182</sup> «Desde que compreendi que me era impossível realizar qualquer coisa por mim mesma, o encargo que me impusestes deixou de me parecer difícil, senti que o único necessário era unir-me cada vez mais a Jesus e que o resto me seria dado por acréscimo. De facto, nunca a minha esperança foi confundida, Deus dignou-se encher-me a mãezita tantas vezes quantas foram necessárias para alimentar a alma das irmãs» (Ms C, 22 vº).

<sup>183</sup> «A oração e o sacrifício constituem toda a minha força, são as armas invencíveis que Jesus me deu, podem tocar as almas muito mais do que as palavras, muitíssimas vezes tive experiência disso» (Ms C, 24 vº).

<sup>184</sup> «De longe parece muito fácil fazer bem às almas, fazê-las amar mais a Deus, enfim modelá-las segundo as vistas e pensamentos pessoais. De perto é exactamente o contrário, a facilidade desapareceu... sente-se que fazer bem é coisa tão impossível sem o auxílio de Deus como fazer brilhar o sol no meio da noite» (Ms C, 22 vº).

<sup>185</sup> «Aprendi imenso ao desempenhar a missão que me confiastes, sobretudo *vi-me forçada a praticar* o que ensinava às outras» (Ms C, 19 rº). «Disse-vos, querida Madre, que aprendera muito ao instruir a outras» (Ms C, 23 vº).

«Quando me foi dado penetrar no santuário das almas vi imediatamente que o encargo era superior às minhas forças, então coloquei-me nos braços de Deus, como uma criança e escondendo o rosto nos seus cabelos, disse-Lhe: Senhor, sou demasiado pequena para alimentar as vossas filhas; se quereis dar-lhes por mim o que convém a cada uma, enchei a minha pequenina mão e sem deixar os vossos braços, sem voltar a cabeça, darei os vossos tesouros à alma que me vier pedir alimento».<sup>186</sup>

Teresa que sempre desejara ter *um irmão sacerdote*, viu providencialmente cumprido o seu desejo, quando «um jovem seminarista», M. Bellière, inspirado por Santa Teresa de Jesus, pediu ajuda espiritual à Comunidade de Lisieux. A Madre Inês escolheu Teresa para ser a irmã espiritual do futuro sacerdote. Tal graça fez nascer no seu coração uma alegria que ela chama infantil. Era como se lhe dessem «uma alma nova», a de missionária de missionários. Pôs mãos à obra e procurou redobrar de fervor. A oração e o sacrifício são a melhor ajuda que Teresa dá ao missionário, embora, a correspondência, viesse a ser um modo recíproco de incitamento a amar a Deus mais intensamente.<sup>187</sup>

No ano seguinte, a Madre Maria de Gonzaga propôs a Teresa se aceitava ser irmã de outro «jovem Sacerdote» que, partiria, em breve, para as missões.

«Quereis encarregar-vos dos interesses espirituais de um missionário que deve ser sacerdote e partir brevemente?».<sup>188</sup>

Todas as objecções de Teresa foram inúteis. Podia ter vários irmãos e ser toda para cada um deles. Revela-nos como vai levar a cabo o seu encargo missionário:

«Eis como me uni espiritualmente aos apóstolos que Jesus me deu como irmãos: tudo o que me pertence, pertence a cada

---

<sup>186</sup> Ms C, 22 r<sup>o</sup>-22 v<sup>o</sup>.

<sup>187</sup> «Era um jovem seminarista, inspirado, dizia ele, por S.ta Teresa, que vinha pedir uma irmã que se dedicasse especialmente à salvação de sua alma e o ajudasse com orações e sacrifícios quando fosse missionário a fim de poder salvar muitas almas. Prometia lembrar-se sempre daquela que viesse a ser sua irmã, quando pudesse oferecer o Santo Sacrifício. A madre Inês de Jesus disse-me que queria que fosse eu quem se tornasse irmã do futuro missionário» (Ms C, 31 v<sup>o</sup>). «Esta comunicação espiritual entre *um jovem missionário*, cheio de vida e de futuro, e *uma jovem religiosa carmelita*, ferida mortalmente pelo micróbio da tuberculose, tem algo de celestial e assemelha-se ao consórcio dos anjos» (F. de Santa Inês, *Misionera entre rejas. Santa Teresita del Niño Jesús*, Vitoria, 1952, p. 37).

um deles, sinto bem que Deus é demasiado *bom* para fazer partilhas, é tão rico que dá sem medida tudo o que lhe peço». <sup>189</sup>

«*Uma alma abrasada de amor*»

A oração de petição, de estilo contemplativo, é o meio *simples* – «esta simples palavra: “Atraí-me” basta» – que Jesus lhe deu, para realizar a sua missão de «atrair com ela todas as almas unidas à sua». As muitas palavras com que Jesus, na sua oração sacerdotal, pediu ao Pai para os seus, o Espírito de amor – «que o mundo conheça que vós os amastes como me amastes a mim» – são de Teresa, que se serve delas para «atrair sobre as almas que lhe estão unidas os favores do Pai dos Céus», assim resumidos: «quero simplesmente pedir-vos que um dia estejamos todos reunidos no vosso lindo Céu». <sup>190</sup> Esta simples oração contemplativa é a oração mais eficaz da jovem Teresa pelos que ama.

«Eis a minha oração, peço a Jesus que me atraia para as chamas do seu amor, que me una estreitamente a Si, que viva e opere em mim. Sinto que quanto mais o fogo do amor me abrasar o coração, tanto mais direi: Atraí-me, tanto mais também as almas que se aproximarem de mim (pobre pedacinho de ferro inútil, se me afastasse da fogueira divina), tanto mais estas almas correrão com rapidez no odor dos perfumes do seu Amado, porque uma alma abrasada de amor não pode continuar inactiva; sem dúvida mantém-se como Santa Madalena aos pés de Jesus, escuta a sua palavra doce e inflamada. Parecendo não dar nada, dá muito mais do que Marta que se atormenta com muitas coisas e quereria que a irmã a imitasse». <sup>191</sup>

Teresa é excepcional na sua vocação ao amor de Jesus e na sua missão de amar os seus, porque Jesus foi excepcional no seu amor por Teresa. A atracção preferencial do amor de Jesus para com ela abarca a

<sup>188</sup> Ms C, 33 rº.

<sup>189</sup> «Espero com a graça de Deus ser útil a mais de dois missionários e não poderia esquecer-me de orar por todos, sem deixar de lado os simples sacerdotes cuja missão é por vezes tão difícil de cumprir como a dos apóstolos que pregam aos infiéis. Enfim quero ser filha da Igreja como era a nossa madre S.ta Teresa e orar pelas intenções do nosso S.to Padre o Papa, sabendo que as intenções dele abraçam o universo. Eis o fim geral da minha vida» (Ms C, 33 vº).

<sup>190</sup> Ms C, 34 rº-34 vº. Refere-se quer às suas irmãs noviças, quer aos seus irmãos sacerdotes (Ms C, 35 rº- 35 vº).

<sup>191</sup> Ms C, 36 rº.

pré-história, história e meta-história de Teresa, que ama Jesus com o próprio amor de Jesus.

«Bem o sabeis, ó meu Deus, nunca desejei senão amar-vos, não ambiciono outra glória. O vosso amor precedeu-me desde a infância, cresceu comigo e agora é um abismo cuja profundeza não posso sondar. O amor atrai o amor, por isso, meu Jesus, o meu lança-se para vós, queria encher o abismo que o atrai, mas pobre dele! nem chega a ser uma gota de orvalho perdida no oceano!... Para vos amar como vós me amais, preciso de empregar o vosso próprio amor, só então encontro repouso. Ó meu Jesus, é talvez ilusão, mas parece-me que não podeis colmar uma alma com mais amor do que colmastes a minha...».<sup>192</sup>

«*O amor atrai o amor*»

Teresa faz parte do «comum dos Santos», daqueles que pediram, na oração contemplativa, a sabedoria do Amor, que ilumina o universo, e a força do Amar, que salva este mundo.

«Todos os santos o compreenderam e mais especialmente aqueles que encheram o universo com a iluminação da doutrina evangélica. Não foi acaso na oração que os Santos Paulo, Agostinho, João da Cruz, Tomás de Aquino, Francisco, Domingos e tantos outros ilustres Amigos de Deus adquiriram esta ciência Divina que arrabata os maiores génios? Um Sábio disse: “Dai-me uma alavanca, um ponto de apoio, e eu levantarei o mundo”. O que Arquimedes não pôde conseguir, porque a sua petição se não dirigia a Deus e porque não era feita senão do ponto de vista material, alcançaram-no os santos em toda a sua plenitude. O Todo-Poderoso deu-lhes como ponto de apoio: *Ele mesmo e Ele só*. Como alavanca: a oração que abraça com fogo de amor, e foi assim que eles levantaram o mundo; é assim que os Santos ainda militantes o levantam e que, até ao fim do mundo, os futuros Santos o levantarão igualmente».<sup>193</sup>

Teresa tendo adquirido, nessa «oração que abraça com fogo de amor», a «teologia dos Santos» – o conhecimento de Deus-Amor por

<sup>192</sup> Ms C, 35 r°.

<sup>193</sup> Ms C, 36 r°-36 v°. «O olhar de Cristo, ou seja, a tomada de consciência do amor, que n'Ele se demonstrou mais forte do que todo o mal e toda a destruição, é o ponto de apoio firme que nos permite sobreviver» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 7).

amor (1 Jo 4, 7-8), a compreensão do Amor de Cristo que sobrepassa todo conhecimento (Ef 4, 14-19), o «dom da sua Misericórdia infinita» –, fez, da sua «esperança cega na misericórdia de Jesus», o seu Evangelho de salvação do mundo, não só, «sentando-se à mesa dos pecadores», como «um» dos pecadores, mas «correndo para o último lugar», como «a maior pecadora», que não desespera de si, o que seria orgulho, mas que, na verdade de «todos os seus pecados», confia na actual misericórdia infinita de Jesus.

Era assim como Teresa se identificava com «a vida de Jesus», como corria no odor dos perfumes de Cristo, respirados em cada página do Evangelho, e se fazia «outro Cristo misericordioso» para com todos. Deste modo, se «para todo o pecado existe perdão», para todo o pecador existe esperança de salvação, na condição de ser humilde, confiante, e voltar, arrependido, para Jesus. Eis como Teresa, «atraída» pela Misericórdia de Jesus, «atrai» o mundo do pecado, para o oferecer, são e salvo, ao amor de Deus.

«Não tenho mais do que lançar os olhos para o S. Evangelho, imediatamente respiro os perfumes da vida de Jesus e sei de que lado correr... Não é para o primeiro lugar, mas para o último, que me lanço, em vez de avançar como o fariseu, repito, cheia de confiança, a humilde oração do publicano, mas, sobretudo, imito a conduta de Madalena, a sua admirável ou antes a sua amorosa audácia que encanta o Coração de Jesus, seduz o meu. Sim sinto-o, mesmo quando tivesse na consciência todos os pecados que se podem cometer, iria com o coração despedaçado de arrependimento lançar-me nos braços de Jesus, pois sei quanto ama o filho pródigo que volta a Ele. Não é porque Deus, em sua *previdente* misericórdia preservou a minha alma do pecado mortal que me elevou para Ele pela confiança e pelo amor».<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> Ms C, 36 r<sup>o</sup>. Teresa é *testemunha* da *misericórdia* do Pai para com as feridas profundas dos jovens, por exemplo, a ruptura do amor familiar, a terrível solidão, a busca do imediato, a tentação do suicídio, a morte da contemplação, o subjectivismo moral, a manipulação do espírito, a dependência de droga, etc... exercida de uma maneira preventiva (Ms A, 38 v<sup>o</sup>), ou terapêutica (Ms C, 36 v<sup>o</sup>). Não importa a *abismo* em que o jovem se encontre: «Jesus virá buscarnos, por *muito longe* que estejamos e nos transformará em chamas de amor» (Ct 197); noutra versão: «Quanto mais pobre fores, mais Jesus te amará. Ele irá *longe, muito longe* para te buscar, se, por vezes, te afastares um pouco» (Ct 211).

«*Só há uma coisa a fazer durante a noite da vida, é amar*»

Esta «jovem pedagoga», que «aprendeu muito ao instruir» as almas, sobretudo «a praticar o que ensinava», e a «proceder de maneira diferente com cada uma», torna-se numa autêntica «mãe e mestra» da juventude, ao exortá-los à oração,<sup>195</sup> ao reconhecer «o grande poder da oração», no campo da promoção vocacional – «uma vocação é um verdadeiro milagre da graça»<sup>196</sup> –, ao ter em conta «o dom de ler e falar às almas», na área do acompanhamento espiritual – «tinha dito palavras que não vinham de mim mas d'Ele» –, ao ter capacidade de encaixar para aceitar o desrespeito, os louvores, as correções, as humilhações, que podem advir e advêm no trato com os jovens, ao «compadecer-se com as suas enfermidades espirituais e morais crónicas, sem esperança de cura»,<sup>197</sup> e ao «procurar a sua companhia e exercer o ofício do bom Samaritano» com eles, para lhes ressuscitar a infância, que «não está morta, mas dorme» neles (Mt 9, 24).

Com a jovialidade da sua juventude,<sup>198</sup> com «o mais belo sorriso» da sua «caridade amável e alegre», para com aquela idosa Ir. S. Pedro

<sup>195</sup> «*Reza muito a fim de que os mais belos anos da tua vida não se passem em temores quiméricos*» (Ct 94).

<sup>196</sup> «*Só conto com o amor para me levar ao paraíso... Que todas as orações que são feitas por mim sirvam para aumentar o Fogo que me deve consumir*» (Ct 242). Teresa fala da «graça» da sua vocação e missão: «a única coisa que vos roguei de pedir para a minha alma é a graça de amar Jesus e de o fazer amar tanto quanto me seja possível» (Ct 218). «É no diálogo com Cristo na oração, que o jovem há-de ler o pensamento eterno, que Deus, Criador e Pai, tem em relação a ele... há-de descobrir, diante de Deus, a respectiva vocação nos diversos caminhos da vida cristã» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 9).

<sup>197</sup> Quando a juventude é provada pelo sofrimento pessoal ou toma consciência intensa do sofrimento dos outros; quando experimenta abalo forte diante das muitas formas de mal que existem no mundo; quando, enfim, encara bem de frente o mistério do pecado, da iniquidade humana, então, faz-se ouvir nestes termos a resposta de Cristo: «Ninguém é bom senão Deus»; só Deus é amor. Tal resposta pode parecer difícil; mas é firme e verdadeira: encerra em si a *solução definitiva*» (J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 4).

<sup>198</sup> «Estou sempre alegre e contente» (CA 5.7.2). «Arranjarei sempre maneira de ser feliz» (CA 15.5.2). «Mística e cômica, tudo lhe cai bem... sabia fazer-nos chorar de devoção e também fazer matar a rir nos recreios» (Ir. Maria dos Anjos, *Carta à Visitação de Mans*). «A Ir. Maria Guérin com sua bela voz é a nossa alegria e o encanto dos nossos recreios» (Ct 179). «Uma alegria misturada com o amor cristão... A alegria pode tornar-se caridade delicada, se comunicada aos outros, como fazia ela nos recreios do Carmelo» (A. Luciani-J. P. I, *Opera omnia*, Ed. Messagero, Padova, 1989, vol IX, p. 207). «Teresa é uma santa da alegria profunda numa prática de uma caridade delicada» (M. Caprioli, *IPapi del Secolo XX e S. Teresa de Lisieux*, Teresianum, Roma, XLLVI / 1995 / II, p. 351). T. Vénard «era uma alma que agradava» a Teresa, porque «estava sempre alegre» (CA 28.5.10).



– «acompanhava-a com tanto amor que me seria impossível fazê-lo melhor se houvesse de conduzir o próprio Jesus» – com a graça de cumprir o dever próprio e de amar durante 10 minutos em transportes de alegria, com a capacidade de fazer do sofrimento um «concerto para Jesus», Teresa converte-se «num perfume que leva a nossa juventude a praticar a caridade» em qualquer circunstância.<sup>199</sup>

A juventude de hoje não diz o que dela disse aquela religiosa velhinha: «ê bem tinha dito qu'êreis  *muito nova* pã-me conduzir». Teresa, que, quando era ainda jovem noviça, «não quis perder tão bela ocasião de exercitar a caridade, lembrando-se do que Jesus dissera: «O que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos é a mim que o fazeis» (Mt 25, 40), não quer perder agora, desde a «eterna juventude» do Céu, a ocasião de conduzir os jovens até Jesus, como fez André com Pedro – «E levou-o a Jesus» –, e oferece-se, como boa samaritana, para lhes curar as feridas,<sup>200</sup> ou mesmo, para os guiar ao «Cristo Médico» das almas. Teresa é sábia na arte de falar abertamente com os jovens em nome de Jesus, dizendo-lhes tudo o que lhe vai na alma, certa de ser compreendida e seguida no seu caminho e vida de amar Jesus e de O fazer amar pelos sacerdotes e pelos jovens.

«Senti quanto as nossas almas são feitas para se compreenderem!... A vida... Ah! é verdade que para nós já não tem encanto nenhum... mas engano-me, é verdade que os encantos do mundo se desvaneceram para nós, mas isso é como um fumo... e fica-nos a *realidade*, sim, a vida é um tesouro... cada instante é uma *eternidade*, uma eternidade de alegria para o céu, uma eternidade para ver Deus *face a face*, ser um só com ele!... Só Jesus é; tudo o mais *não é*... amemo-lo pois apaixonadamente, salvemos-lhe almas, ah! Celina, sinto que Jesus pede a *nós as duas*, que apaguemos a *sua sede* dando-lhe almas, almas de *sacerdotes* sobretudo, sinto que Jesus quer que eu te diga isto, porque a nossa missão é *esquecermo-nos*, aniquilarmo-nos... somos tão pouca coisa... e todavia Jesus quer que a salvação *das almas* dependa dos nossos sacrifícios, do nosso amor, ele mendiga-nos almas...».<sup>201</sup>

---

<sup>199</sup> «Jesus fez-se *pobre* para que possamos fazer-lhe a *caridade*» (Ct 145).

<sup>200</sup> «Ofereci-me com muita humildade para os conduzir: não foi sem dificuldade que consegui fazer aceitar os meus serviços! Finalmente pus mãos à obra e tinha tão boa vontade que triunfei plenamente» (Ms C, 29 r<sup>o</sup>).

<sup>201</sup> Ct 96.

Teresa, como todo o jovem, «pensou ter nascido para a glória» dos «feitos grandiosos».<sup>202</sup> Como S. Cecília «cobiçava a alma do *jovem* romano que não pensava senão na glória da terra»,<sup>203</sup> assim Teresa, na pessoa do jovem santo Estanislau Kostka, diz a *todos os jovens* que «a verdadeira grandeza está na virtude» de Jesus,<sup>204</sup> e «a felicidade na ternura» de Maria.

«Mãe querida, *desde a minha juventude*  
A tua doce Imagem encantou-me o coração  
No teu olhar eu lia a *ternura*  
E junto de ti encontrava a *felicidade*».<sup>205</sup>

## VII

«*A verdadeira grandeza está na virtude*»

Precisamente porque é uma santa jovem, da mesma idade que muitos jovens, as palavras do seu «Viver de amor» – «Amar-Te, Jesus, que perda tão fecunda» – convertem-se, para muitos deles, num factor de «regresso à casa do Pai», à fé eclesial abandonada, para fazerem na fé a experiência do amor de Jesus.

«Ó Coração de Jesus, tesouro de ternura  
Tu és a minha dita, a minha única esperança,  
Tu que soubestes cativar a minha juventude  
Fica ao pé de mim até à última tarde.  
Senhor, só a ti dei a minha vida  
E conheces bem todos os meus desejos  
É na tua bondade sempre infinita  
Que desejo perder-me, ó Coração de Jesus!».<sup>206</sup>

<sup>202</sup> Ms A, 32 r<sup>o</sup>.

<sup>203</sup> Ct 149.

<sup>204</sup> RP 8, 1 r<sup>o</sup>. Na viagem a Roma, Teresa «compreendeu que *a verdadeira grandeza* se encontra na *alma* e não no nome... » (Ms A, 56 r<sup>o</sup>).

<sup>205</sup> P. 49, 1.

<sup>206</sup> P. 23, 6. Teresa a quem lhe «foi dada a graça de compreender o amor do Coração de Jesus» (Ct 247), na pessoa do jovem Padre Bellière, deseja ardentemente esta mesma graça a todos os jovens: «*Como vos queria fazer compreender a ternura do Coração de Jesus...* Como Jesus ama as almas mesmo imperfeitas que se confiam a Ele... Está disposto a perdoar sempre, se sempre o jovem o levar pelo coração» (Ct 258). «Asseguro-te que *o Bom Deus é bem melhor do que tu crês*, contenta-se com um olhar, um suspiro de amor... *basta prender Jesus pelo Coração...* saibamos retê-lo prisioneiro, este Deus que se torna *o mendigo do nosso amor...* as *mais pequenas acções feitas por amor* são as que encantam o seu coração» (Ct 191).

Parece ter chegado a hora do encontro entre a jovem Teresa de Lisieux e a juventude de hoje. Entre Teresa de Lisieux e a juventude há a mesma ligação que havia entre as duas irmãs de alma, Teresa, carmelita, e Celina, leiga: «Jesus deve ser o nosso divino traço de união. Não foi o próprio Jesus que traçou o nosso caminho? Não é Ele que nos ilumina e se revela às nossas almas?...».<sup>207</sup> Teresa, tendo Jesus como «sumo-pontífice», como ponte de passagem para a outra margem do «povo jovem», torna-se numa *pedagoga* ímpar para trazer de volta pela mão os jovens e levá-los a responder fielmente ao chamamento de Jesus.

«Vós não podeis ser *um santo a meias*, tendes de sê-lo totalmente ou então não o ser. Notei que devíeis ter uma alma enérgica e foi por isso que me senti feliz por me tornar vossa Irmã. Não julgueis assustar-me falando-me dos «vossos belos anos desperdiçados». Agradeço a Jesus que olhou para Vós com um *olhar de amor* como outrora para o jovem do Evangelho. Mais feliz do que ele respondestes fielmente ao chamamento do Mestre, deixastes tudo para O seguir, e isso *na mais bela idade da vida*, aos 18 anos. Ah! meu Irmão, como eu podeis cantar as misericórdias do Senhor, elas brilham em vós com todo o esplendor...».<sup>208</sup>

Muitos jovens ao encontrarem-se com Teresa de Lisieux parece que ficam corados de vergonha, por não se sentirem tão amados como ela,<sup>209</sup> nem amarem como ela <sup>210</sup>inibindo-se, assim, para o caminho de santidade, a que Deus os chama e pode chamar, por meio de

<sup>207</sup> Ct 149.

<sup>208</sup> Ct 247. «Caros jovens, é preciso estar pessoalmente atento ao apelo que o Senhor quiser dirigir-vos; é preciso que não falte a coragem para responder generosamente a esse chamamento» (J. Paulo II, *Dircurso aos Jovens em Portugal*, 14/5/1982, Lisboa). Teresa pode inspirar a vida consagrada de hoje a educar os jovens para a santidade: «A história da Igreja, desde a antiguidade até aos nossos dias é rica de exemplos admiráveis de pessoas consagradas que viveram e vivem a tensão para a santidade através do empenho pedagógico, propondo contemporaneamente a santidade como meta educativa. De facto, muitas delas, educando, realizaram a perfeição da caridade. Este é um dos dons mais preciosos que as pessoas consagradas podem oferecer também hoje à juventude, fazendo-a objecto de um serviço pedagógico rico de amor, segundo a sábia advertência de S. João Bosco: «Não basta aos jovens serem amados, precisam também de reconhecer que o são» (J. Paulo II, VC n. 96). Teresa diria «não basta amar, é preciso provar o amor» (Ms C, 15 vº).

<sup>209</sup> «Quando vêem uma alma mais iluminada do que as outras, imediatamente concluem daí que Jesus as ama menos do que a esta alma e que não podem ser chamadas à mesma perfeição» (Ms C, 19 vº- 20 rº).

<sup>210</sup> «Como podes perguntar-me se te é possível amar o Bom Deus como eu o amo?... Compreendei que para amar Jesus, ser sua *vítima de amor*, quanto mais fraco se é, sem desejos, nem virtudes, mais se é apto para as operações deste Amor consumidor e transformador... É a confiança e só a confiança que nos deve conduzir ao Amor...» (Ct 197).

Teresa,<sup>211</sup> que ao participar da dor mística do amor de Jesus pelos jovens,<sup>212</sup> diz a todos os jovens quanto é inefável a sua misericórdia<sup>213</sup> e reza a Jesus para lhes revelar o seu amor.<sup>214</sup> Com o seu «coração de criança e a sua alma de guerreiro» ensina aos jovens o seu *ideal* de amar «só Jesus», no abandono mais passivo e no oferecimento mais activo.

«É só a Ti, Jesus, que eu me prendo  
É aos teus braços que eu acorro e me escondo,  
Quero amar-Te como uma criancinha  
Quero lutar como um guerreiro audaz  
Como uma criança cheia de delicadeza  
Quero, Senhor! encher-Te de carícias  
E no campo do meu apostolado  
Como um guerreiro lanço-me ao combate!...».<sup>215</sup>

Outros aceitam de boa vontade, boa vontade foi coisa que não faltou a Teresa, que ela, «apoiando a cabeça deles sobre o seu coração», lhes «diga com lágrimas na voz *tudo o que pensa a respeito deles*, mas com expressões tão ternas, e manifestando-lhes tão grande afeição que, em breve, as lágrimas deles se unem às dela». Isto, porque «concordam com muita humildade que tudo o que ela lhes diz, por exemplo, que «o amor se alimenta de sacrifícios», é verdade e prometem começar vidas novas, pedindo-lhe o favor que os advirta sempre das suas faltas».<sup>216</sup>

<sup>211</sup> «Desde quando deixou o Senhor de ter direito de se servir de uma das suas criaturas para dispensar às almas que ama o alimento que lhes é necessário?» (Ms C, 20 rº).

<sup>212</sup> «O mesmo Deus que declara não precisar de nos dizer se tem fome, não teme *mendigar* um pouco de água à Samaritana. Tinha sede... Mas ao dizer: «dá-me de beber» era o *amor* da sua criatura que o Criador do universo reclamava. Tinha sede de amor... Ah! mais do que nunca o sinto: Jesus está *com sede*, não encontra senão ingratos e indiferentes entre os discípulos do mundo e entre os seus *discípulos íntimos*, encontra, infelizmente! poucos corações que se lhe entreguem sem reserva, que compreendam toda a ternura do seu Amor infinito» (Ms B, 1 vº). «Os amigos de Jesus são raros» (Ct 122).

<sup>213</sup> «Ó Jesus! bem posso dizer a todas as *pequenas almas* quanto é inefável a tua condescendência (...) Porque desejar comunicar os teus segredos de amor, ó Jesus, não fostes acaso unicamente tu quem no-los ensinou e não poderás também revelá-los a outros?...» (Ms B, 5 vº). «Como ele a ama, como ele a olha com ternura» (Ct 142). «Jesus ama-te com um amor tão grande que se o visses entrarias num êxtase de felicidade que te daria a morte, mas tu não o vês e sofres» (Ct 145).

<sup>214</sup> «Peço-te que baixes o teu olhar divino sobre grande número de *pequenas almas*...Peço-te que escolhas uma legião de *pequenas* vítimas dignas do teu AMOR!...» (Ms B, 5 vº).

<sup>215</sup> P. 36, 3.

<sup>216</sup> Ms C, 21 vº. Teresa é «mulher estéril que deu à luz muitos filhos» (SI 113, 9). Senta-os nos seus joelhos (Is 66, 12) - «uma *juovem mulher* Susana embala o filho» (RP 6, 3 rº) - e «tem confiança na misericórdia infinita do bom Deus, que é bastante grande para perdoar os maiores crimes quando encontra um coração de mãe que põe nele toda a sua confiança» (RP 6, 10 rº).

No final do encontro entre Teresa e os jovens, resta, não já uma simples e recíproca afeição humana entre eles, mas uma amizade totalmente espiritual,<sup>217</sup> nascida desta correcção fraterna, cumprindo-se assim, o passo da S. Escritura, que diz: «O irmão que é auxiliado pelo seu irmão é como uma cidade forte» (Prov 18 ,19).

«*Na mais bela idade da vida*»

Com palavras dos «malfeitores», extraídas da *Fuga para o Egipto*, Teresa torna-se «benfeitora» dos jovens, como «mãe do bom conselho», propondo-lhes a conquista do tesouro escondido no campo (Mt 13, 44), ou seja, na Igreja, que é «a juventude do mundo».<sup>218</sup>

«*Empreguemos a juventude*  
A conquistar um tesouro  
A fim de que na velhice  
Possamos nadar em ouro».<sup>219</sup>

Os jovens na «escola de Teresa» hão-de aprender que «quem tem Jesus tem tudo»,<sup>220</sup> que «o próprio do amor é abaixar-se»,<sup>221</sup> «abaixar-se até ao nada para o transformar em fogo»,<sup>222</sup> que «o Amor é tudo... que o Amor é eterno».<sup>223</sup> Hão-de aprender com ela de Maria que «amar é tudo dar e dar-se a si mesmo»,<sup>224</sup> seja nas alegrias – «Jesus, minha alegria é amar-Te»<sup>225</sup> – seja nas dores da vida: «Sofrer amando é a mais pura felicidade».<sup>226</sup> Hão-de aprender com ela «a única coisa necessária»

<sup>217</sup> Já não lhes «parece tão duro obedecer a *uma jovem*» (RP 3, 8 vº), que, providencialmente, previu o apreço dos jovens por ela: «Ah! sei bem, *todo o mundo me amará*» (CA 1.8.2). Tudo isto, porque Teresa ama os jovens com o coração de Cristo: «Amo-te mil vezes mais ternamente do que se ama as irmãs ordinárias, pois que *posso amar-te com o Coração de nosso Esposo Celeste*» (Ct 186).

<sup>218</sup> Mensagem do Concílio Vaticano II aos Jovens, em AAS 58 (1966), p. 18.

<sup>219</sup> RP 6, 3 vº. Na sua «ternura fraterna de Bem-Aventurada» (Ct 263), torna-se «a alma amiga» dos jovens, em «conversa fraterna» com eles: «Ah! a vossa alma é muito grande para se prender a alguma consolação deste mundo. Deveis viver por antecipação nos Céus, pois foi dito: «Onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração». Não é *Jesus* o vosso *único Tesouro*? Se Ele está no Céu, é lá que tem de habitar o vosso coração, e digo-vos com simplicidade, meus queridos irmãozinhos, parece-me que vos será mais fácil viver com Jesus quando eu estiver junto d'Ele para sempre» (Ct 261).

<sup>220</sup> P. 18 bis. «Só Jesus é, tudo o resto *não é*» (Ct 96). «Jesus fez *tudo* eu não fiz *nada*» (Ct 142). «É a mão de Jesus que dirige *tudo*. Em *tudo* tem de se servir só a Ele» (Ct 149).

<sup>221</sup> Ms A, 2 vº.

<sup>222</sup> Ms B, 3 vº.

<sup>223</sup> Ms B, 3 vº.

<sup>224</sup> P. 54, 22.

<sup>225</sup> P. 45, 7.

<sup>226</sup> P. 54, 16. «Compreendi que sofrer tem encantos / Que pela Cruz salvamos pecadores» (P. 16, 2).

para alcançar «a única felicidade na terra».<sup>227</sup> Hão-de aprender com ela «o carácter de Jesus»<sup>228</sup> para que as suas vidas «imprimam carácter cristão» para a evangelização de outros jovens.<sup>229</sup>

Jesus que «amou até ao fim» (Jo 13, 1), exige aos jovens, no dizer de Teresa, o radicalismo evangélico do amor,<sup>230</sup> a radicalidade do amar <sup>231</sup> «o Jesus da Eucaristia... o Jesus da paz e do amor»,<sup>232</sup> uma vez que só Jesus pode compreender e amar o coração dos jovens «infinitamente mais» que os jovens.

«Amar, como o nosso coração é bem feito para isto!... Por vezes procuro um ou outro termo para exprimir o amor, mas na terra do exílio as palavras são impotentes para dar todas as vibrações da alma; assim, é preciso ater-se a este único termo: «Amar!»... Mas, a quem o nosso pobre coração, faminto de Amor, o prodigará?... Ah, quem será bastante grande para isso... um ser humano poderá compreendê-lo... e, sobretudo, saberá dá-lo?... Só há um ser que pode compreender a profundidade deste termo: Amar!... Só o nosso Jesus sabe dar-nos infinitamente mais do que nós lhe damos...».<sup>233</sup>

Possuidora do «mesmo ardor» de Joana d’Arc,<sup>234</sup> identifica-se com ela, e com ela identifica os jovens, no mesmo «martírio de amor» por Cristo.

«Senhor, por vosso amor, aceito o martírio  
E já não temo a morte nem o fogo,  
É por Vós, ó Jesus! que a minha alma suspira  
Tenho um só desejo, é ver-Vos, meu Deus.  
Quero pegar na cruz, doce salvador, e seguir-Vos  
Morrer por vosso amor, nada mais desejo

<sup>227</sup> «A única felicidade na terra é aplicar-se sempre a encontrar deliciosa a parte que Jesus nos dá... A única coisa necessária é agradar a Jesus, unir-se inteiramente a Ele» (Ct 257).

<sup>228</sup> «Eis o carácter de Jesus: Dá como Deus, mas quer a humildade de coração» (Ct 161).

<sup>229</sup> «Que a tua vida seja toda de humildade e de amor» (Ct 264). «Empenhai-vos para que a cultura cristã se torne cada vez mais a cultura dos jovens» (J. Paulo II, *Discurso aos Jovens sobre a XI Jornada Mundial da Juventude*, Roma, 28 /4 / 1996).

<sup>230</sup> «Jesus pede-te TUDO, TUDO, TUDO, tanto como pode pedir aos maiores Santos» (Ct 57).

<sup>231</sup> «Visto que não posso encontrar nenhuma criatura que me contente, quero dar tudo a Jesus, não quero dar nada à criatura nem um átomo do meu amor... Ele quer que tudo seja para ele!... Pois bem, tudo será para ele, tudo, mesmo quando sinta que nada lhe posso oferecer, então, como esta tarde, dar-lhe-ei este nada» (Ct 76). «Tu queres o meu coração, Jesus, eu to dou» (P. 36, 5).

<sup>232</sup> Ct 92.

<sup>233</sup> Ct 109.

<sup>234</sup> Ms A, 32 r<sup>o</sup>.

Quero morrer para começar a viver  
 Quero morrer para me unir a Jesus». <sup>235</sup>

Esta «religiosa toda abrasada de amor», deixa aos jovens, em herança, o «seu coração», <sup>236</sup> o seu «pequeno coração de criança», <sup>237</sup> para eles, como ela, «amarem Jesus e o fazerem amar». <sup>238</sup> Deixa-lhes a sua «pequena oração», que «encerra todos os seus desejos», pedindo, cada dia, no Céu, ao Pai, pelo Filho, no Espírito, pelos jovens, para que participem, na terra, da sua vocação de amor e da sua missão de fazer amar o Amor.

«Pai misericordioso, em nome do nosso Doce Jesus, da Virgem Maria e dos santos, suplico-Vos que abraseis a minha irmã – todos os jovens – do vosso Espírito de Amor e que lhe – lhes – concedais a graça de vos fazer amar muito». <sup>239</sup>

«A graça de vos fazer amar muito»

Com esta «oração que abraça com fogo de amor», «levanta o mundo» dos jovens, talvez do desespero, <sup>240</sup> abrindo-lhes um caminho de esperança, <sup>241</sup> um futuro promissor de vida. <sup>242</sup>

<sup>235</sup> RP 3, 21 rº.

<sup>236</sup> «A vós, jovens, deixo-vos o meu *coração*» (Ms A, 79 rº). Teresa diz a cada jovem: «O teu coração é feito para amar Jesus, para O amar apaixonadamente, reza muito para que os mais belos anos da tua vida não se passem em receios imaginários. Temos apenas os breves instantes da nossa vida para amar Jesus, o demónio bem o sabe, por isso esforça-se por consumi-las em trabalhos inúteis» (Ct 92).

<sup>237</sup> «Amo-vos com a ternura de *meu pequeno coração de criança* RECONHECIDO» (Ct 197). «O coração da sua pequena Teresa é *um coração de criança* cheio de amor e de reconhecimento» (Ct 146). «É um coração de criança, um coração de esposa» (Ct 144).

<sup>238</sup> «A *minha missão...* é *fazer amar* o Rei do Céu, submeter-lhe o reino dos corações» (Ct 224). Teresa é «profeta do amor» junto dos jovens: «*todas as almas que ama* serão arrastadas atrás dela» (Ms C, 34 rº)

<sup>239</sup> Ct 220.

<sup>240</sup> O jovem não se deve deixar cair no desespero, porque só pode cair em Deus (CA 15.9.2), na infinita misericórdia de Deus: «Ainda que me pesassem na consciência *todos os pecados...* sei com quanto carinho ama o *filho* pródigo que volta a Ele» (Ms C, 36 vº).

<sup>241</sup> «É ela quem a tantos miseráveis deu *razões para viver* e a tantos pecadores deu *razões para amar* o Amor (A. Combes, *Teresa de Lisieux y su Misión. Las grandes leyes de la espiritualidad teresiana*, San Sebastian, 1957, p. 294). «Vejo na *História de uma Alma* um apelo aos drogados, aos desesperados, aos suicidas» (M. D. Molinié, *Je choisis tout. La vie et le message de Thérèse de Lisieux*, C.L.D., Chambray, 1992, p. 200).

<sup>242</sup> «O futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações de amanhã razões de viver e de esperar» (GS n. 31). «Teresa ensina-nos a autêntica esperança, a da fé no amor. Com seu amor evangélico e a sua compaixão mística Teresa leva o desespero deste mundo com esperança, isto é, com fé no amor» (P. Poupard, *Thérèse de Lisieux: La force de l'amour pour le monde de l'incroyance*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, pp. 311-312).

«O futuro do mundo e da Igreja pertence às *gerações jovens*, que nascidas neste século, serão adultas no próximo, o primeiro do novo milénio. *Cristo acolhe os jovens*, como acolhera o jovem que Lhe pôs a pergunta: «Que hei-de fazer de bom para alcançar a vida eterna?» (Mt 19, 16). À admirável resposta que Jesus lhe deu, fiz referência na recente Encíclica *Veritatis splendor*, como já o fizera antes na *Carta Apostólica aos jovens de todo o mundo* em 1985. Os jovens, em qualquer situação e região da Terra, não cessam de fazer perguntas a Cristo: *encontraram-n'O e procuraram-n'O para O interrogarem de novo*. Se souberem seguir o caminho que Ele indica, terão a alegria de dar o próprio contributo para a presença d'Ele no próximo século e nos sucessivos. até à conclusão dos tempos. «Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre».<sup>243</sup>

Assim, com Teresa, a juventude «não morre, entra na vida».<sup>244</sup> O futuro pertence aos jovens, que hão-de construir o século XXI,<sup>245</sup> com os olhos postos em Jesus,<sup>246</sup> que os convida, por meio da «maior santa dos tempos modernos», a «vêr a sua morada» na família da Igreja (Jo 1, 39) e na comunidade religiosa, onde se devem revelar aos jovens, os «segredos do amor» de Deus (Mt 11, 25).

«Os jovens não se deixam enganar: quando vêm ter convosco, querem ver aquilo que não vêem em mais parte nenhuma. Tendes uma responsabilidade imensa no que diz respeito ao amanhã: especialmente os jovens consagrados, testemunhando a sua consagração, podem induzir os da sua idade à renovação da própria vida. O amor apaixonado por Jesus Cristo é uma atracção poderosa sobre os outros jovens, que Ele,

---

<sup>243</sup> J. Paulo II, *TMA*, n. 58.

<sup>244</sup> Ct 244. «O sonho de uma alma como a de Teresa é visivelmente destinado a fazer sonhar as gerações futuras» (J. Chalou, *Teresa de Lisieux. Uma vida de amor*, Braga, 1997, p. 203).

<sup>245</sup> «Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas *uma grande história a construir!* Olhai o futuro, para o qual vos projecta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas» (J. Paulo II, *VC* n. 110).

<sup>246</sup> «A vós, jovens, digo: se sentirdes o chamamento do Senhor, não o recuseis! *Entraí, antes, corajosamente nas grandes correntes de santidade*, que foram iniciadas por santos e santas insignes no seguimento de Cristo. Cultivai os anseios típicos da vossa idade, mas aderi prontamente ao projecto de Deus sobre vós, se *Ele vos convida a procurar a santidade na vida consagrada*. Admirai todas as obras de Deus no mundo, mas sabeí fixar o olhar sobre aquelas realidades que jamais terão ocaso. O terceiro milénio aguarda a contribuição da fé e da inventiva de uma multidão de jovens consagrados, para que o mundo se torne mais sereno e capaz de acolher a Deus e, n'Ele, todos os seus filhos e filhas» (J. Paulo II, *VC* n. 106).



na sua bondade, chama a segui-Lo de perto e para sempre. Os nossos contemporâneos querem ver, nas pessoas consagradas, a alegria que brota do facto de estar com o Senhor».<sup>247</sup>

«Os vossos jovens terão visões»,<sup>248</sup> isto é, «verão o Pai» (Jo 14, 9), «verão Jesus» (Jo 12, 21), se «virem os seus discípulos a amarem-se uns aos outros» (Jo 13, 35). Se «os seus olhos viram a salvação» (Lc 2, 30), tornarse-ão «profetas do Altíssimo» para «darem a conhecer ao Povo de Deus a salvação pela remissão dos pecados» (Lc 1, 76-77). Com esta fé no poder do «AMOR», que «levanta o mundo», os jovens «estarão sempre prontos para dar resposta vitoriosa – «esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé» (1 Jo 5, 4) – a quem lhes perguntar sobre a esperança que lhes dá força» (1 Pe 3, 15).

Teresa, ao acabar de escrever esta sua «carta a Jesus»,<sup>249</sup> com a santidade da sua vida jovem, converte-se numa «carta de Jesus» (2Co 3, 3), numa «pequena carta» da Igreja, que vai ser lida pelos jovens:<sup>250</sup> «Escrevi-vos, jovens, porque conheceis o Pai, porque sois fortes e a palavra de Deus permanece em vós, porque já vencestes o Maligno» (1 Jo 2, 13).

«Porque sois fortes, podereis assim atingir os mecanismos escondidos do mal, as suas raízes; e deste modo conseguireis gradualmente *modificar o mundo*, transformá-lo, torná-lo *mais humano, mais fraterno* e, ao mesmo tempo, mais santo, isto é, *mais de Deus*».<sup>251</sup>

---

<sup>247</sup> J. Paulo II, VC n. 109.

<sup>248</sup> Jl 3, 1; Act 2, 17.

<sup>249</sup> «Ao escrever-vos, é a Jesus que falo, assim é-me mais fácil exprimir os meus pensamentos» (Ms B, 1 vº).

<sup>250</sup> Ct 231.

<sup>251</sup> J. Paulo II, *Carta aos Jovens*, n. 15.

## LIVROS

**Salvador Ros García** (Coord.), *La Recepción de los Místicos. Teresa de Jesús y Juan de la Cruz*, Ediciones Universidad Pontificia de Salamanca, Centro Internacional Teresiano-Sanjuanista (Plaza de la Santa, 2, 05001 Ávila), 1997.

Em Setembro de 1996 teve lugar em Ávila, Espanha, no Centro Internacional dirigido pelos PP. Carmelitas Descalços, um Congresso Internacional Teresiano-Sãojoanista. Este volume recolhe os estudos apresentados durante este Congresso, primeira actividade do Centro Internacional após o convénio de colaboração e reconhecimento de estudos celebrado em Junho do mesmo ano com a Universidade Pontifícia de Salamanca.

Os estudos que este livro recolhe são, como se escreve no Prólogo, «uma conjugação de tradição e actualidade, de estudo do passado e projecção presente e futura, de história de séculos gloriosos e de vida presente e imediata no nosso tempo. Conjugam passado e presente, sem se esquecer de preparar o futuro; conhecer a fundo as raízes da nossa fé e da nossa cultura cristã, e fazê-las florescer e dar frutos novos em cada dia; estudar a fundo os mestres de sempre e traduzir a sua linguagem para a linguagem dos discípulos de hoje», é, aliás, o objectivo deste Centro organizador do Congresso a que também nós temos acesso agora.

As conferências proferidas neste Congresso encontram-se reunidas em três secções: actualidade de Santa Teresa de Jesus (História, Literatura, Pensamento), actualidade de S. João da Cruz (História, Literatura, Pensamento) e a espiritualidade do Carmelo teresiano-sãojoanista a caminho do século XXI, além das lições de abertura e de encerramento. Apesar da particularidade do título que se nos apresenta, descobre-se facilmente como esta obra tem a ver tanto com a conjuntura do terceiro milénio que já nos bate à porta, bem como com as mudanças operadas neste século XX de que nos vamos despedindo, e ainda com a proposta de um novo paradigma, o acontecimento conciliar e o exame da sua recepção (Cf. Apresentação, p. 14).

Uma breve palavra sobre cada uma das três secções pode ajudar-nos a saborear e a desejar ruminar todo o conteúdo substancial desta obra que nasceu como fruto de um estudo conjunto de alguns anos de investigação. A primeira parte está dedicada a Santa Teresa com dez estudos que nos oferecem uma panorâmica substancial do itinerário e dos resultados a que chegou a investigação teresiana. A actualidade de S. João da Cruz vem tratada na segunda parte e foi a mais estudada do Congresso se tivermos em conta o número de intervenções (quatorze) que são o reflexo do aprofundamento que o IV Centenário da sua morte, em 1991, provocou em termos de investigação; de qualquer maneira, também aqui fica ainda muito por fazer para chegarmos a uma verdadeira releitura enriquecedora da sua obra. Finalmente, a terceira parte, aparece como um complemento lógico das anteriores: justifica-se «em primeiro lugar, para não perder de vista o que no caso de Teresa de Jesus e João da Cruz continua a ser uma recepção continuada, tão aberta e incompleta como a sua própria obra; em segundo lugar, pela necessidade de conhecer o mundo do século XXI onde se produzirá essa nova recepção, o reencontro inculturado com os místicos; e em terceiro lugar, por tudo o que tal supõe de compromisso irrecusável para o Carmelo Teresiano-Sãojoanista» (Apresentação, p. 20).

Por tudo isto vale bem a pena adquirir este volume, estudá-lo, reservar-lhe um lugar de destaque nas nossas bibliotecas, e tê-lo sempre à mão para, em qualquer momento, também nós recebermos os místicos que continuam a ser os homens e mulheres do nosso tempo.



